

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ – UNIFAP
DEPARTAMENTO DE LETRAS, ARTES E COMUNICAÇÃO
COLEGIADO DE JORNALISMO

ÉERICA DA CRUZ FAVACHO

**A COBERTURA JORNALÍSTICA NA EDITORIA DE ESPORTE NO JORNALISMO
IMPRESSO DO AMAPÁ: ESTUDO DOS JORNAIS A GAZETA E JORNAL DO DIA**

MACAPÁ-AP
2015

ÉRICA DA CRUZ FAVACHO

**A COBERTURA JORNALÍSTICA NA EDITORIA DE ESPORTE NO JORNALISMO
IMPRESSO DO AMAPÁ: ESTUDO DOS JORNAIS A GAZETA E JORNAL DO DIA**

Monografia apresentada ao Colegiado do
Curso de Jornalismo da Universidade
Federal do Amapá, como requisito parcial
para obtenção do grau de bacharel em
jornalismo.

Orientador: Prof. Msc. Antônio Carlos
Sardinha.

**MACAPÁ-AP
2015**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
BACHARELADO EM JORNALISMO**

A cobertura jornalística na editoria de Esporte no jornalismo impresso do Amapá: estudo dos jornais A Gazeta e Jornal do Dia

AUTORA: Érica da Cruz Favacho

Defesa em: 28 de agosto de 2015

Conceito obtido: 9,5

BANCA EXAMINADORA

Prof. Msc. Antônio Carlos Sardinha

Prof^a. Dr^a. Isabel Regina Augusto

Prof^a Esp. Kelly Tathiane Tork Pantoja

AGRADECIMENTOS

Chegar ao final de qualquer jornada requer muito esforço. Concluir o curso de jornalismo também não foi diferente. Por isso, ao chegar esse momento quero agradecer a Deus em primeiro lugar. Ele me deu a força necessária para ir em frente e me iluminou sempre.

Agradeço à minha família, porque sem ela seria muito mais difícil. Meus pais e irmãos sempre acreditaram em mim e me incentivaram. Meu pai querido não vai estar ao meu lado nesse momento, mas esteve no começo e agora, onde ele estiver, vai se alegrar com mais esta conquista.

Agradeço aos professores que compartilharam conhecimentos e deram os encaminhamentos necessários para que a aprendizagem pudesse acontecer. Aos colegas, obrigada pela parceria e ajuda.

“A coisa mais difícil do mundo é dizer pensando o que todos dizem sem pensar”.

Émile Auguste Chartier Alain

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: As notícias são a resultante de um processo sincrético, ou seja, histórico e presente, no qual interagiram e interagem várias forças: pessoal, social (organizacional e extra-organizacional), ideológica, cultural, histórica e do meio físico e tecnológico (Sousa, 2002).....	22
Figura 2: Nota veiculada no jornal A Gazeta, na edição de 20 de setembro de 2014.....	51
Figura 3: Nota publicada no jornal A Gazeta, na edição de 7 de outubro de 2014.....	52
Figura 4: Notícia publicada no jornal A Gazeta, na edição de 5 de outubro de 2014.....	53
Figura 5: Notícia publicada no jornal A Gazeta, na edição de 31 de agosto e 01 de setembro de 2014.....	56
Figura 6: Notícia publicada no jornal A Gazeta, na edição de 27 de novembro de 2014.....	57
Figura 7: Notícia publicada no jornal A Gazeta, na edição de 27 de novembro de 2014.....	58
Figura 8: Nota publicada no jornal A Gazeta, na edição de 23 e 24 de novembro de 2014.....	59
Figura 9: Nota publicada no jornal A Gazeta, na edição de 27 de novembro de 2014.....	61
Figura 10: Nota publicada no jornal A Gazeta, na edição de 23 de setembro.....	62
Figura 11: Notícias publicadas no jornal A Gazeta, na edição de 21 e 22 de setembro de 2015.....	63
Figura 12: Nota publicada no jornal A Gazeta, na edição de 27 de novembro de 2014.....	66
Figura 13: Nota publicada no jornal A Gazeta, na edição de 7 de outubro de 2014.....	67
Figura 14: Notícia publicada no jornal A Gazeta, na edição de 7 de outubro de 2014.....	71
Figura 15: Nota publicada no Jornal do Dia, na edição de 20 de setembro de 2014.....	72
Figura 16: Notícia publicada no Jornal do Dia, na edição de 09 e 10 de novembro de 2014.....	73
Figura 17: Nota publicada no Jornal do Dia, na edição de 6 de novembro de 2014.....	76
Figura 18: Nota publicada no Jornal do Dia, na edição de 20 de setembro de 2014.....	78

Figura 19: Nota publica no Jornal do Dia, na edição de 4 de novembro de 2014.....	79
Figura 20: Página da editoria de Esporte do Jornal do Dia, na edição de 14 de novembro de 2014.....	81

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Itens relacionados a esporte publicados nos jornais A Gazeta e Jornal do Dia.....	49
Gráfico 2: Gêneros jornalísticos utilizados no jornal A Gazeta.....	53
Gráfico 3: Ilustrações utilizadas pelo jornal A Gazeta.....	54
Gráfico 4: Abrangência geográfica da notícia no jornal A Gazeta.....	60
Gráfico 5: Identificação de quem assina o conteúdo publicado no jornal A Gazeta.....	64
Gráfico 6: Esportes abordados nas publicações do jornal A Gazeta.....	65
Gráfico 7: Fontes utilizadas nos itens publicados no jornal A Gazeta.....	68
Gráfico 8: Critérios de noticiabilidade mais encontrados nas publicações do jornal A Gazeta.....	70
Gráfico 9: Gêneros jornalísticos utilizados no Jornal do Dia.....	74
Gráfico 10: Ilustrações utilizadas pelo Jornal do Dia.....	75
Gráfico 11: Abrangência geográfica da notícia no Jornal do Dia.....	77
Gráfico 12: Identificação de quem assina o conteúdo publicado no Jornal do Dia.....	79
Gráfico 13: Esportes abordados nas publicações do Jornal do Dia.....	82
Gráfico 14: Fontes utilizadas nos itens publicados no Jornal do Dia.....	83
Gráfico 15: Critérios de noticiabilidade mais encontrados nas publicações do Jornal do Dia.....	84

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. CAPÍTULO I: FUNDAMENTOS CONCEITUAIS	
1.1 Teorias do jornalismo e o processo de construção da notícia.....	14
1.2 Teoria Multifatorial da notícia.....	20
1.3 Critérios de noticiabilidade e a informação esportiva.....	23
1.4 Jornalismo especializado: campo esportivo	30
1.4.1 Aspectos históricos do Jornalismo esportivo no Brasil e no Amapá	34
2. CAPÍTULO II: ANÁLISE DE CONTEÚDO: o método	
2.1 Proposta metodológica: Análise de Conteúdo.....	37
2.2 O método	39
2.3 Críticas.....	42
2.4 Apresentação dos critérios e amostras de análise	43
3. CAPÍTULO III: ANÁLISE DE DADOS: Jornal A Gazeta e Jornal do Dia	
3.1 Apresentação dos jornais.....	48
3.2 Coleta do <i>corpus</i>	49
3.2.1 Jornal A Gazeta.....	50
3.2.1.1 Gêneros jornalísticos e recursos visuais	50
3.2.1.2 Distribuição dos itens sobre esporte ao longo do jornal	54
3.2.1.3 Abrangência da notícia	57
3.2.1.4 Autoria dos itens noticiosos	60
3.2.1.5 Esportes abordados.....	64
3.2.1.6 Fontes.....	65
3.2.1.7 Critérios de noticiabilidade	68
3.2.2 Jornal do Dia	71
3.2.2.1 Gêneros jornalísticos e recursos visuais	71
3.2.2.2 Distribuição dos itens sobre esporte ao longo do jornal	75

3.2.2.3 Abrangência da notícia	76
3.2.2.4 Autoria dos itens noticiosos	77
3.2.2.5 Esportes abordados	80
3.2.2.6 Fontes.....	82
3.2.2.7 Critérios de noticiabilidade	83
3.2.3 Síntese.....	85
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
REFERÊNCIAS.....	94
ANEXO: Formulário de codificação	

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar o conteúdo da editoria de esportes dos jornais amapaenses A Gazeta e Jornal do Dia. Para a observação, tomou-se como escopo as edições do período de setembro, outubro e novembro de 2014 de cada um dos impressos. A análise é fundamentada no modelo de Bardin e perpassa, ainda, pelo estudo das teorias do jornalismo proposto por Traquina e Sousa, e dos critérios de noticiabilidade, de Galtung e Ruge (1965). O estudo pauta-se também nas considerações e discussões feitas em relação ao jornalismo esportivo dentro da perspectiva da especialização, segundo Tavares (2009). Nesse aspecto, na pesquisa se constatou que a lógica de especialização do jornalismo, adotada pelos veículos em questão, é a de divisão temática, isto é, em cadernos/editoriais, sem um viés de cobertura especializada na abordagem qualitativa e aprofundada do conteúdo. Além disso, ao analisar o conteúdo, sob o viés da noticiabilidade, concluiu-se que a abordagem feita pelas publicações de itens esportivos não configura um retrato da realidade das práticas locais relacionadas ao universo dos esportes, porque ainda está muito atrelada à reprodução de materiais externos (de outros estados).

Palavras-chave: análise de conteúdo; critérios de noticiabilidade; esportes; A Gazeta; Jornal do Dia.

ABSTRACT

This work aims to analyze the contents of the editorship of sports Amapá newspapers The Gazette and Journal of the Day. To observe, it was taken as scope editions of the period of September, October and November 2014 of each print. The analysis is based on Bardin model and permeates also the study of theories of journalism proposed by Teasing and Sousa, and newsworthiness criteria, Galtung and Ruge (1965). The study is guided also in discussions and considerations made in relation to sports journalism from the perspective of specialization, according to Tavares (2009). In this respect, research it was found that the journalism specialization logic, adopted by the vehicle in question is the theme of division, that is, notebooks / editorials, without a specialized coverage bias in qualitative and in-depth approach to content. In addition, by analyzing the content, under the bias of newsworthiness, it was concluded that the approach taken by the publications of sporting goods does not constitute a portrait of the reality of local practices related to the sports world because it is still very tied to reproductive material external (from other states).

Keywords: content analysis; newsworthiness criteria; sports; *The Gazette* (A Gazeta); *Newspaper Day* (Jornal do Dia).

INTRODUÇÃO

A proposta desta pesquisa é analisar a cobertura jornalística na editoria de esporte no jornalismo impresso do Amapá. Para isso, fez-se o estudo das edições do período de setembro, outubro e novembro de 2014 dos jornais A Gazeta e Jornal do Dia. Para a investigação buscou-se fundamento teórico na análise de conteúdo, proposta por Bardin; na observação das teorias do jornalismo propostas por Traquina e Sousa, e nos critérios de noticiabilidade, de Galtung e Ruge (1965). A análise pauta-se também nas considerações e discussões feitas em relação ao jornalismo esportivo dentro da perspectiva da especialização, segundo Tavares (2009).

Ademais, foi preciso considerar o conceito de notícia, ou seja, o que se entende, mesmo que subjetivamente, ser um fato de relevância para o público que mereça ser dado conhecimento pela mídia. Estudar a cobertura jornalística na editoria de esportes, a partir dos dois jornais amapaenses de maior circulação no Estado justifica-se, portanto, na busca por entender o que é levado em consideração pelos impressos locais quando decidem publicar conteúdo esportivo em suas edições, considerando as especificidades do jornalismo local.

Para analisar o processo de produção da notícia é preciso observar diversos aspectos, portanto, no capítulo introdutório deste trabalho recorre-se a referências que versam sobre as Teorias do Jornalismo, e mais atentamente do Paradigma Construcionista, ou seja, as Teorias Interacionista e Estruturalista; além do estudo a respeito dos Critérios de Noticiabilidade, sobretudo os propostos por Galtung e Ruge.

A análise de conteúdo da editoria de Esportes dos jornais amapaenses A Gazeta e Jornal do Dia é levada, ainda, a pontuar jornalismo especializado. Pois, antes de fazer qualquer inferência a respeito do que é noticiado e buscar entender/justificar o motivo de um acontecimento estampar as páginas de um dos jornais em detrimento de outros fatos que acontecem e que nunca tornam-se notícia.

No segundo capítulo a metodologia da Análise de Conteúdo é apresentada. A pesquisadora Laurence Bardin é responsável pela aplicação de tais técnicas na investigação psicossociológica e nos estudos das comunicações de massa. A Análise, como outras, não tem unanimidade enquanto proposta metodológica a ser empregada, e as críticas recebidas por ela advêm, principalmente, por causa da herança do Positivismo *Comtiano* em que está inserida. Por isso, nesse capítulo apresentam-se também as críticas, bem como os critérios e amostras de análise. A análise de dados está contextualizada no terceiro e último capítulo. Nele os jornais A Gazeta e Jornal do Dia serão apresentados, bem como a coleta do *corpus*. Em seguida é feito o detalhamento das unidades de análise em cada um dos impressos. Neste

sentido foram considerados os gêneros jornalísticos e os recursos visuais diagnosticados; a distribuição dos itens sobre esporte ao longo dos jornais; a abrangência da notícia; a autoria dos itens noticiosos; os esportes abordados; as fontes; e os critérios de noticiabilidade. E por fim, faz-se a relação entre os jornais.

CAPÍTULO I

1. Fundamentos conceituais

1.1 Teorias do jornalismo e o processo de construção da notícia

Contam-se inúmeras tentativas de sistematizar os estudos sobre jornalismo e, conseqüentemente, de reunir teorias que expliquem por que as notícias são como são. No entanto, o próprio termo “teoria” causa discussões, por poder significar apenas explicações interessantes e plausíveis, mas não um conjunto elaborado e interligado de princípios e proposições (TRAQUINA, 2005). Por essa via, perpassa a discussão sobre a falta de teorias que investiguem e reflitam epistemologicamente o jornalismo, que, pelo contrário, continua se utilizando de pesquisas pensadas em e para outras áreas e que, pela falta de materiais específicos, recorrem a adaptações que tentam explicar o desenvolvimento do campo de estudo.

Neste contexto, em que se percebem perspectivas teóricas distintas sobre o processo de construção do campo do jornalismo, destacam-se Traquina e Sousa, que contribuem para sistematizar as diferentes abordagens. Tal escolha justifica-se pelo fato de o primeiro oferecer uma sistematização sobre as principais abordagens teóricas sobre o jornalismo, e o segundo, por apresentar uma tentativa de teoria sobre a notícia.

Traquina (2005) trata das teorias do Espelho, do *Gatekeeper*, da Organizacional, de Ação Política, e do Paradigma Construcionista, que engloba as perspectivas Estruturalista e Interacionista. Destaque para as **Teorias do Espelho** ou **Paradigma do Espelho** por ser um das primeiras tentativas de compreender as razões pelas quais as notícias são como são. Visão, inspirada no Positivismo de Auguste Comte, apresenta o jornalista como narrador desinteressado, com a missão de apresentar relatos fiéis e objetivos, sem emitir opinião, tal qual um espelho refletindo a verdade exata.

O processo de comercialização, industrialização e profissionalização dos jornalistas, nos países desenvolvidos, foi incrementado no século XIX e consolidado no início do século XX. Com este novo jornalismo (jornalismo de informação) surge a idéia da possibilidade de uma separação precisa entre a divulgação de fatos e opiniões. Essa presunção, ainda hoje prevalecente na maioria das redações, vincula-se ao positivismo, que reinou na ciência e em todo esforço técnico-científico ambicionando imitar o novo invento da máquina fotográfica, capaz de reproduzir o mundo real como um espelho (ROCHA, 2008).

Traquina (2005, p. 146) expõe que a **Teoria do Espelho** surge com a intenção de explicar porque as notícias são como são. É “a teoria oferecida pela própria ideologia profissional dos jornalistas (pelo menos nos países ocidentais). É a teoria mais antiga e responde que as notícias são como são porque a realidade assim as determina”.

Central à teoria é a noção-chave de que o jornalista é um *comunicador desinteressado*, isto é, um agente que não tem interesses específicos a defender e que o desviam da sua missão de *informar, procurar a verdade*, contar o que aconteceu, *doar a quem doar* (TRAQUINA, 2005, p. 147).

Além dessa noção que apresenta o jornalista como detentor ou conhecedor da verdade, tem-se, ainda, a **Teoria da Ação Pessoal** ou a **Teoria do “gatekeeper”**. O supracitado autor determina que “na literatura acadêmica sobre o jornalismo, a primeira teoria que surgiu foi a teoria do *gatekeeper* avançado nos anos 1950 por David Manning White” (TRAQUINA, 2005, p. 149).

Nesta teoria, o processo de produção da informação é concebido como uma série de escolhas onde o fluxo de notícias tem de passar por diversos *gates*, isto é, “portões” que não são mais do que áreas de decisão em relação às quais o jornalista, isto é o *gatekeeper*, tem de decidir se vai escolher essa notícia ou não. Se a decisão for positiva, a notícia acaba por passar pelo “portão”; se não for, a sua progressão é impedida, o que na prática significa a sua “morte” porque significa que a notícia não será publicada, pelo menos nesse órgão de informação (TRAQUINA, 2005, p. 150).

Traquina (2005, p. 152) apresenta também a teoria impulsionada pelos estudos de Warren Breed. A **teoria organizacional** surge para mostrar que ao se pensar por que as notícias são como são não se pode deixar de lado os “constrangimentos organizacionais [exercidos] sobre a atividade profissional do jornalista”.

É na perspectiva oferecida por esta teoria que se debate até que ponto a política editorial da organização influencia as crenças pessoais do jornalista, uma vez que, no momento em que este é inserido na cultura organizacional que norteia aquele (a) veículo e/ou empresa jornalístico (a) ele passa a segui-la de maneira conformada, nos dizeres de Traquina.

Diversamente deste conformismo, tem-se o que propõe as **teorias de ação política**. Nesta proposta, os *media* noticiosos são vistos como instrumentos a serviço de interesses políticos. De acordo com Traquina (2005, p. 163), independentemente de qual lado político estas teorias estejam, “defendem a posição de que as notícias são distorções sistemáticas que servem os interesses políticos de certos agentes sociais bem específicos que utilizam as notícias na projeção da sua visão do mundo, da sociedade, etc.”.

[...] Certamente, como escreve Gaye Tuchman (1991), a nova fase dos estudos noticiosos alargou o âmbito das suas preocupações do nível do indivíduo, ao nível da organização, ao nível da comunidade profissional. Na nova fase de investigação, a relação entre o jornalismo e a sociedade conquista uma dimensão central: o estudo do jornalismo debruça-se sobre as implicações políticas e sociais da atividade jornalística, o papel social das notícias, e a capacidade do Quarto Poder em

corresponder às enormes expectativas em si depositadas pela própria *teoria democrática* (TRAQUINA, 2005, p. 161).

Observadas e contextualizadas essas primeiras teorias trazidas por Traquina, passa-se agora a observar mais atentamente as **teorias construcionistas** por se fazerem de suma importância para o objetivo principal deste trabalho: proceder à análise de conteúdo de notícias esportivas de dois jornais impressos. Afinal, ao fazer-se abordagem de assuntos como seleção de notícias, critérios de noticiabilidade e valores-notícia, adentra-se no que é proposto pelo Paradigma Construcionista (Teoria Interacionista e Teoria Estruturalista), quando se tem a notícia como uma construção social.

Um primeiro aspecto de mudança percebido é que, ao conceber as notícias como construção, a ideia de espelho da realidade torna-se inviável. O referido autor enumera alguns aspectos que demonstram esta diferença. “Em primeiro lugar, argumenta que é impossível estabelecer uma distinção radical entre a realidade e os *media* noticiosos que devem ‘refletir’ essa realidade, porque as notícias ajudam a construir a própria realidade” (TRAQUINA, 2005, p. 168).

Ademais, a própria linguagem não pode funcionar como transmissora direta do significado ligado aos acontecimentos, afinal é impossível uma linguagem neutra. E por fim, não se pode evitar que os *media* noticiosos organizem sua representação dos acontecimentos a partir de fatores que vão desde a organização do trabalho jornalístico, passando por questões de orçamento, até questões imprevisíveis que querem respostas.

Na linha de pensamento que encontra papel dos *media* na reprodução da “ideologia do dominante” – tal qual a versão de esquerda da teoria de ação política – está a **teoria estruturalista**. Mas, diz Traquina (2005, p 175), “ao contrário da teoria de ação política, a teoria estruturalista reconhece a ‘autonomia relativa’ dos jornalistas em relação a um controle econômico direto”.

O que se tem desta teoria é que o processo de produção das notícias supõe de antemão que a sociedade concorda com as ideias repassadas pelos *media*, e mais, que isso é reforçado pelo papel desempenhado pelas notícias como meio de reprodução ideológico. É por isso que elas adquirem importância crucial nesse processo.

A título de conceituação, Salatiel (2008) orienta que “o estruturalismo é mais um método de análise, que consiste em construir modelos explicativos de realidade, chamados estruturas”. Estas estruturas formam um sistema abstrato, com elementos dependentes um dos outros. Em seguida, o autor diz que se trata de “um método que contraria o empirismo, que vê

a realidade como sendo constituída de fatos isolados. Para o estruturalismo, ao contrário, não existem fatos isolados, mas partes de um todo maior”.

A concepção, proposta pelo estruturalismo, de que as notícias são reflexos construídos pela ideologia dominante encontra fundamento, entre outros elementos, na forma como se organiza o campo jornalístico, a rede noticiosa e a relação do jornalismo com o poder. Isso significa que tal teoria considera que, ao “favorecer” o discurso das fontes oficiais, no processo de apuração da notícia, o jornalismo contribui para a manutenção da estrutura política, econômica e social vigente, evidenciada, por exemplo, no tom de consenso transmitido pelas notícias.

Nesta abordagem, em que se faz referência à corrente estruturalista, faz-se necessário destacar que:

O aparato conceitual [...] que conhecemos como estruturalismo, ou corrente do pensamento estruturalista, ainda que envolvendo seus múltiplos fundamentos, não é suficiente para considerá-lo, em rigor, como um dos modelos teóricos puramente voltados à Comunicação Social surgidos com a modernidade que impulsionou a expansão dos *mass media* (CARRASCOZA; FURTADO, 2009, p. 175).

Ao sublinhar isso, os autores demonstram uma visão crítica quanto ao uso dos ideais desta corrente voltados para o estudo das teorias da comunicação, uma vez que a linha de reflexão foi utilizada por diversas disciplinas das ciências humanas, a exemplo da linguística, antropologia, psicologia, filosofia (CARRASCOZA; FURTADO, 2009).

Ao pensar a notícia como construção, recorremos às contribuições da perspectiva **interacionista**. Para esta, “as notícias são o resultado de um processo de produção, definido como a percepção, seleção e transformação de uma matéria-prima (os acontecimentos) num produto (as notícias) (TRAQUINA, 2005, p. 180)”. E, antes de se aprofundar no que a teoria propõe para o campo jornalístico, mostra-se pertinente abordar o interacionismo simbólico, para conseguir vislumbrar de que maneira a “interação” em sociedade vai influenciar no processo de construção da notícia.

Para os interacionistas simbólicos, o significado é um dos mais importantes elementos na compreensão do comportamento humano, das interações e dos processos. Os interacionistas argumentam que, para alcançar uma compreensão plena do processo social, o investigador precisa se apoderar dos significados que são experienciados pelos participantes em um contexto particular (JEON, 2004 apud CARVALHO; BORGES; RÉGO, 2010, p. 153).

Neste cenário, em que as pessoas agem de acordo com os significados que são apresentados a elas, considerando a interação social e o processo interpretativo de cada um, os acontecimentos constituem a matéria-prima para a produção da notícia. Ao fazer a seleção do que tratar, o jornalista escolhe o que vai ser notícia, ou nas palavras de Traquina, o que merece “adquirir existência pública de notícia”, ou seja, o que é noticiável, considerando-se que a ele é dado o pólo ativo na construção da realidade. De forma sintética, pode-se entender que a construção social da notícia resulta de um processo que envolve percepção, seleção e transformação de acontecimentos em notícias.

Ainda sobre a produção social das notícias, e considerando a importância dos significados que elas podem adquirir quando são colocadas para o conhecimento das pessoas, por meio dos *media*, Traquina (apud Hall et. al.) remarca que, ainda que se considere o caráter de inconstância, de rápida mudança e acontecimentos inesperados, não se pode pensar na notícia apenas como conjunto de fatos aleatórios. Pelo contrário, é preciso levar em consideração os significados que provocam em quem as recebe.

As coisas são noticiáveis porque elas representam a volubilidade, a imprevisibilidade e a natureza conflituosa do mundo. Mas não se deve permitir que tais acontecimentos permaneçam no limbo do ‘aleatório’ – devem ser trazidos aos horizontes do ‘significativo’. Este trazer de acontecimentos vulgares e inesperados para os ‘mapas do significado’ que já constituem a base do nosso conhecimento cultural, no qual o mundo social já está ‘traçado’. A identificação social, classificação e contextualização de acontecimentos noticiosos em termos destes quadros de referência de fundo constitui o processo fundamental através do qual os *media* tornam o mundo a que fazem referência inteligível a leitores e espectadores (TRAQUINA, 2005 apud HALL et. al., 1978, p. 226).

A perspectiva interacionista para pensar o jornalismo leva em consideração, também, o fator tempo como influenciador do trabalho jornalístico. Assim, as horas de fechamento a serem cumpridas pelo jornalista faz com que as empresas do ramo se vejam compelidas a elaborar estratégias para dar conta dos acontecimentos que surgem em qualquer parte e a qualquer momento. Diante do imprevisível, resta às empresas a tarefa de “impor ordem no espaço e no tempo”.

A perspectiva interacionista ressalta, ainda, o papel de destaque das fontes oficiais – os chamados definidores primários – em relação às demais fontes de informação – definidores secundários. No entanto, diferente da Teoria Estruturalista, esse “favorecimento” não é algo estático e automático, pelo contrário, é um processo dinâmico, tendo em vista que há uma busca permanente de vantagem pelo acesso ao campo jornalístico.

Em contraponto a essa perspectiva, Sousa (2002) assume a visão construcionista das notícias, o que significa, para ele, uma ultrapassagem e um aproveitamento daquilo visto como pertinente das teorias organizacional e estruturalista, assim como das teorias da ação pessoal. O autor refuta a Teoria do Espelho por enquadrá-la no rol das “teorias estafadas” e propõe um modelo que busca agrupar elementos das diversas correntes. Para ele:

[...] uma teoria do jornalismo deve partir da observação de que há notícias jornalísticas e de que estas têm efeitos. Em resultado desta evidência, uma teoria do jornalismo deve centrar-se no produto jornalístico - a notícia jornalística, explicando como surge, como se difunde e quais os efeitos que gera. Em suma, a teoria do jornalismo deve consubstancializar-se como uma teoria da notícia e responder a duas questões: a) Por que é que as notícias são como são e por que é que temos as notícias que temos (circulação)? b) Quais os efeitos que as notícias geram? Uma teoria da notícia, à semelhança de outras teorias científicas, deve ser enunciada de maneira breve e clara, deve ser universal, deve ser traduzível matematicamente e deve ainda ser predictiva. Deve atentar no que une e é constante e não no que é accidental. Isto significa que o enunciado da teoria deve ser contido, explícito e aplicável a toda e qualquer notícia que se tenha feito ou venha a fazer (SOUSA, 2002, p. 15).

Como se percebe, a ideia do autor, ao elaborar a Teoria Multifatorial, está em dar fundamento suficiente para explicar o contexto em que as notícias estão inseridas, desde a sua concepção até os efeitos que podem gerar na sociedade. Neste sentido pode-se considerar que se assemelha às demais teorias, surgidas anteriormente, já que todas tiveram como ponto de partida a tentativa de explicar os porquês das notícias. Mas, um aspecto relevante da proposta de Sousa diz respeito à sua preocupação em oferecer princípios claros e universais, por isso, demonstrados em forma matemática, para que possam ser aplicados em qualquer notícia. É possível dizer que se trata de um estudo embasado em orientações das ciências exatas, porém, pensado sob a perspectiva das ciências humanas, em que a comunicação está inserida, e mais especificamente, o jornalismo.

Neste sentido, Silva (2008) faz críticas no que se refere a esse tipo de análise, dita por ela como mecânica. “O que muitas vezes se observa nos estudos descritivos são combinações desses modos aqui relatados, buscando estabelecer modelos comunicativos, vetores de influência, organogramas administrativos e até fórmulas matemáticas” (SILVA, 2008, p.12). No entanto, Sousa defende a proposta ao dizer que, “a matematização não escamoteia a complexidade dos factores que impulsionam e direccionam a construção das notícias nem a complexidade dos efeitos das mesmas” (SOUSA, 2002, p. 16). Para ele, o fato de se utilizar da matemática permite apenas explicitar o que estrutura a construção das notícias e os seus efeitos.

1.2 Teoria Multifatorial da notícia

Sousa (2002, p. 1) reforça a compreensão de que os teóricos do jornalismo têm-se dividido em dois campos quanto à construção de uma teoria unificada do jornalismo. Segundo ele, autores como Traquina (2002) e Viseu (2003) defendem que “ainda não é possível formular uma teoria do jornalismo”, ao passo que autores como Shomaker e Reese (1992), além do próprio Jorge Pedro Sousa, sustentam que “já existe conhecimento suficiente sobre o jornalismo para se edificar uma teoria do jornalismo”.

É baseado nessa defesa que Sousa propõe um modelo assentado em duas equações interligadas. A primeira foca nas notícias e a segunda nos seus efeitos. Assim, o autor diz que na “primeira fórmula, a notícia é vista como uma função de seis forças (pessoal, social, ideológica, cultural, histórica e do meio físico e tecnológico); na segunda, os efeitos das notícias são vistos como uma função da notícia, das pessoas e das suas circunstâncias” (SOUSA, 2002, p. 1).

(1) a notícia jornalística é o produto da interação histórica e presente (*sincrética*) de forças *pessoais, sociais (organizacionais e extra organizacionais), ideológicas, culturais, históricas e do meio físico e dos dispositivos tecnológicos que intervêm na sua produção* e através dos quais são difundidas; e (2) que as notícias têm efeitos *cognitivos, afectivos e comportamentais* sobre as pessoas e, através delas, sobre as sociedades, as culturas e as civilizações (SOUSA, 2002, p. 2).

A teoria pode ser traduzida, matematicamente, por duas funções interligadas num sistema:

$$N = f (Fp.Fso.Fseo.Fi.Fc.Fh.Fmf.Fdt)$$

$$En = f (Nf.Nc.P.Cm.Cf.Cs.Ci.Cc.Ch)$$

De acordo com a primeira equação, a notícia (N) é função de várias forças:

- **Força pessoal (Fp)** – As notícias estão ligadas às pessoas e às suas intenções, ou seja, resultam da capacidade pessoal dos seus autores e dos atores que nela e sobre ela intervêm. No modelo proposto por Sousa a primeira equação considera, por exemplo, “o papel individual do jornalista como *gatekeeper*, a utilização de rotinas cognitivas ou a auto-imagem que o jornalista tem de si e do seu papel social como exemplos de *forças pessoais*” (SOUSA, 2002, p. 5).

A equação leva em consideração também as *rotinas produtivas* por estarem situadas entre a força pessoal e a força social. Elas correspondem a formas ditas “mecanicistas” de

proceder. De igual modo, o *fator tempo* está a meio caminho entre as forças pessoais e sociais, uma vez que afeta os produtores de informação e as fontes.

- **Força social** – Pode situar-se em diferentes níveis. O que é explicado da seguinte forma: “uma *força sócio-organizacional* – **Fso** (que se refere aos constrangimentos decorrentes das organizações noticiosas) e uma *força social extra-organizacional* – **Fseo** (referente a todos os constrangimentos que influenciam o jornalismo a partir do exterior)” (SOUSA, 2002, p. 5).

- **Força ideológica (Fi)** – A notícia também sofre *constrangimentos ideológicos (força ideológica)*. Para o autor, “a força ideológica sobre as notícias exerce-se a vários níveis, começando pelas ideologias profissionais da objectividade e do profissionalismo”. Entende-se que o conteúdo ideológico da notícia decorre, sobretudo, das práticas profissionais, e que por isso, pode funcionar como “um produto para a amplificação dos poderes dominantes, para a definição do legítimo e do ilegítimo, do normal e do anormal e para a sustentação do *status quo* [...]” (Sousa, 2002, p. 6).

- **Força cultural (Fc)** – As notícias também variam em função do *sistema cultural* em que são produzidas. As perspectivas que se têm do mundo e a significação que se atribui a esse mundo são condicionadas por esses sistemas. Para tanto, leva-se em consideração os “enquadramentos” (*frames*) em que foram produzidas e os códigos (simbólicos e culturais) usados para a produção das notícias, que permitem seu reconhecimento pela audiência.

- **Força do meio físico (Fmf)** – As notícias dependem do *meio físico e dos dispositivos tecnológicos* sobre o trabalho jornalístico. Não existem muitos estudos sobre o assunto, mas não por isso pode-se deixar de mencionar que o local apropriado para o trabalho do jornalista e o ambiente que o cerca contribuem para a qualidade do que produz. Sousa (2002) menciona ainda a ação dos dispositivos tecnológicos. Ele lembra as mudanças ocorridas quando os computadores foram introduzidos nas redações, sem falar da inserção de máquinas fotográficas, filmadoras e telefones celulares.

- **Força histórica (Fh)** – Neste aspecto, o autor traz à tona os formatos ancestrais de narração, o conceito de atualidade, bem como a evolução histórica da tecnologia que proporcionou ao jornalismo novas tecnologias para a produção e difusão de notícias. Daí dizer que as notícias são um produto da história, durante a qual agiram as restantes forças que dão forma às notícias que existem no presente.

Para sintetizar o que foi apresentado acima, Sousa propõe um esquema gráfico para traduzir a primeira equação e mostrar como os elementos (funções) estão ligados e como eles agem para dar forma à notícia.

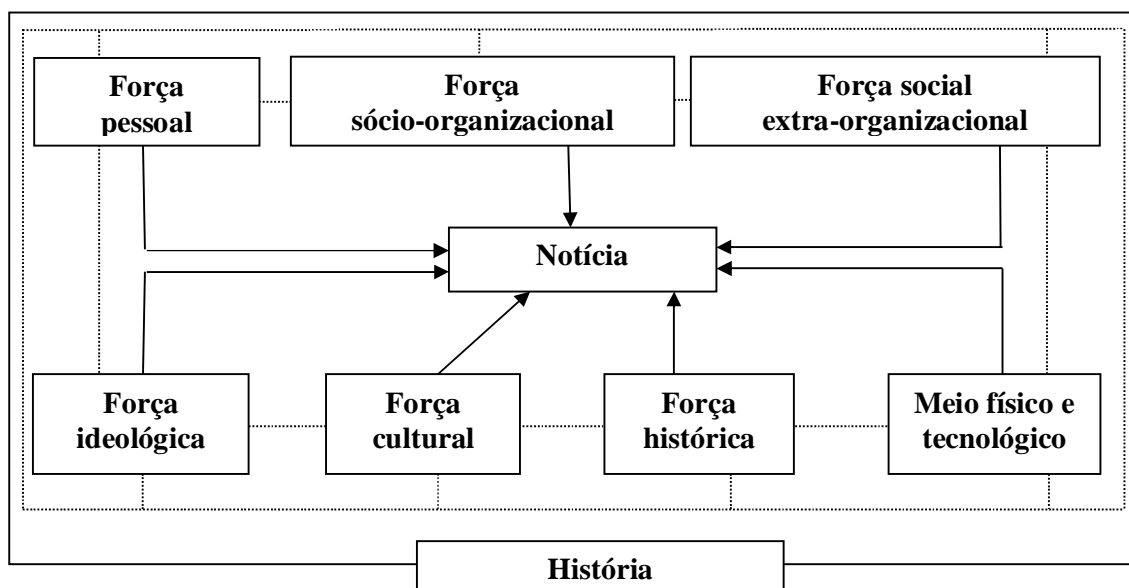


Figura 2: As notícias são a resultante de um processo sincrético, ou seja, histórico e presente, no qual interagiram e interagem várias forças: pessoal, social (organizacional e extra-organizacional), ideológica, cultural, histórica e do meio físico e tecnológico (Sousa, 2002).

Terminada a apresentação dos fatores que sustentam o modelo da primeira equação, passa-se agora a observação do que dá base à Segunda equação. Aqui o foco está nos efeitos produzidos pela notícia que podem ser interligados para a construção de uma teoria do jornalismo.

Para tanto, Sousa (2002) recorre a argumentos de outros autores que defendem, por exemplo, “que é necessário conhecer os conteúdos das notícias para se perceberem os respectivos efeitos; e que só se percebem os efeitos quando se conhecem os conteúdos”. Mais adiante, Shoemaker e Reese (1991; 1996 apud SOUSA, 2002, p. 7) realçam que “os efeitos das notícias sobre a sociedade, as instituições e os poderes podem, por sua vez, repercutir-se *retroactivamente* sobre os meios jornalísticos e, portanto, sobre as notícias e os seus conteúdos”.

[...] as notícias influenciam a sociedade, as pessoas, a cultura e as civilizações, mas também a sociedade, as pessoas, a cultura e as civilizações influenciam as notícias. As notícias fazem parte da realidade, contribuem para a construção de imagens da realidade, agendam temáticas de debate público, etc. A realidade, nomeadamente a agenda pública, funciona como referente das notícias (SOUSA, 2002, p. 7).

O autor continua dizendo que os efeitos de uma notícia dependem dela mesma e da *pessoa* que a consome. Isso se justifica pelo fato de que estas pessoas não apreendem as mesmas notícias e, ao fazerem, não é da mesma maneira. É baseado neste raciocínio que

Sousa (2002, p. 7) destaca que “antes de se pensar em efeitos sociais, ideológicos, culturais e civilizacionais das notícias é preciso atentar nos seus efeitos sobre as pessoas”.

Os efeitos das notícias variam em função das pessoas porque as pessoas são diferentes entre si e vivem rodeadas de diferentes *circunstâncias*. Isto não significa que não haja circunstâncias comuns a várias pessoas ou que algumas pessoas não apresentem suficientes semelhanças entre si para os efeitos dos meios serem semelhantes, sobretudo quando se pensa em efeitos a grande escala. Significa apenas que antes de se atentar nos efeitos a grande escala é preciso observar os efeitos sobre cada pessoa, porque, em última instância, cada caso é um caso (SOUSA, 2002, p. 8).

Os efeitos da notícia variam, também, em função do meio. A diferença relacionada à forma como a mensagem chega à pessoa deve levar em conta se é por meio do rádio, da televisão, do impresso, ou ainda, da internet. Afinal, para cada um desses, existe uma forma diferente para construir a notícia (o texto propriamente dito), sem contar os recursos de mídia que podem ser empregados. Isso vai atingir as pessoas de maneiras diferentes.

As circunstâncias históricas, os valores, as normas, as crenças, as relações sociais estabelecidas, as ideias referenciais, o sentido que a realidade assume para as pessoas devem ser considerados para pensar o efeito das notícias. Perceber esses elementos é importante, pois, quando se analisa os critérios adotados para a produção das notícias esportivas dos jornais A Gazeta e Jornal do Dia, deseja-se compreender quais são as ideias que referenciam a escolha do que noticiar. Afinal, “os efeitos das notícias dependem de todo o vasto conjunto de *circunstâncias sociais, ideológicas e culturais* que rodeiam o consumidor das mesmas” (SOUSA, 2002, p. 8).

1.3 Critérios de noticiabilidade e a informação esportiva

Considerar o conjunto de circunstâncias mencionadas anteriormente é, ao mesmo tempo, perceber que a escolha dos acontecimentos a serem noticiados em qualquer meio, seja rádio, televisão, internet, impresso, vai ser norteadada pelos “filtros” empregados pelos jornalistas. A esses filtros, Wolf (1985) denomina “valores-notícia”. E a resposta a esses valores vai levar à seleção daqueles acontecimentos que se mostram interessantes, significativos e relevantes a ponto de serem transformados em notícia. Para adentrar no conhecimento dos critérios que norteiam o que é noticiável jornalisticamente, é preciso, antes, entender o que é conceituado como notícia.

Segundo Leandro (2007, p. 1), “A notícia é o produto final de um processo social que resulta em alguma informação sendo publicada, enquanto outras são ignoradas e descartadas”.

O autor diz, ainda, que a notícia é resultado de um “hipotético cabo-de-guerra da notícia, no qual várias forças sociais medem seus poderes”. Neste cenário está presente o leitor, o proprietário do jornal e seus anunciantes ou parceiros, além dos profissionais de marketing. E cada um tem um interesse a ser defendido nesta relação.

Em se tratando de conceitos, a definição trazida por Sousa diz que:

Notícia é um artefacto lingüístico que representa determinados aspectos da realidade, resulta de um processo de construção onde interagem factores de natureza pessoal, social, ideológica, histórica e do meio físico e tecnológico, é difundida por meios jornalísticos e comporta informação com sentido compreensível num determinado momento histórico e num determinado meio sócio-cultural, embora a atribuição última de sentido dependa do consumidor da notícia (SOUSA, 2002, p. 4).

O autor defende que a notícia é um *artefato lingüístico* por ser uma construção humana baseada na linguagem – verbal ou de outra natureza, como a linguagem das imagens, por exemplo. Ele entende que para a notícia ser produzida, ou ainda, para que ela nasça, é preciso “a interação entre a *realidade perceptível*, os *sentidos* que permitem ao ser humano ‘apropriar-se’ da realidade, a *mente* que se esforça por apreender e compreender essa realidade e as *linguagens* que alicerçam e traduzem esse esforço cognoscitivo” (SOUSA, 2002, p. 4).

Ao jornalista cabe a tarefa de unir estas exigências no momento de escolher o que vai retratar em um texto jornalístico. O que ele considera ter valor-notícia. É ele quem vai selecionar e hierarquizar os acontecimentos que ganham o *status* de noticiáveis. Ao fazer a seleção é preciso adotar critérios que caracterizam informações, não apenas meros acontecimentos.

A respeito do que se entende por valor-notícia, Silva (2005, p. 96) explica que ao longo da cadeia produtiva da notícia deve-se investigar a rede de critérios de noticiabilidade, e compreender noticiabilidade (*newsworthiness*) como “todo e qualquer fator potencialmente capaz de agir no processo da produção da notícia”. São características do fato, julgamentos pessoais do jornalista, cultura profissional da categoria, condições favorecedoras ou limitantes da empresa de mídia, qualidade do material (imagem e texto), relação com as fontes e com o público, fatores éticos e ainda circunstâncias históricas, políticas, econômicas e sociais.

Ao entender tal dinâmica, estabelece-se instâncias ou conjuntos diferenciados de critérios de noticiabilidade. Podem estar presentes *na origem dos fatos* (seleção primária dos fatos/valores-notícia), ao considerar atributos próprios ou características típicas, que são reconhecidos por diferentes profissionais e veículos da imprensa. Podem ser verificados

também *no tratamento dos fatos*, ao centrar na seleção hierárquica dos fatos e levando-se em conta, para além dos valores-notícia dos fatos escolhidos, fatores inseridos dentro da organização, como formato do produto, qualidade do material jornalístico apurado (texto e imagem), prazo de fechamento, infraestrutura, tecnologia etc., como também fatores extra-organizacionais direta e intrinsecamente vinculados ao exercício da atividade jornalística, como relações do repórter com fontes e públicos. *Na visão dos fatos*, observa-se os fundamentos éticos, filosóficos e epistemológicos do jornalismo, para compreender conceitos de verdade, objetividade, interesse público, imparcialidade que orientam, inclusive, as ações e intenções das instâncias ou eixos anteriores.

Ainda se falando de escolha de assunto é preciso ponderar que isto depende muito da linha editorial já adotada pela empresa jornalística. E quando o jornalista não consegue tomar essa decisão sozinho, é porque está sofrendo influência de outras forças presentes na própria organização. No entanto, como acentua Sousa, isso pode ser perigoso, já que pode indicar censura.

É óbvio que um patrão poderoso dos *media* pode dar ordens para que uma notícia seja publicada, mas esta situação é rara. Um patrão também poderá mandar retirar uma notícia, mas esta situação é ainda mais rara, pois, se não for cuidadosamente justificada (por exemplo, argumentando com a entrada de publicidade), pode ser vista como censura e cair nas malhas da ilegalidade (SOUSA, 2001, p. 38).

Os mecanismos de seleção têm cunho pessoal, portanto, estão abertos a subjetivismos. Mas não exclusivamente. Alguns mecanismos se sobrepõem à subjetividade jornalística. É neste contexto que surgem os critérios de noticiabilidade (ou de valor-notícia), que são utilizados pelo jornalista ao decidir quais assuntos noticiar. Na opinião do autor tratado anteriormente,

Os critérios de noticiabilidade não são rígidos nem universais. Por outro lado, são, frequentemente, de natureza esquiva, opaca e, por vezes, contraditória. Eles funcionam conjuntamente em todo o processo de fabrico e difusão das notícias e dependem da forma de operar da organização noticiosa, da sua hierarquia interna e da maneira como ela confere ordem ao aparente caos da realidade. Além disso, os critérios de valor-notícia mudam ao longo do tempo (assuntos que há algum tempo não seriam notícia são-no hoje) (SOUSA, 2001, p. 39).

E essa constante mudança faz com que as listas de valores-notícia caracterizadoras das mensagens noticiáveis também sejam variadas. Segundo Sousa (2001, p. 39), “Galtung e Ruge (1965) foram dos primeiros autores a chamarem a atenção para a existência de critérios de noticiabilidade dos acontecimentos que se sobrepunham à ação pessoal do jornalista”.

Os autores não eliminam a ação do jornalista, pois, no pensar deles, é o jornalista quem determinaria as possibilidades de uma mensagem passar pelos vários *gates* numa organização noticiosa. Entre os critérios apontados pelos autores estão os seguintes:

- Proximidade. Em suas várias formas: geográfica, cultural, etc.. Diz-se que, se o fato acontecer próximo, tem mais probabilidade de se tornar notícia.
- Momento do acontecimento. Aqui o fator tempo é levado em conta. Quanto mais recente, mais provável de ser noticiável.
- Significância. Acontecimento com mais relevância envolvendo muitas pessoas, de grande dimensão, mostra-se mais propenso a se tornar notícia.
- Proeminência social dos sujeitos envolvidos. Quando se fala de pessoas que têm destaque, ou estão em evidência na sociedade, atrai mais atenção para a notícia.
- Proeminência das nações envolvidas nas notícias. Assim como pessoas de destaque chamam atenção, as ações que envolvem acontecimento internacional têm níveis altos de noticiabilidade.
- Consonância. Neste critério a vocação do acontecimento ser agendável é considerada. Importa-se com a correspondência às expectativas.
- Imprevisibilidade. O surpreendente chama atenção. Acontecimento imprevisível pode ser mais noticiável.
- Continuidade. Se, de um lado a surpresa é atrativa, dar sequência a algo que já foi noticiado também tem grande probabilidade de se tornar notícia.
- Composição. O enquadramento do acontecimento ao noticiário que o veicula também é critério adotado para a seleção da notícia.
- Negatividade. Acontecimento negativo é, ainda, hipótese para figurar como notícia.

Assim como Galtung e Ruge (1965), muitos outros autores propuseram listas que buscam sintetizar, ou apresentar, as inúmeras possibilidades de critérios a serem considerados quando da produção da notícia. Critérios estes que surgem para justificar a razão de um acontecimento se tornar notícia e outro não. Neste sentido, Sousa diz ainda:

Em síntese, julgo poder dizer que a noticiabilidade, a seleção e a hierarquização informativa de acontecimentos e dados sobre esses acontecimentos passam por critérios que, em jeito de conclusão, parecem partilhar (a) influências pessoais (como as idiossincrasias de um jornalista), (b) um pendor social, sobretudo organizacional, por exemplo, relacionado com a postura social da organização noticiosa (como a inter-relação desta com os restantes *news media*), (c) um pendor ideológico, visível, por exemplo, no destaque noticioso dado às figuras-públicas do poder político e econômico e (d) um pendor cultural, resultante das culturas profissional, de empresa e do meio. [...] (SOUSA, 2001, p. 45).

O autor defende, reiteradas vezes, que o processo de “transformação” de um acontecimento em notícia está relacionado a inúmeros aspectos. Sejam eles pessoais, organizacionais, ideológicos, políticos, etc. É importante frisar isto porque tais fatos vão passar por um processo de hierarquização e seleção antes de serem considerados noticiáveis, e esses enfoques vão ser levados em consideração.

Por entender que as listas de critérios podem apresentar diversidade tanto quanto a quantidade delas, pensamento de autores, e ainda, quanto à nomenclatura, foi apresentado apenas um "modelo" que servirá de embasamento para posteriores análises. Isso não significa que este trabalho ignore ou refute as outras linhas de pensamento. A esse respeito, cita-se a proposta de Silva (2005), que apresenta 13 listas de critérios, a saber, de Stieler, Lippman, Bond, Galtung e Ruge, Golding-Elliot, Gans, Warren, Hatherington, Shoemaker et al, Wolf, Erbolato, Chaparro e Lage, para, em seguida, apresentar proposta que,

contemple não só o consenso entre os atributos listados pelos diversos autores como também a inclusão de outros que por precisão e originalidade possam contribuir para análises de acontecimentos noticiáveis/noticiados (SILVA, 2005, p. 103).

Os autores apresentam listagem com semelhanças e diferenças, e por isso a proposta da autora busca contemplar as afinidades e, ao mesmo tempo, preencher lacunas que, ao modo de ver dela, podem ser solucionadas com acréscimos de outros valores-notícia a serem contemplados no momento da produção da notícia.

Proposta de tabela de valores-notícia para operacionalizar análises de acontecimentos noticiáveis/noticiados	
IMPACTO Número de pessoas envolvidas (no fato) Número de pessoas afetadas (pelo fato) Grandes quantias (dinheiro)	PROEMINÊNCIA Notoriedade Celebridade Posição hierárquica Elite (indivíduo, instituição, país) Sucesso/Herói
ENTRETENIMENTO/CURIOSIDADE Aventura Divertimento Esporte Comemoração	CONFLITO Guerra Rivalidade Disputa Briga Greve Reivindicação
POLÊMICA Controvérsia Escândalo	CONHECIMENTO/CULTURA Descobertas Invenções Pesquisas Progresso

	Atividades e valores culturais Religião
RARIDADE Incomum Original Inusitado	PROXIMIDADE Geográfica Cultural
SURPRESA Inesperado	GOVERNO Interesse nacional Decisões e medidas Inaugurações Eleições Viagens Pronunciamentos
TRAGÉDIA/DRAMA Catástrofe Acidente Risco de morte e Morte Violência/Crime Suspense Emoção Interesse humano	JUSTIÇA Julgamentos Denúncias Investigações Apreensões Decisões judiciais Crimes

Fonte: SILVA, 2005, p. 102.

Como em outros produtos jornalísticos, o conteúdo da notícia esportiva é selecionado a partir de critérios de noticiabilidade. Ainda que, de antemão se considere que, no noticiário esportivo, o que é factual, de interesse do público, que atinja um grande número de pessoas, inusitado, que seja novidade e que apresente bons personagens, sintetize boa parte do que se vê de notícias sobre esportes. Pode-se dizer que os critérios serão norteados por esses valores.

Sousa Li-Chang (2005) aponta dezesseis critérios que, segundo ela, representam uma síntese descritiva daqueles que são observados nas publicações sobre esportes. Para a autora, a cobertura esportiva busca atingir o maior número de pessoas; ter boas imagens; apresentar curiosidades e fatos inusitados; ser factual; causar impacto passional; levar em consideração a importância dos envolvidos, e o interesse presumido do público em histórias de interesse humano; ter narrativa de redenção e superação; mostrar novidades, ocorrência de competições; valorizar personagens; ter potencial espetacular, de entretenimento e humorístico; além de mostrar resultados inesperados e rivalidade e provocação.

A autora aborda os critérios segundo a ótica televisiva. Mas, ainda assim, acredita-se que a relação construída por ela possa também ser analisada em outras mídias. Ela defende, por exemplo, que “é indiscutível ao jornalismo em geral: quanto maior for o número de pessoas atingidas por um acontecimento, maior sua possibilidade de tornar-se notícia. Com o esporte não é diferente” (SOUSA LI-CHANG, 2005, p. 5).

Segundo Sousa Li-Chang (2005, p. 4), “a geração de boas imagens é um critério fundamental para transformar um acontecimento em notícia”. Daí considerar que, independentemente do meio, quando se trata de esporte, a imagem sempre vai ter forte apelo por tornar o noticiário mais atraente e visual. No caso do jornalismo impresso, a notícia (texto) tende a ser mais bem entendida quando está ilustrada por uma imagem – ou recursos ilustrativos, como gráficos, ilustrações, infográficos, etc.

O ingrediente passional também deve ser levado em consideração, uma vez que o noticiário esportivo lida com a paixão do público. Deve, ainda, valorizar os personagens das notícias. De igual modo, a curiosidade e os fatos que fogem da rotina do dia-a-dia têm mais chance de tornarem-se notícia.

De acordo com a autora, outra característica da notícia esportiva é a sua “leveza”. “Como notícia branda, que dá conta de um aspecto lúdico presente na sociedade, é inerente a si a potencialidade de apresentar humor e espetáculo e de ser selecionada por causa do entretenimento que pode oferecer” (SOUSA LI-CHANG, 2005, p. 11).

A rivalidade, a provocação e o conflito também são critérios utilizados para a escolha do que noticiar. “O esporte enquanto competição pressupõe a existência de rivalidade, seja em que nível for: entre times, entre atletas, entre torcedores. Logo, a noticiabilidade também se pauta pelo conflito que se instala nas situações noticiáveis” (SOUSA LI-CHANG, 2005, p. 11).

O noticiário esportivo também se pauta em função do resultado, sobretudo das competições alvo de sua cobertura. Sousa Li-Chang (2005) considera um grande critério de seleção, especialmente quando esse resultado é inesperado ou improvável. Do mesmo modo, a novidade, a factualidade e a importância dos envolvidos são consideradas como valores-notícia. Em relação a essa abordagem da autora, a presente pesquisa busca ir além, já que apresenta discussão em torno da especialização do jornalismo.

Ainda sobre Jornalismo Esportivo, Alcoba (1980) apud Silveira (2009) apresenta oito pontos norteadores para elaboração de uma informação esportiva. Não se pode classificá-los como critérios. Trata-se de uma sequência de itens que auxiliam o jornalista da área quando da produção de uma notícia. Eles são destacados nesta pesquisa, pois a análise pretende, também, mostrar que se pesquisam critérios aplicáveis especificamente ao jornalismo esportivo.

As **Instalações** seriam o primeiro deles. Aqui cabe o detalhamento do espaço em que o esporte é praticado. Em seguida está o **Material** utilizado pelo atleta, bem como os recursos tecnológicos a serviço do rendimento profissional. O terceiro é o **Regulamento e o**

Programa. Neste quesito entram as regras e suas atualizações. **Técnicos e treinadores** da modalidade esportiva ocupam o quarto ponto.

Prosseguindo, tem os **Atletas** como “protagonistas do espetáculo esportivo”. Também é importante apresentar **Confronto de dados e rankings**, e ainda, os **Aspectos históricos**, em que se destacam edições anteriores da competição, marcas históricas, etc. E por fim, os **Prognósticos**, como mecanismo de atração e motivação. Trata-se, na verdade, de pontos básicos quando se quer contextualizar o leitor – já que o impresso é foco deste trabalho – na leitura da notícia, sobretudo, aquele que eventualmente não está familiarizado com o assunto.

Contudo, o jornalista esportivo não se pode deixar levar pelos que acreditam que a notícia está apenas em temas pontuais, como jogador machucado, treino de times na véspera de uma partida, etc. Leandro (2007, p. 8) defende que “a procura dos leitores pela informação esportiva de maior profundidade pode estar reprimida por causa desta presunção do jornalista de que o leitor deseja a notícia banal cotidiana”. Muitas vezes é preciso fugir do previsível, e, por isso, torna-se necessário observar a perspectiva da especialização do jornalismo.

1.4 Jornalismo especializado: campo esportivo

Ao tratar o Jornalismo Esportivo não se pode deixar de lado a discussão que se faz quanto à especialização do jornalismo em si. A análise parte do princípio de que especializar o conteúdo requer ir além da simples divisão em editoria ou caderno de um diário impresso, e, por isso, busca-se chegar ao que propõe a professora Cremilda Medina quando apresenta o debate relacionado às práticas narrativas que levam à “fragmentação das ideias, a dispersão interpretativa dos acontecimentos, a incapacidade de articulação dos nexos de sentido” (MEDINA, 2008, p. 78).

A especialização pode ser encontrada na editoria de esportes – ou em qualquer outra categoria – quando o jornalista divide os assuntos, faz matérias específicas, e em alguns casos, cria veículos direcionados a um tipo de tema ou a um público determinado. É o que trata Tavares, ao determinar que:

Pensar em jornalismo especializado diz respeito a ter de buscar um consenso sobre três manifestações empíricas referentes às suas especializações. 1) A especialização pode estar associada a meios de comunicação específicos (jornalismo televisivo, radiofônico, ciberjornalismo etc.) e 2) a temas (jornalismo econômico, ambiental, esportivo etc.), ou pode estar associada 3) aos produtos resultantes da junção de ambos (jornalismo esportivo radiofônico, jornalismo cultural impresso etc.). Cada uma dessas materializações solicita investigações e normatizações singulares, o que

cria uma dificuldade para se pensar, epistemologicamente, o cenário mais amplo da especialização no jornalismo (TAVARES, 2009, p. 115).

Ainda que se admita a dificuldade em pensar epistemologicamente o cenário da especialização do jornalismo, Tavares (2012), em outro trabalho de revisão bibliográfica de autores que tratam do jornalismo especializado como prática e como campo de saber, destaca também:

Do ponto de vista de uma disciplina [...] necessita-se, pois, relacionar ao seu objeto uma ideia de especialização que **ultrapasse o “como deve ser”**, no sentido de uma normatização para uma prática. Seu “postulado”, mais que definir o que seria um jornalismo especializado – neste caso – deveria, na relação com a esfera do fazer, tendo este como objeto do conhecimento e empiria, **vislumbrar teoricamente o universal e o particular que habitam o universo especializado em questão**. Para isso, deveria buscar, na relação prática e reflexiva com o cotidiano, **dimensionar a informação especializada e a metodologia profissional**, apontando para a formulação de um conhecimento teórico que tangencie uma atuação cuja definição, no âmbito de um conceito de jornalismo especializado, vá além de um jogo entre saberes a partir de uma mediação jornalística. **Algo que, mais que definir, problematize**. E que, portanto, estructure categorias que permitam pensar a natureza da especialização e de sua concretude. Movimento que diz de um outro jogo: aquele entre o conhecimento que esta constrói na e para a sociedade e o conhecimento que ela, epistemologicamente, como disciplina, pretende ser (TAVARES, 2012, p. 112, grifos nosso).

Neste contexto de especialização do conteúdo é possível dizer que o autor aponta como conceito de jornalismo especializado uma visão para além da explicação do “como deve ser”, ou seja, que tenha como propósito problematizar e estruturar categorias para pensar a especialização, tomando-a como algo concreto, que possibilite construção de conhecimento. Por isso que Tavares (2009) atribui a esse tipo de jornalismo a função de intermediador de saberes especializados na sociedade, de maneira que se possa construir um discurso noticioso, ou informacional, capaz de promover conhecimento fundado na “compreensão conjunta do universo científico e do senso comum”.

Diante disto, ao se proceder a observação dos jornais A Gazeta e Jornal do Dia será possível mensurar de que forma tais jornais especializam a abordagem relacionada aos esportes. Isso permite constatações que giram em torno da diferenciação entre notícia e reportagem, e ao grau de aprofundamento que se dá ao conteúdo. E, considerando o exposto acima por Tavares (2009), é possível, previamente, diagnosticar que a lógica de especialização praticada pelos dois jornais investigados é a de temas, percebida pela divisão em cadernos/editoriais.

Para o estudo adotou-se como parâmetros para pensar a especialização a maneira como o factual, o ineditismo a completude do material jornalístico ou a fragmentariedade dos

assuntos, prevalece sobre a riqueza e profundidade de dados, ou seja, se há apresentação de temas soltos, isolados de um contexto mais amplo, que possa ir além de mera apresentação de fatos. Se a tendência de mero divulgador de resultados ainda é de uso recorrente nos diários amapaenses ou se as matérias encontradas permitem ao leitor interligar assuntos e acontecimentos, de maneira mais abrangente. Estas considerações são importantes para dimensionar as características do jornalismo especializado, que se busca mostrar neste trabalho, e apóia-se novamente nas ideias de Tavares (2009) para refletir essa visão fragmentada do conteúdo jornalístico.

Do ponto de vista dos conteúdos, dada a sua vocação de falar do mundo como um “todo”, buscando dar conta desse “todo”, a imprensa, como primeiro grande meio de comunicação jornalístico, sempre esteve fragmentada, falando “genericamente de coisas específicas”. Sua especialidade, pela palavra autorizada e pela fragmentação dos conteúdos, sempre existiu. No entanto, com a introdução de outros meios e, conseqüentemente de outros regimes de produção (de noticiabilidade, visibilidade e periodicidade), tal especialidade passou a bater de frente com a lógica da especialização, ou seja, de uma outra especialidade jornalística (TAVARES, 2009, p. 118).

A explanação corrobora com o entendimento de que a prática do jornalismo especializado contrasta com o modo fragmentado de apresentar conteúdos, seja ele político, econômico, esportivo etc. Isso acontece, como sustenta o autor, porque a imprensa se propõe a tratar de muitos assuntos ao mesmo tempo, o que não se mostra viável se for levado em consideração que as redações jornalísticas trabalham com tempo definido para produção e exposição de seus materiais.

No caso do jornalismo esportivo, a variedade de modalidades, o vocabulário distinto, as diferentes regras entre uma modalidade e outra podem levar à segmentação de público. Porém, quando se fala em especialização desse campo do jornalismo, não se pensa apenas na “especialização” do jornalista que trabalha com o tema, pretende-se mostrar exatamente de que maneira o profissional repassa essas especificidades, de maneira a proporcionar, como já mencionado, saberes especializados na sociedade, de maneira que se possa construir um discurso noticioso, ou informacional, capaz de promover conhecimento fundado na “compreensão conjunta do universo científico e do senso comum”.

Mas como praticar jornalismo especializado em jornal diário, uma vez que se tem a ideia de que a ele caberia somente o relato dos acontecimentos do dia-a-dia? Esse tipo de jornalismo poderia ser comum em revista, já que estas publicações têm mais tempo e espaço para produção de relatos noticiosos mais descritivos e interpretativos. Tavares (2011, p. 158), por exemplo, quando investiga a constituição da revista segmentada *Vida Simples* para

mostrar as aproximações entre o suporte revista e o jornalismo especializado, defende que “no cenário de publicações impressas, a revista alcançou, historicamente, lugar de destaque na materialização e constituição do jornalismo especializado”. O autor ainda cita Martínez Albertos (1991), que corrobora com a ideia de que “a revista é o veículo característico tanto do jornalismo especializado como da imprensa especializada”.

Considerando ainda o que dispõe Tavares (2009) sobre a temática, o autor menciona o fato de que antes, o jornalismo impresso, o diário, principalmente, tratava a especialização de forma mais abrangente, “dentro de uma lógica que se apoiava, basicamente, em dois preceitos: o da cobertura sobre os fatos e o do texto de ‘informação pura’”. Para o autor, a chegada do rádio e posteriormente da televisão, significou o início de uma crise, tendo como ápice o final da década de 1960 e início da década de 1970.

E neste contexto é que, definitivamente, como apontam Berganza Conde (2005), Fernández del Moral e Esteve Ramírez (1996) e Quesada Pérez (1998), entra em cena a especialização jornalística propriamente dita. Além de questões externas (crise econômica, crise do papel, crise de distribuição da imprensa) que marcaram o período, a disputa por anunciantes entre os meios, a crise de credibilidade informativa (culminada, anos depois, com o escândalo de Watergate nos Estados Unidos), a adequação a novos públicos (como já dito) e a necessidade por uma virada textual, fizeram-se presentes (TAVARES, 2009, p. 118).

Este cenário, apontado pelo autor, contribuiu para uma questão considerada fundamental: “menos uma questão de conteúdos ou de audiências, a especialização deve ser pensada também como ligada a uma nova metodologia do trabalho jornalístico, fundadora de novos produtos (no sentido de notícias e textos)” (TAVARES, 2009, p. 118). A saída, então, é o jornal sair das típicas notícias factuais, do mero informe de resultados e classificações e voltar-se para os desdobramentos dos acontecimentos da semana ou de outras temáticas, de forma mais apurada com diversidade de dados.

Nesta concepção de notícia, com enfoque especializado e em busca de novos produtos, e formatos de apresentação da informação, Tavares (2009) trata a especialização jornalística como “um cambio de objetos de estudo”. Nisso, a notícia não deve ser a única a ser pensada, mas também deve-se levar em conta “uma série de universos temáticos, de questões técnicas e de segmentos de público”. Para o autor,

Todos estes, em conjunto, apontam para uma outra “função” dentro do Jornalismo no que diz respeito à sua atuação na sociedade, bem como oferecerem outros elementos de reflexão conceitual para se pensar a produção, recepção, os produtos jornalísticos e o jogo existente entre eles (TAVARES, 2009, p. 129).

O autor considera que, “para além das manifestações propriamente noticiosas – predominantes no jornalismo cotidiano – deve-se observar como, mesmo dentro destas manifestações, mas também em outras, mais específicas, se dá a *especialização jornalística*” (TAVARES, 2009, p. 129).

Se a proposta de Tavares (2009) for pensada em relação ao Jornalismo Esportivo especificamente, acredita-se que ele se especializa a partir do momento em que consegue transmitir conteúdo noticioso segundo esse viés: noticiar o universo temático dos esportes, com suas questões técnicas para ser entendida por todos, não apenas por quem já é “do meio”, e ao mesmo tempo, levando em consideração o segmento que consome tal material. Ou seja, assim como há pessoas que buscam o conteúdo esporadicamente – e que quando fazem isso, deveriam ser de fato, informados, com algo que faça sentido para eles, com abordagem interpretativa e aprofundada – há quem busque constantemente. Então, o conteúdo deve ser completo para todos os públicos, com densidade, variedade, objetividade e clareza.

Outro ponto a ser considerado é a fragmentação das abordagens que impedem que os assuntos relacionados à editoria de esportes, muitas vezes, figurem de maneira desconexa de outras temáticas, como se estivesse em um campo paralelo, sem condições de aproximá-lo das outras áreas. O que, de modo antecipado, pode-se afirmar que, pelo contrário, é um equívoco pensar assim, já que é plenamente possível e praticável a aproximação com a política, a economia, entre outras.

1.4.1 Aspectos históricos do Jornalismo Esportivo no Brasil e no Amapá

O jornalismo esportivo começou a ganhar autonomia em relação ao noticiário em geral apenas no século XIX. Historicamente, o inglês *Bell's Life* é apontado, pelo autor francês Edouard Seidler, como o órgão esportivo mais antigo do mundo. É o autor, também, que registra que em 1854, na França, surge o primeiro periódico dedicado ao esporte, o jornal *Le Sport*. Segundo Seidler, o objetivo deste era dar destaque a esportes como turfe, caça, pesca, canoagem, natação, boxe, entre outros.

Leandro (2007, p. 2) destaca que o primeiro diário esportivo do mundo é o *L'Equipe*. Ele determina que o estilo e linguagem adotados por este jornal demonstram que “a tradição da crônica – iniciada com Homero – antecede ao jornalismo esportivo como gênero, como campo especializado capaz de constituir editoria fixa”.

Ao passo que a sociedade passou a dar mais ênfase às atividades físicas, o jornalismo esportivo foi ganhando mais espaço também. É dessa expansão de leitores que advém a crítica

aos torcedores que se veem como grandes entendedores dos assuntos relacionados ao esporte e/ou clube de sua preferência. Foi assim que o esporte ganhou espaço no Brasil também.

Bahia (1990) apud Sousa Li-Chang (s.d., p. 2) aponta 1856 como marco do aparecimento da imprensa esportiva no Brasil. Foi no ano em que foi publicado, no Rio de Janeiro, o jornal *O Atleta*. O impresso tinha o objetivo de “difundir ensinamentos para o aprimoramento físico dos habitantes da então capital do país. O noticiário da época era restrito às práticas de educação física e lazer”.

Inicialmente a editoria tinha pouco espaço e pouco prestígio. A autora acima salienta que somente em 1922 os jornais começaram a utilizar fotos de lances de jogos de futebol na primeira página. Mas a valorização do esporte como produto jornalístico só ganhou fôlego com a conquista do primeiro título mundial do país, na Copa de 1958 na Suécia.

Como a história do próprio futebol – que monopoliza 80% do noticiário esportivo, a história da crônica esportiva brasileira pode ser dividida em a.M e d.M, antes do Maracanã e depois do Maracanã. O Maracanã, a realização do campeonato mundial de futebol no Brasil, em 1950, a expressão do campeonato de 1954 na Suíça, as conquistas da “Seleção de Ouro” em 1958 na Suécia, e 1962, no Chile, e o exemplo da imprensa europeia, conferindo títulos de nobreza à reportagem esportiva, modificaram, no Brasil, a idéia do diretor ou do secretário de redação a respeito da seção de esportes e atraíram para a mesma redatores da melhor categoria. (...) A nova crônica superou sistemas, quebrou tabus, ganhou primeira página, dignificouse (AMARAL, 1978, p.98 apud SOUSA LI-CHANG, s.d., p. 5).

Nos anos seguintes o futebol já figurava com o título de esporte das massas. O noticiário esportivo, por sua vez, ampliava seu leque de esportes e passou a dar destaque para outras modalidades tidas como amadoras, a exemplo do atletismo, natação, vôlei e basquete; ainda que o futebol continuasse com o *status* de estrela do jornalismo praticado no Brasil.

O *boom* do jornalismo esportivo foi marcado pela Copa do Mundo de 1950. Nesse período as atenções se voltaram para o futebol, e o esporte ganhou espaço nos jornais impressos e nas rádios. A televisão, por sua vez, entrou em campo na Copa de 1954. Na Copa seguinte, o destaque da cobertura cresceu mais ainda. Neste ano, as emissoras de televisão lançaram campanhas incentivando a seleção brasileira masculina de futebol.

No entanto, foi a partir do final da década de 60 que os grandes cadernos de esportes tomaram conta dos jornais. Em São Paulo, o Jornal da Tarde iniciou uma série de grandes reportagens do jornalismo brasileiro. O Golpe Militar de 1964 reforçou a paixão nacional pelo futebol. Nessa época, o governo utilizava o esporte para desviar a atenção da população do golpe que se delineava. Por isso, durante o período da ditadura militar o futebol ficou conhecido como o “ópio do povo”.

No Amapá, o jornalismo esportivo está ligado destacadamente pelo uso do rádio e dos jornais impressos, ou seja, é por esses meios que a população recebe as informações relacionadas à editoria. O fato de o estado não ter muita tradição em alguns esportes e estar distante dos grandes centros em que se vivencia mais as práticas esportivas implica também na forma como se trabalha a notícia sobre o assunto.

O rádio é o veículo mais utilizado nas transmissões dos campeonatos de futebol nacional, regional e local, e por isso, o radiojornalismo esportivo também tem destaque porque as rádios locais colocam nas grades delas programas sobre a editoria. A televisão não se destaca neste sentido, pois, raramente transmite competições, independentemente da categoria – apesar de haver casos em que algumas emissoras de TV transmitiram partidas inteiras de futebol. Em compensação, programas feitos para tratar unicamente sobre assuntos relacionados ao esporte já se tornaram uma prática habitual nas emissoras televisivas. Os jornais impressos também dão ênfase às notícias sobre assuntos esportivos, e isso pode ser observado nos três jornais de maior circulação no Amapá – Jornal do Dia, A Gazeta e Diário do Amapá – quando colocam uma editoria específica para isso. Mais recentemente a circulação de notícias esportivas passou a acontecer também por meio da internet, desde que portais e blogues de notícias amapaenses foram implantados na *web*.

CAPÍTULO II

2. Análise de Conteúdo: o método

2.1. Proposta metodológica: Análise de Conteúdo

A “Análise de Conteúdo”, por vezes referenciada pelas iniciais AC, apresenta-se ao contexto da pesquisa científica como um método de investigação que se vale do rigor como fundamento, para que seja possível o estudo do conteúdo da mensagem em níveis que vão além do superficial. O método é proposto pela pesquisadora Laurence Bardin, responsável pela aplicação de tais técnicas na investigação psicossociológica e nos estudos das comunicações de massa. A obra de Bardin traz em sua primeira parte uma exposição histórica.

Descrever a história da ‘análise de conteúdo’ é essencialmente referenciar as diligências que nos Estados Unidos marcaram o desenvolvimento de um instrumento de análise de comunicações; é seguir passo a passo o crescimento quantitativo e a diversificação qualitativa dos estudos empíricos apoiados na utilização de uma das técnicas classificadas sob a designação genérica de análise de conteúdo; é observar a *posteriori* os aperfeiçoamentos materiais e as aplicações abusivas de uma prática que funciona há mais de meio século (BARDIN, 2009, p.15 apud FARAGO; FOFONCA, p. 1).

O método não pretende se configurar como doutrina ou norma. Trata-se de um “conjunto de técnicas de análise das comunicações” que, como acima mencionado, prima pelo rigor. A análise de conteúdo nasceu da tradição de abordagem de textos. A prática começou a se destacar a partir do início do século XVIII. “Na verdade, trata-se da sistematização, da tentativa de conferir maior objetividade a uma atitude que conta com exemplos dispersos, mas variados, de pesquisa com textos” (ROCHA, DEUSDARÁ, 2005, p. 308).

A Análise de Conteúdo (AC), em concepção ampla, se refere a um método das ciências humanas e sociais destinado à investigação de fenômenos simbólicos por meio de várias técnicas de pesquisa. Esse conjunto de instrumentos metodológicos, em constante aperfeiçoamento, vem sendo utilizado, pelo menos, desde o século XVIII, quando a corte suíça analisou minuciosamente uma coleção de 90 hinos religiosos anônimos, denominados *Os cantos de Sião*, para saber se eles continham ideias perniciosas, sem que nenhuma prova de heresia fosse encontrada (KRIPPENDORFF, 1990, p. 15-16 apud FONSECA JÚNIOR, 2011, p. 280).

Conforme o que propõe Bardin, o fato de a Análise de Conteúdo ser concebida como um conjunto de instrumentos metodológicos sutis permite que ela possa ser aplicada a

discursos diversificados. Por isso, a utilização da dedução e da inferência guarda grande utilidade para o estudo dos meios de comunicação social e as mensagens trabalhadas por eles.

Absolve e cauciona o investigador por esta atração pelo escondido, o latente, o não-aparente, o potencial de inédito (do não-dito), retido por qualquer mensagem. Tarefa paciente de “desocultação”, responde a esta atitude de *voyeur* que o analista não ousa confessar-se e justifica a sua preocupação, honesta, de rigor científico. Analisar mensagens por esta dupla leitura onde uma segunda leitura se substitui à leitura “normal” do leigo, é ser agente duplo, detetive, espião (...) (BARDIN, 1977, p. 9 apud STRELOW 2010, p 22).

Cabe dar destaque para o que ora a autora supracitada destaca, pois, ao analisar o conteúdo das notícias esportivas publicadas nos jornais A Gazeta e Jornal do Dia ao longo de três meses, o que está “escondido”, o “não-aparente”, será buscado constantemente. De fato, o investigador precisa agir como espião ou detetive para que consiga deduzir e inferir interpretações das mensagens contidas em tais conteúdos.

Da mesma forma, Fonseca Junior (2011, p. 284) afirma que, “Na análise de conteúdo, a inferência é considerada uma operação lógica destinada a extrair conhecimentos sobre os aspectos latentes da mensagem analisada”. O autor também faz referência à atividade do detetive em relação ao papel desempenhado pelo analista de conteúdo. Segundo ele, os *índices* com os quais o investigador trabalha são postos cuidadosamente em evidência para que se possa “manipular” a mensagem a partir de inferências.

Por conta dessa aproximação que a análise de conteúdo tem com a “interpretação” das mensagens ela tornou-se um método utilizado de forma ampla em diferentes ramos das ciências sociais empíricas, inclusive na área da comunicação. Por isso, a atenção dada ao mecanismo volta-se completamente para esta área, mas de forma específica ao jornalismo.

Herscovitz (2007, p. 124) reconhece este potencial da Análise de Conteúdo ao dizer que o método revela-se de grande utilidade na pesquisa jornalística por permitir entender “um pouco mais sobre quem produz e quem recebe a notícia e também estabelecer alguns parâmetros culturais implícitos e a lógica organizacional por trás das mensagens”. Para ela, a análise de conteúdo “é um método eficiente e replicável que serve para avaliar um grande volume de informação [...]” (HERSCOVITZ, 2007, p. 125).

Ainda sobre a Análise, a autora vai além:

[...] Pode ser utilizada para detectar tendências e modelos na análise de critérios de noticiabilidade, enquadramentos e agendamentos. Serve também para descrever e classificar produtos, gêneros e formatos jornalísticos, para avaliar características da produção de indivíduos, grupos e organizações, para identificar elementos típicos,

exemplos representativos e discrepâncias e para comparar o conteúdo jornalístico de diferentes mídias em diferentes culturas (HERSCOVITZ, 2007, p. 123).

A utilidade que a análise tem em “detectar tendências e modelos na análise de critérios de noticiabilidade, enquadramentos e agendamentos” também será explorada quando da abordagem do conteúdo dos jornais investigados. A escolha do método atende aos objetivos deste estudo, principalmente no que diz respeito a seu caráter exploratório, quando se propõe analisar a cobertura jornalística na editoria de esporte nos impressos amapaenses, a partir de dois casos. Portanto, a metodologia que se utiliza levará, ao final, à construção de um quadro de considerações fundamentadas em dados encontrados no jornal A Gazeta e Jornal do Dia, que servirá de parâmetro para apontar conclusões a respeito da abordagem jornalística sobre esportes, feitas pelos jornais diários do Amapá. Para isso, primeiramente, cabe conhecer um pouco mais sobre o método, para em seguida, apresentar os critérios e categorias aplicados especificamente ao caso.

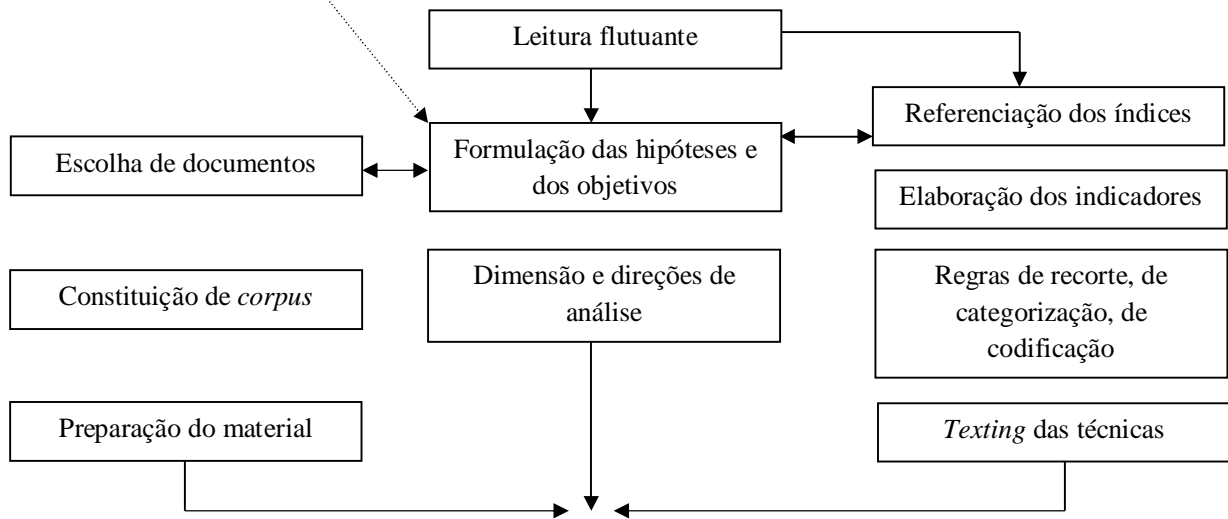
2.2 O método

A construção do método de análise de conteúdo contou com a contribuição de diversos autores. Neste cenário a figura da pesquisadora francesa Bardin se sobressai. “Em sua concepção original, a autora estruturou o método de análise de conteúdo em cinco etapas: (3.1) Organização da análise; (3.2) A codificação; (3.3) A categorização; (3.4) A inferência; e (3.5) O tratamento informático” (FONSECA JÚNIOR, 2011, p. 288).

Para que o método seja melhor visualizado, optou-se por utilizar o Esquema de Bardin (1988 apud FONSECA JÚNIOR, 2011, p. 289). Trata-se de um recurso que, ao mesmo tempo em que organiza a proposta da análise de conteúdo, permite uma visão geral e, de certa forma, sintetizada. Após esta apresentação, faz-se a explicação do método.

Desenvolvimento de uma análise

PRÉ-ANÁLISE



EXPLORAÇÃO DO MATERIAL

Administração das técnicas sobre o *corpus*

TRATAMENTO DOS RESULTADOS E INTERPRETAÇÕES

Operações estatísticas

Provas de validação

Síntese e seleção dos resultados

Inferências

Interpretação

Outras orientações para uma nova análise

Utilização dos resultados de análise com fins teóricos ou pragmáticos

No que diz respeito à organização, a análise de conteúdo prevê três fases cronológicas de trabalho. A primeira é a pré-análise, quando se planeja o trabalho e sistematiza as ideias iniciais. Em seguida é feita a exploração desse material: a análise propriamente dita. É nesse momento em que se administram as decisões tomadas, por meio de operações de codificação em função de regras previamente formuladas. Por último, o tratamento dos resultados obtidos e a interpretação servem para perceber os resultados brutos de maneira que sejam significativos e válidos. Esses resultados permitem ao analista propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos.

Fonseca Junior (2011, p. 290) dá destaque para a fase de pré-análise. Segundo o autor, essa etapa é considerada uma das mais importantes, pois nela está configurada a própria organização da análise, que é o alicerce para as seguintes. “Envolve a escolha de documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos, bem como a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final”.

Para iniciar a análise de conteúdo, Bardin propõe a leitura flutuante. Trata-se do “contato com os documentos a serem analisados, visando conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações”. É essa modalidade de leitura que vai levar o pesquisador à “escolha do tema e do referencial teórico, passando pela formulação do problema, dos objetivos e das hipóteses de pesquisa, o próximo passo para a constituição do *corpus*, ou seja, a definição do conjunto de documentos a serem submetidos à análise”. (FONSECA JUNIOR, 2011, p. 290; 292).

Para a constituição do *corpus* algumas regras devem ser seguidas. Primeiramente, a *Regra da exaustividade* preconiza que todos os documentos que mantêm relação com o assunto pesquisado devem ser considerados. Em seguida a *Regra da representatividade* dita que para proceder à análise é preciso trabalhar com uma amostra bem delimitada. A *Regra da homogeneidade* estabelece que os documentos com os quais serão trabalhados devam ser da mesma natureza, gênero ou se reportem ao mesmo assunto. O último passo chama a atenção para a *Regra da pertinência*, ou seja, adequar os documentos encontrados aos objetivos da pesquisa – objeto de estudo, período de análise e procedimentos.

Finalizada esta etapa, passa-se à *Codificação*. Esta fase é importante, pois é quando se transforma os dados brutos de forma sistemática, obedecendo a regras de enumeração, agregação e classificação, com o objetivo de esclarecer o analista sobre as características do material selecionado. Para codificar o material procede-se da seguinte forma: “(a) o recorte – escolha das unidades de registro e de contexto; (b) a enumeração – escolha das regras de

enumeração; (c) a classificação e agregação – escolha das categorias” (FONSECA JUNIOR, 2011, p. 294).

As unidades de registro são as partes de uma unidade de amostragem. É o *corpus* tomado de forma mais pontual, específica. Também é preciso considerar as unidades de contexto em que aquelas estão inseridas, bem como o modo de quantificação das unidades, por meio das regras de enumeração.

As unidades de contexto, por sua vez, guardam íntima relação com as unidades comentadas anteriormente, pois, para compreender corretamente as unidades de registro, muitas vezes é preciso fazer referência ao contexto no qual estão inseridas. Tal contexto é observado a partir de todos os detalhes que circundam as mensagens, como palavras-chave, por exemplo.

Após concluir a codificação, passa-se à categorização. Nesta fase do estudo é feita classificação e reagrupamento das unidades de registro, visando ao aproveitamento objetivo dos dados coletados. Segundo o modelo de Bardin, para se atingir esse objetivo é necessário utilizar alguns critérios. Podem abordar o aspecto semântico, isto é, as categorias temáticas; o nível sintático; lexical e expressivo. Ainda na categorização, procede-se a execução do inventário e a classificação.

Comum ao método, ainda, é a inferência. A respeito dela reforça-se o papel dos aspectos implícitos, segundo o já tratado anteriormente. Para completar, a última etapa diz respeito ao tratamento informático, que demonstra a utilidade do computador e seus recursos e programas postos a serviço da Análise de Conteúdo.

A análise divide-se em duas perspectivas: qualitativa e quantitativa. A primeira é caracterizada pelo que se pode deduzir, ou seja, pelo sentido que se pode atribuir aos elementos que compõem as mensagens. A segunda – como o nome sugere – prima pelos aspectos numéricos, quantificáveis, em que determinados eventos aparecem no discurso. A verificação quantitativa permite, entre outros dados, que se aponte assuntos e/ou temas tratados, bem como a posição ocupada por esses itens, os gêneros selecionados para divulgar conteúdo, etc.

2.3 Críticas

Entre as críticas que se faz em relação à aplicação da análise de conteúdo está o fato de ela ter herdado características do Positivismo de Augusto Comte. Esta corrente de pensamento valoriza “as ciências exatas como paradigma de cientificidade”, pautada na

crença de que, “até mesmo as teorias sobre a vida social” deveriam ser pautadas sobre uma base de dados verificáveis, ou seja, baseada em fatores quantificáveis (JOHNSON, 1997, apud FONSECA JUNIOR, 2011, p. 281).

A análise de conteúdo está permeada desta ideia quando autores como Kientz (1973), Bardin (1988) e Krippendorff (1990) a designaram como “uma técnica de pesquisa para a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação”. É desta herança que advém, ainda, a crítica à “supremacia dos números” ou mesmo, ao “fascínio pela contagem e pela medida”.

Questiona-se, também, que, pelo fato de a análise ser vinculada à pesquisa quantitativa, pode levar à deficiência de não instrumentalizar o pesquisador para a análise qualitativa. “Trata-se de uma técnica excelente para se chegar, cientificamente, ao *corpus* de pesquisa. Mas, lá estando, não há diretrizes ou procedimentos específicos a serem realizados para um estudo que vá além das evidências numéricas” (STRELOW, 2010, p. 23).

Entende-se que críticas aos métodos de pesquisa são comuns porque não é possível que uma única metodologia seja capaz de abarcar todas as perspectivas de estudo. Diante disso, a análise de conteúdo que se pretende com este trabalho foi feita considerando as críticas e tentando encontrar soluções para os questionamentos feitos. Afinal, compreende-se a natureza de tais críticas, mas entende-se que o método é adequado à proposta da pesquisa, dado seu caráter exploratório. Assim, a seguir consta o detalhamento dos critérios que nortearam a análise dos jornais selecionados.

2.4 Apresentação dos critérios e amostras de análise

Como exposto acima, a análise de conteúdo é caracterizada por três fases: pré-análise, exploração do material e análise e interpretação dos resultados. Seguiram-se as orientações, já citadas, próprias do modelo de Bardin: escolha do tema e do referencial teórico, formulação do problema, dos objetivos e das hipóteses de pesquisa, e constituição do *corpus*. Na pré-análise, ainda, elaborou-se os indicadores e as regras de recorte de categorização e de codificação que fundamentaram a interpretação final.

Assim sendo, foi necessária a realização de clipping diário dos jornais A Gazeta e Jornal do Dia, durante três meses: setembro, outubro e novembro de 2014, e a análise do conteúdo coletado nos jornais. Do clipping foi feito o recorte daquilo que foi tomado como objeto de estudo, ou seja, notícias esportivas veiculadas nos dois jornais.

A coleta dos jornais A Gazeta e Jornal do Dia teve início com a edição de 31 de agosto e 01 de setembro e fim com a edição de 30 de novembro e 01 de dezembro de 2014. Os dois jornais têm edições diárias, no entanto, a primeira edição da semana é disponibilizada nas bancas aos domingos e considera uma única publicação para dois dias, ou seja, domingo e segunda-feira. A partir de terça-feira é uma edição para cada dia da semana, até o sábado. Portanto, a cada semana são seis edições.

Seguindo o modelo de análise proposto por Bardin, a fase de pré-análise iniciou-se com a leitura flutuante dos documentos, isto é, estabeleceu-se um primeiro contato com os jornais escolhidos de maneira que a partir daí fosse possível definir a investigação da cobertura jornalística na editoria de esporte, realizada pelos jornais A Gazeta e Jornal do Dia como tema do trabalho.

Esse primeiro momento levou, também, à escolha do referencial teórico pautado no estudo das teorias do jornalismo, dos critérios de noticiabilidade, do jornalismo especializado – esportivo – e do próprio método de pesquisa adotado. Daí também formulou-se como problema de pesquisa a indagação “O que norteia a escolha do conteúdo a ser publicado pelos jornais A Gazeta e Jornal do Dia na editoria de Esportes?”.

Nessa etapa também se constituiu os objetivos da pesquisa, a saber:

Principal: analisar o conteúdo da editoria de esportes dos jornais A Gazeta e Jornal do Dia por três meses (setembro, outubro e novembro de 2014), para que assim, seja possível tomar conhecimento de como as publicações são abordadas nos jornais diários, no que diz respeito à temática do esporte. A escolha pelo período investigado foi aleatória, mas a opção por um trimestre atende a necessidade de obter um quantitativo de dados suficientes para a pesquisa, dado seu caráter exploratório.

Secundários: Coletar, organizar, interpretar e estruturar dados reais sobre a forma como é feita a cobertura jornalística pela mídia impressa de Macapá, a partir dos jornais A Gazeta e Jornal do Dia. No estudo pretendeu-se, ainda, quantificar, a partir do processo de coleta de dados, as matérias relacionadas a esporte, para saber e apontar, com isso, a maneira que o assunto é retratado pelos dois diários.

Também na pré-análise formulou-se as hipóteses de pesquisa: os jornais analisados optam por reproduzir, em grande parte das publicações diárias relacionadas ao esporte, o que circula em outros meios de comunicação nacionais e isso implica dizer que, a escolha dos critérios de noticiabilidade está muito mais atrelada a esses veículos do que a opção de retratar conteúdo local nos dois jornais.

No que tange à constituição do *corpus*, a clipagem dos jornais foi feita em todas as edições veiculadas no período de setembro a dezembro. Portanto, para a coleta não houve separação prévia. Ao longo dos três meses estabelecidos para pesquisa, foi-se fazendo a catalogação para saber o número total de itens. Mas somente após o término do período que se iniciou a métrica, a partir dos critérios estabelecidos. Trata-se da preparação do material, tal qual propõe Bardin quando detalha a pré-análise.

Finalizada a coleta, passou-se a resgatar em cada edição os itens noticiosos publicados – tal busca foi feita em todo o jornal e suas editorias. Desses, foi feita a codificação individual, ou seja, cada item foi observado segundo as categorias propostas no formulário de codificação¹. Em seguida, iniciou-se a análise de conteúdo propriamente dita, isto é, a exploração do material – na perspectiva qualitativa. Nesta etapa procedeu-se a tabulação métrica e a elaboração de gráficos estatísticos, bem como o processo de inferências e interpretação.

Quanto às regras de recorte, de categorização, de codificação, estabeleceu-se como critério para a seleção dos itens publicados nos dois jornais a busca pela palavra-chave ‘esporte’, de maneira geral. A procura pela palavra norteou a categorização posterior. Para iniciar a categorização, na fase de Exploração do material, elaborou-se o formulário. Nele, foi tabulado título da matéria, presença de ilustrações e/ou explicações, gênero, editoria/caderno, em um primeiro momento. Com isso iniciou-se a identificação do conteúdo a partir do espaço que ocupa no jornal; a forma escolhida para apresentá-lo, ou seja, o gênero; e, ainda, se o jornal preocupa-se em aliar recursos visuais ao texto. A organização dessas informações levou à outra frente de investigação objeto deste trabalho: os critérios que embasam a escolha do material sobre esportes, publicados nos jornais A Gazeta e Jornal do Dia.

Para a Análise de texto diagnosticou-se a origem da notícia, ou seja, a localização geográfica – local/estadual, regional, nacional ou internacional. Isso foi importante para construir o cenário em que a notícia está inserida. E, ao mesmo tempo, poder diagnosticar, se a escolha da origem leva em consideração o público que vai “consumi-la”. Uma vez que, a tendência do leitor é buscar aquilo que “está perto” do universo do qual faz parte.

Saber quem pautou a informação – produção/reportagem local, agência de notícia, assessoria de imprensa, sites de notícias, ou outros jornais impressos – é necessário para se medir o grau de profissionalização em que o jornalismo esportivo amapaense está. A partir do momento em que o jornal consegue abastecer a editoria com conteúdo próprio, pode

¹ Em anexo.

demonstrar que, também, trata os esportes como uma parte importante e não apenas como recurso para preencher páginas vazias. Isso também foi medido quando se analisou quem assina o texto – repórter do próprio jornal, profissional externo, ou não é assinado.

A cobertura jornalística na editoria de esporte no jornalismo impresso do Amapá é a base deste trabalho. Portanto, a escolha da categoria de análise em que se fez a mensuração dos critérios de noticiabilidade pretende aprofundar a observação quanto aos valores-notícia atribuídos pelos diários quando produzem o material jornalístico.

Também se mensurou as modalidades esportivas objeto das notícias encontradas nas edições sob análise, para que se pudesse traçar um quadro demonstrativo de quais as ganham o atributo de noticiáveis e que, por isso, figuram nas páginas, enquanto outras não conseguem o mesmo espaço por serem consideradas de um grupo pouco conhecido/explorado, e que não possui público interessado – ao menos é o que se pode inferir.

Diagnosticou-se, também, o viés da informação que circula nos dois jornais sobre o esporte e a relação com o conteúdo econômico, político, entre outros. Daí, de igual modo, se pode analisar a perspectiva e as características da especialização com que se trata o jornalismo esportivo nos jornais A Gazeta e Jornal do Dia, embasado na proposta de Tavares (2009) em atribuir a esse tipo de jornalismo a função de intermediador de saberes especializados na sociedade, de maneira que se possa construir um discurso noticioso, ou informacional, capaz de promover conhecimento fundado na “compreensão conjunta do universo científico e do senso comum”.

Identificar o “personagem”, ou objeto, da notícia – atletas, clubes, equipes, competições, ou patrocínios – permite saber se o conteúdo esportivo nos dois jornais consegue ir além da cobertura personalizada e focada no atleta, características identificadas em outras mídias, quando se utilizam destas imagens apenas para ilustrar a notícia, ou se busca dar visibilidade e sentido à temática esportiva, também a partir dos personagens que utiliza.

Nas categorias ‘atualidade do assunto – atual ou recorrente’ – e ‘grau de profundidade do material jornalístico – factual, suíte, reportagem especial’ – buscou-se aprofundar o conhecimento a respeito da especialização da editoria nos jornais, e, ao mesmo tempo, ter mais um elemento que auxilie na construção do quadro sobre o “modelo” de jornalismo esportivo desenvolvido nos diários amapaenses.

Para finalizar, analisou-se a linguagem adotada – coloquial, técnica, mesclada, ou não definida – tipos das fontes – oficiais, oficiosas, informais, ou documentais – bem como, a diversidade delas – uma ou mais de uma – para verificar o grau de aprofundamento dado ao

conteúdo exposto diariamente nos jornais. E, ainda, a pluralidade das informações, ou seja, o enquadramento dado ao conteúdo.

Concluída a exploração, inicia-se o Tratamento dos resultados e interpretações. As informações levantadas a partir do uso do formulário permitiram a análise qualitativa e quantitativa dos itens apurados. Isso significa dizer que, por meio da análise qualitativa foi possível atribuir sentidos às palavras, aos temas escolhidos para serem notícia, às personagens retratadas, entre outros. Na análise quantitativa, por sua vez, o foco está voltado para a frequência com que determinadas circunstâncias são abordadas no discurso.

CAPÍTULO III

3. ANÁLISE DE DADOS: Jornal A Gazeta e Jornal do Dia

3.1 Apresentação dos jornais

A análise de conteúdo foi realizada nas publicações dos jornais amapaenses A Gazeta e Jornal do Dia. São dois dos jornais diários com maior tiragem diária no Estado. A Gazeta é um jornal diagramado em formato tabloide, conhecido pelo teor político agudo e que pode ser considerado “o carro chefe” da publicação. Geralmente o jornal posiciona-se a favor ou de forma contrária ao grupo político que governa o estado e essa escolha é percebida de forma nítida no conteúdo publicado.

De acordo com o jornalista Edgar Rodrigues², a origem do jornal A Gazeta está ligada a outro jornal, o Amapá Estado, fundado em 28 de agosto de 1978, com periodicidade semanal e tiragem média de mil exemplares ao dia. O fundador e primeiro diretor foi Haroldo Franco. Rodrigues classificou a linha editorial adotada pelo impresso como “particular, independente e combativo”. Na época, era diagramado em tamanho *standard*. O jornalista menciona que o Amapá Estado ficou circulando esporadicamente, sob a administração de Silvio Assis, após passar um período sob o comando do seu pai, Sillas Assis, mas ele não dá data exata de quando isso aconteceu, nem precisa quando ocorreu a mudança de nome. Em pesquisa junto ao jornal, por ocasião deste trabalho, não se obteve resposta quanto a essa informação. Atualmente A Gazeta é presidida por Sillas Assis Junior.

O jornal é composto por três cadernos de terça-feira a sábado. No primeiro constam artigos de opinião, editoria de Política, Economia, conteúdo Internacional, e Personalidades. O segundo é denominado Cotidiano e é composto por “Na telinha”, Cidades, Educação e Saúde, Variedades, e Tecnologia. No terceiro tem as editorias de Política e Esporte. Na edição de domingo e segunda-feira acrescenta-se outros quatro cadernos: Camarim, Turismo e Meio Ambiente, Mulher e Kids.

Fundado em 1987, o Jornal do Dia surgiu como o segundo diário do Estado, também com tiragem média de mil exemplares. Teve como primeiro presidente o empresário Júlio Maria Pinto Pereira, e hoje tem como presidente executiva a advogada e filha de Júlio Pereira, Juliane Pereira e presidente do conselho editorial Aldenor Benjamin dos Santos. Inicialmente o jornal era uma extensão da Gazeta Trabalhista, um veículo de comunicação com forte

² O texto foi disponibilizado em uma página do Governo do Amapá, na internet, no endereço <<http://www.ap.gov.br/amapa/site/paginas/historia/comunicacoes.jsp>>. Acesso em: 25 jul. 2015.

tendência político-partidária, que atuava na publicação de notas públicas e notícias do Partido Democrático Trabalhista, a quem Julio Pereira era filiado. Atualmente o Jornal do Dia é diagramado em formato *standart* e possui três cadernos fixos de terça-feira a sábado (A: Opinião; B: Geral, com notícias das editorias de Cidades e Política e C: Geral, com as editorias de Esporte e Diversão e Cultura), e na edição de domingo e segunda-feira, cinco cadernos, em que se acrescenta aos três mencionados anteriormente, D: Carro e Moto; e E: JD para Elas.

3.2 Coleta do *corpus*

A análise foi feita em 80 edições de cada jornal, divididas em: 27 no mês de setembro, 27 no mês de outubro e 26 no mês de novembro. Nesse período, o jornal A Gazeta publicou 419 itens relacionados ao tema esportes. Em setembro foram 124. Em outubro, 156. Em novembro, 139. O Jornal do Dia, por sua vez, publicou 355 itens. Em setembro, 112. Em outubro, 129. Em novembro, 114. Tal levantamento encontra-se organizado no gráfico que segue.

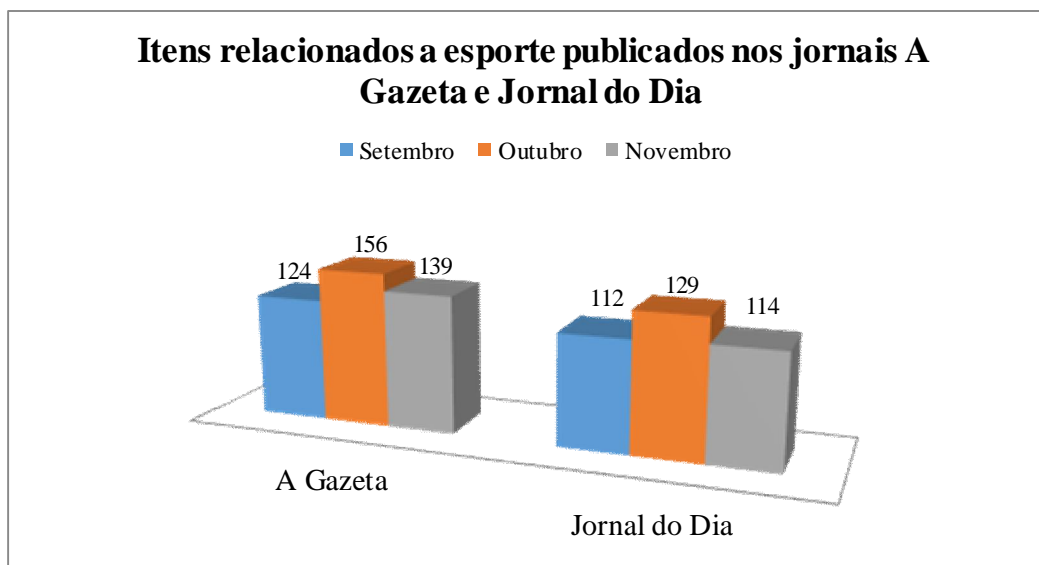


Gráfico 1: Total de dados diagnosticados e analisados no período de setembro a dezembro de 2014 nos jornais A Gazeta e Jornal do Dia. Fonte: A autora (2015).

A seguir, para que os dados fiquem mais bem apresentados, divide-se a análise por jornal. Portanto, as categorias tomadas nesta abordagem serão pontuadas uma de cada vez, mas dentro de um mesmo jornal. Assim que terminar a explanação de um, inicia-se o do

segundo diário. Ao final disso, traça-se a análise comparativa para verificar a relação existente entre eles, ou as suas diferenças.

3.2.1 Jornal A Gazeta

3.2.1.1 Gêneros jornalísticos e recursos visuais

A análise de conteúdo é entendida como um conjunto de técnicas de análise que visa ultrapassar as incertezas e enriquecer a leitura de dados coletados. Logo, o método tem como objetivo compreender, de forma crítica, o sentido do conteúdo que se comunica, observando o que é exposto e as significações explícitas ou ocultas da mensagem.

Baseado nesta compreensão, as inferências feitas a partir dos indicadores quantitativos dos dados coletados nos jornais leva à análise do conteúdo das mensagens. A primeira abordagem que se faz é em relação aos gêneros jornalísticos utilizados pelos jornais, e ainda, a respeito do uso de recursos visuais que acompanham os textos (fotografias ou imagens, desenhos, boxes e infográficos). A esse respeito, recorre-se ao que Sousa (2001) propõe.

Os gêneros jornalísticos correspondem a determinados modelos de interpretação e apropriação da realidade através de linguagens. A linguagem verbal escrita é a mais importante das linguagens usadas no jornalismo impresso. Mas não se pode ignorar a linguagem das imagens e a convergência estrutural de ambas as linguagens no *design* de imprensa (SOUSA, 2001, p. 231).

Da amostra coletada (ver gráfico 2) percebe-se a queda do uso do gênero nota ao longo dos três meses, ao passo que o número de notícias foi aumentando. Já o gênero reportagem foi pouco encontrado nas edições analisadas. É um cenário em que encontramos exemplos como os destacados a seguir.

A respeito do gênero nota, Melo (1994) diz que se trata do relato de acontecimentos que estão em processo de configuração, e é essa característica que a diferencia da notícia, por exemplo, que apresenta o relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social, ou seja, já produziu efeitos e já se tem mais fatos a serem contados.

Baseado nesta concepção cita-se o exemplo da nota “Denunciado por agressão, Valdivia pode pegar 12 jogos de suspensão”, publicada em 20 de setembro de 2014, na editoria de esportes (caderno C6) do jornal A Gazeta. O texto, de quatro parágrafos curtos, trata da possível pena a ser dada ao jogador de futebol do clube paulista Palmeiras, Valdivia, em razão da agressão praticada por ele em uma partida pelo campeonato brasileiro. A nota diz que a Procuradoria do Superior Tribunal de Justiça Desportiva solicitou imagens do jogo e fez

denúncia contra o atleta, que pode ser suspenso por até 12 jogos. A nota também não faz uso de citação de fonte.

C-6 • ESPORTE
BRASILEIRÃO

Macapá(AP), Sábado, 20 de Setembro de 2014 **A Gazeta**

Denunciado por agressão, × Valdivia pode pegar 12 jogos de suspensão

Procuradoria do STJD enquadra o chileno em artigo 254-A. Pena mínima é de quatro jogos. Ainda não há data para o julgamento do palmeirense

A procuradoria do Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) solicitou as imagens do pisão de Valdivia em Amaral, no empate por 2 a 2 entre Palmeiras e Flamengo, na última quarta-feira, de denunciou o meia palmeirense por agressão. O chileno pode pegar até 12 jogos de gancho.

O STJD ainda não definiu a data do julgamento de Valdivia. A denúncia foi feita pelo Procurador Geral do Tribunal, Paulo Schmitt, com base nas imagens e no relato do árbitro Anderson Daronco na súmula da partida, válida pela 22ª rodada do Campeonato Brasileiro.

Vamos enquadrar em agressão. Não tem como ser diferente - disse Schmitt. O artigo é o 254-A, do × Brasileiro de Justiça Desportiva. A pena varia de quatro a 12 jogos de suspensão.

Expulso pelo pisão no adversário, Valdivia admitiu depois do jogo que sua atitude não foi correta. O chileno tinha acabado de voltar de lesão, estava bem na partida e tinha dado até assistência para o gol de empate do × Palmeiras, que luta contra o rebaixamento.



Valdivia é expulso por pisão em jogador adversário, no empate por 2 a 2 com o Flamengo

Foto: A.C. Gazeta / A. B. B. B.

Figura 2: Nota veiculada no jornal A Gazeta, na edição de 20 de setembro de 2014.

Na edição de 7 de outubro, no caderno C6 do jornal A Gazeta, foi publicada nota sob o título “Em honra a Nazaré, Diocese de Macapá prepara ‘Círio de ciclistas’”. O texto, também de quatro parágrafos, foi retirado do site de notícias locais globoesporte.com, e trata especificamente do passeio ciclístico que ainda vai acontecer. Para a construção da nota o jornalista utilizou entrevista de um dos organizadores do evento, e destaca o trecho em que ele ocorrerá; dia do ‘Círio dos ciclistas’; forma de inscrição e horário de largada.



Figura 3: Nota publicada no jornal A Gazeta, na edição de 7 de outubro de 2014.

Os textos exemplificados seguem a característica de nota, citada acima, por relatarem acontecimentos que estão em processo de configuração. O fato noticioso da primeira nota é a possível punição e retrata a agressão ocorrida em jogo, mas, por ser algo ainda em andamento, não tem resultado definitivo. Já na segunda, o foco está no chamamento das pessoas para participar do passeio ciclístico.

Considerando que o gênero notícia apresenta relato integral de um fato que já produziu efeitos na sociedade, cita-se o exemplo da edição de 5 de outubro, “Longe do Flamengo, Jayme de Almeida se coloca no mercado, mas sem pressa”. No texto, o jornalista aborda a participação do técnico de futebol Jayme de Almeida em um encontro de flamenguistas e trata, ainda, da saída dele do clube carioca e de perspectivas para o futuro profissional. Ao longo da notícia há menção da forma como Almeida foi recebido pelos torcedores do Flamengo no evento, e usa entrevista dele para saber como reagiu às manifestações de carinho, o que fez depois que foi demitido do Flamengo, e se negociou com novo clube. A estrutura textual é composta por oito parágrafos.

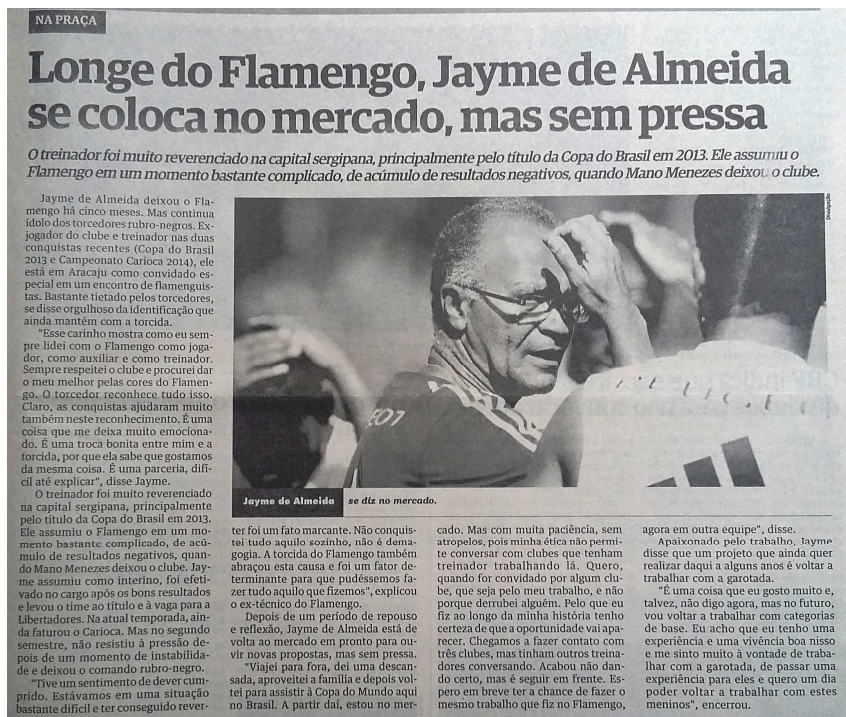


Figura 4: Notícia publicada no jornal A Gazeta, na edição de 5 de outubro de 2014.

Sustenta-se a tese de que o exemplo encontra aplicação na concepção de notícia dada por Melo (1994), pois aborda um assunto já noticiado anteriormente e que já “ecloidiu no organismo social”, ou seja, a saída conturbada do técnico do clube de futebol Flamengo, mas, a partir de um novo enfoque, que foi a participação dele em um evento.

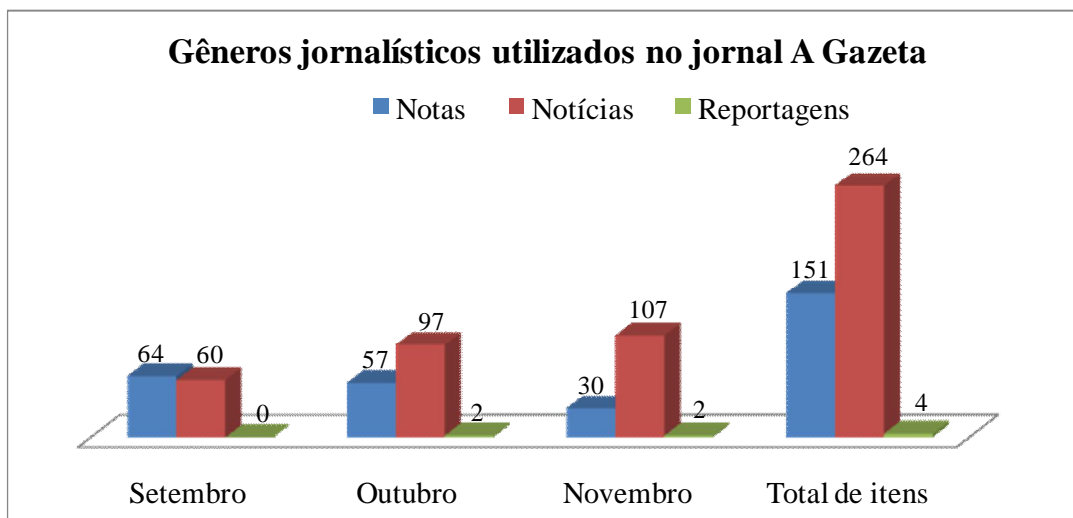


Gráfico 2: Gêneros jornalísticos encontrados no jornal A Gazeta. Fonte: A autora (2015).

Quanto às ilustrações, o jornal A Gazeta opta por um formato de material fortemente visual. Dentro das edições, aproximadamente 95% dos itens noticiosos publicados apresenta-se com pelo menos uma fotografia ilustrativa – ainda houve ocorrência de desenho e box (gráfico 3). Nesse aspecto, pode-se concluir que o uso de tais recursos revela a importância dada à estética como forma de colaborar para a ênfase de aspectos relacionados ao conteúdo das notícias. O uso desses recursos cumpre a função de dar um viés interpretativo/aprofundando, exigidos na reportagem. No entanto, no caso do jornal em questão, é verificado que a utilização de fotografias mostra-se apenas como escolha dos veículos que publicam o material originalmente. Afinal, o jornal A Gazeta não faz a seleção das imagens que ilustram o material jornalístico publicado, uma vez que, se trata de notas e notícias retiradas de outras mídias e que, conseqüentemente, são elas as responsáveis pelos recursos visuais utilizados.

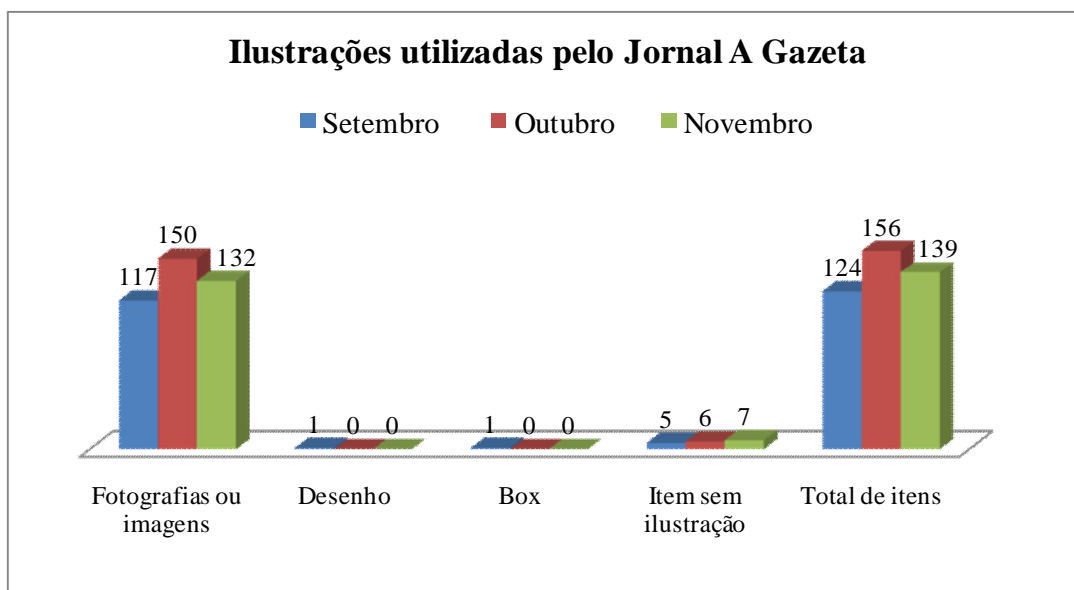


Gráfico 3: Uso de recursos visuais no jornal A Gazeta. Fonte: A autora (2015).

3.2.1.2 Distribuição dos itens sobre esportes ao longo do jornal

Como já sinalizado anteriormente, ao considerar as proposições de Tavares (2009), diagnosticou-se que a lógica de especialização praticada pelos dois jornais investigados é a de temas, percebida pela divisão em cadernos/editoriais. Neste aspecto, nos três meses tomados para análise constatou-se que ambos os jornais centralizam a publicação das notícias esportivas no caderno de Esportes. O jornal A Gazeta, por exemplo, em setembro, apresentou 120 itens neste caderno e apenas uma ocorrência no caderno de Polícia, uma no de Cidades e

duas no de Turismo e Meio Ambiente. Já nos meses de outubro e novembro todos os itens, 156 e 139, respectivamente, foram encontrados no caderno de Esportes. Trata-se do terceiro caderno do jornal e ocupa três páginas (C5 a C7).

Por ser exceção, cita-se o exemplo da publicação do item na editoria de Polícia. A notícia “Detentos do Iapen ganham semana esportiva com Olimpíadas Renascer” foi veiculada na edição de domingo e segunda-feira, 31/08 e 01/09. O texto dava ênfase à programação que foi realizada no Instituto de Administração Penitenciária do Amapá, que ofereceu atividades esportivas e culturais aos detentos em comemoração ao Dia do Interno. A notícia veio ilustrada por uma fotografia dos detentos no momento em que jogavam futebol, com a legenda “Presos participam de várias modalidades esportivas. Dentre elas, o futebol”. Para a composição do texto foi entrevistada a educadora Dalcicleia Mira. O texto não tinha assinatura do autor. Entende-se que a escolha em enquadrar a notícia como policial deve ter sido norteadada pelo fato de tratar de presos, ainda que o conteúdo esteja mais relacionado à categoria esporte.



Figura 5: Notícia publicada no jornal A Gazeta, na edição de 31 de agosto e 01 de setembro de 2014.

Nesta edição também foi publicado no caderno Turismo e Meio Ambiente a notícia “Copa: 30% dos turistas tem renda maior que R\$20 mil”. O texto tem assinatura do Ministério do Turismo e tratou de aspectos ligados ao turismo relacionados ao evento esportivo realizado no Brasil. A outra notícia, do caderno de Turismo, foi publicada na edição de 14 e 15/09. Sob o título “Valeu a pena o Brasil sediar a Copa de 2014?”³, o texto, de Sheyla Miranda, tratou de aspectos positivos e negativos que giravam em torno do fato do Brasil sediar uma Copa do Mundo de futebol. Ainda em setembro, a edição de fim de semana, 21 e 22, apresentou no caderno de Cidades a notícia “Fest Jeep leva muita adrenalina ao meio do mundo”. O texto foi retirado do site de notícias selesnafes.com e abordou o evento esportivo que ocorreu ao lado Monumento Marco Zero.

³ Originalmente publicado em <<<http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/desenvolvimento/vale-pena-brasil-sediar-copa-2014-623510.shtml>>>.

3.2.1.3 Abrangência da notícia

O corpus coletado permitiu ainda a análise quanto ao recorte geográfico que se faz do material posto para publicação (gráfico 4), que indica a predominância de conteúdo nacional. São dados que permitem inferir que o jornal A Gazeta, tenta mesclar conteúdo local, nacional e internacional, ainda que em alguns casos, como em setembro, por exemplo, uma área se sobressaia de forma mais significativa diante das outras. Em outubro e novembro o equilíbrio é mais notável, pois não há grande diferença. Outra observação é quanto a não ocorrência de itens regionais.

As notícias locais, em sua grande maioria, são retiradas do site Globo Esporte local. Exemplo disso é a publicada em 27 de novembro, “Flyboard ganha os primeiros praticantes no Amapá; esporte é divertido e caro”. O texto trata da nova modalidade esportiva praticada na capital amapaense, isto é, no que ela consiste, e depois cita três entrevistas. Duas são de praticantes do flyboard e outra é do representante de uma marca do equipamento usado no esporte. Em linhas gerais a produção pretende ‘apresentar’ a modalidade.



Figura 6: Notícia publicada no jornal A Gazeta, na edição de 27 de novembro de 2014.

Na categoria nacional menciona-se a notícia, publicada na mesma edição de novembro, “‘Roda de capoeira’ recebe título de Patrimônio Imaterial da Humanidade”.

Embora de repercussão internacional, o recorte noticioso diz respeito à ‘manifestação afro-brasileira conhecida como Roda de capoeira’, diz o texto, quando foi elevada a patrimônio imaterial da humanidade. O título foi dado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Além da contextualização da Roda de capoeira feita pelo jornalista, cita-se a entrevista da presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) para destacar a importância do momento e o que representa para a cultura brasileira.



Figura 7: Notícia publicada no jornal A Gazeta, na edição de 27 de novembro de 2014.

O material de conteúdo internacional centra-se em notas e notícias sobre UFC (*Ultimate Fighting Championship*), como no exemplo da edição de 23 e 24 de novembro, “Chris Weidman conta que passou por exame antidoping surpresa e celebra”. A nota trata sobre o teste que o lutador americano havia feito e que gerou manifestação dele pela rede social *Twitter*. O fato virou notícia porque o brasileiro Vitor Belfort, que tem luta agendada contra Weidman, também passou pelo “teste surpresa” dias antes.

Chris Weidman conta que passou por exame antidoping surpresa e celebra

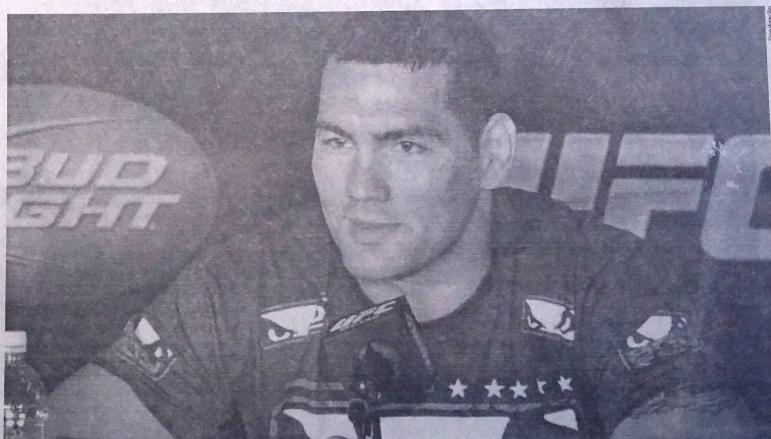
"Ótimo para o esporte", diz campeão dos pesos-médios do UFC em rede social.

Na mesma semana em que foi revelado o resultado do exame antidoping surpresa de Vitor Belfort, seu adversário no UFC 184, o americano Chris Weidman, também foi testado sem aviso anterior. O campeão dos pesos-médios do Ultimate revelou nas redes sociais a realização do teste nesta sexta-feira, e comemorou o compromisso das comissões atléticas com o controle antidoping.

"Eu acabei de ser testado para drogas aleatoriamente pela primeira vez. Ótimo para o esporte. Exames fora de competição estão chegando a uma casa próxima a você!", escreveu Weidman no Twitter.

O americano havia cobrado no mês passado que Belfort fosse testado de surpresa pela Comissão Atlética do Estado de Nevada, como havia ficado combinado entre as duas partes como condição para que o brasileiro recebesse uma licença para lutar no estado. O lutador carioca passou por exames de sangue e urina e os resultados de ambos foram negativos.

Chris Weidman e Vitor Belfort se enfrentam no UFC 184, em 28 de fevereiro, em Los Angeles.



Chris Weidman

campeão dos pesos-médios do UFC.

Figura 8: Nota publicada no jornal A Gazeta, na edição de 23 e 24 de novembro de 2014.

Entende-se que a escolha pelo recorte geográfico está pautada, em grande medida, ao critério do momento do acontecimento (conforme veremos detalhadamente no item posterior). Desta forma, conclui-se que, a partir da observação das publicações do trimestre analisado, o fator atualidade do assunto se sobressai quando da seleção do que noticiar. Neste sentido, o quesito localização geográfica está em segundo plano. Por isso que assuntos como competições de MMA (em português: Artes Marciais Mistas) ganham espaço no jornal, por exemplo.

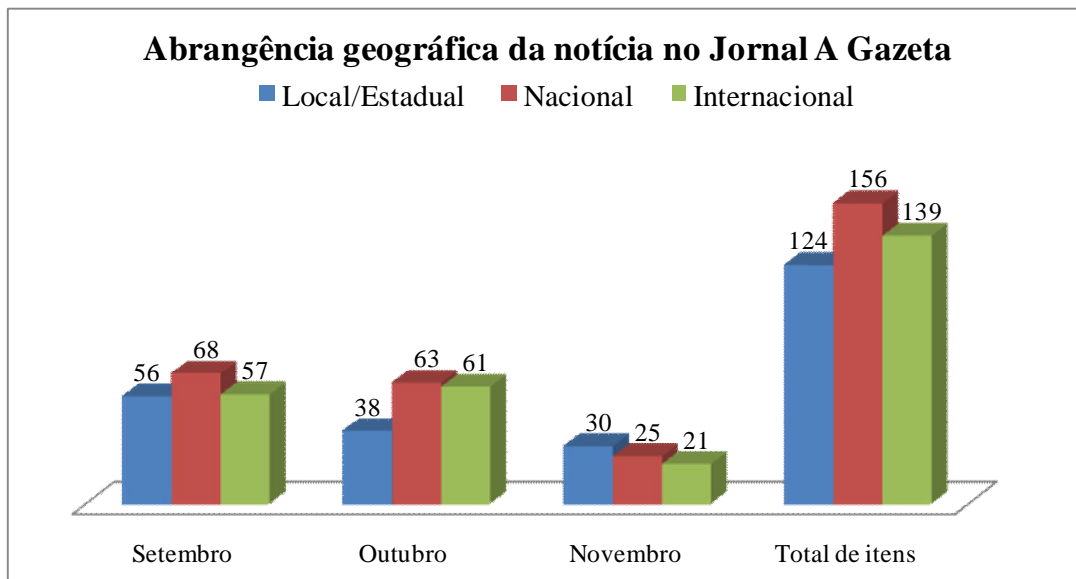


Gráfico 4: Origem geográfica do conteúdo do jornal A Gazeta. Fonte: a autora (2015).

3.2.1.4 Autoria dos itens noticiosos

Dos itens clipados em setembro, o jornal a Gazeta utilizou 65 vezes notas ou notícias retiradas de sites de notícias, o que permite depreender que, no geral, o conteúdo do jornal é republicado, ou seja, retirados de outros meios. Destes, o mais usado é o site Globo Esporte (globoesporte.com). Foram 56 vezes. Também teve 2 itens retirados do site amapaense Seles Nafes (selesnafes.com), e 5 do site Combate (combate.com), que veicula exclusivamente informações sobre lutas. Também teve 2 notícias sobre turismo, retiradas de sites sobre o assunto. Ainda tiveram 2 itens assinados por agência de notícia e 57 não identificados.

Em outubro foram 81 itens oriundos de sites, divididos em 69 do site Globo Esporte; 7 do site Combate; 3 do site Seles Nafes, e 2 do site Sportv.com. Em novembro, 83 estavam sem identificação; 56 foram retiradas de sites de notícias: 55 do site Globo Esporte e apenas uma do site Seles Nafes. Nos três meses não foi identificado nenhum caso de material jornalístico assinado por repórter do próprio jornal.

A nota “Definidos os vencedores do tiro prático dos Jogos Internos da Polícia Militar”, de 27 de novembro, foi retirada do site local globoesporte.com. O item teve a autoria identificada ao final do texto. Do mesmo veículo de comunicação, nessa mesma edição, foi publicada a notícia “Flyboard ganha os primeiros praticantes no Amapá; esporte é divertido e caro”. Já itens como “‘Roda de Capoeira’ recebe título de Patrimônio Imaterial da Humanidade”, “‘Cigano ainda é maior desafio que Velásquez pode ter’, diz treinador”,

“Gadelha: luta com Jedrzejczyk define a desafiante ao título no peso-palha”, e “Thiago Tavares opera menisco, mas garante que enfrenta Nik Lentz” são textos sem menção de autoria.



Figura 9: Nota publicada no jornal A Gazeta, na edição de 27 de novembro de 2014.

Do site amapaense selesnafes.com pode-se citar o exemplo da nota publicada em 23 de setembro, “Em Manaus, Santos vence o Princesa e está na 2ª fase da Série D do Brasileirão”. Assim como no exemplo citado anteriormente, nesta edição do jornal A Gazeta encontra-se a assinatura da origem do texto. No caderno de Esportes dessa publicação tiveram outros quatro itens noticiosos, todos retirados do site Globo Esporte, local e nacional.

O IMPOSSÍVEL

Em Manaus, Santos vence o Princesa e está na 2ª fase da Série D do Brasileirão

O terceiro gol do "Peixe da Amazônia", que garantiu a classificação, foi feito pelo goleiro Diego numa cobrança de falta.

Após derrotar por 3 a 2 o Princesa do Solimões no estádio Ismael Benigno, no último sábado, 20, em Manaus, o Santos, do Amapá, eliminou o time rival e se classificou para a segunda fase da Série D do Campeonato Brasileiro de Futebol. Até os 39 minutos do segundo tempo, o jogo estava empatado.

O terceiro gol do "Peixe da Amazônia", que garantiu a classificação, foi feito pelo goleiro Diego numa cobrança de falta. Os outros gols do time do Santos foram feitos no primeiro tempo pelos jogadores André Beleza, aos 3 minutos e Carlinhos Marau, aos 43.

Se o jogo tivesse terminado com um empate, o Princesa do Solimões teria se classificado.

Na partida, o time do Santos-AP contou com os jogadores Diego, Cavallo (Aldair), Wellington, André Luis, Pretão (Michel) e Carlinhos Marau; Sandro, André Cabeça e Acosta (Tiquel); André Beleza, Jean Marabaixo e o técnico Darlan Souza.

O Santos vai jogar no próximo domingo (28). Atualmente, o time é o vice-líder com 16 pontos na tabela e com o saldo de 4 gols. O Princesa do Solimões está com a mesma pontuação do Princesa, porém com o saldo de 1 gol. (Selesnafes.com)



Jogadores santistas

agradecem pela quase impossível vitória conquistada.



Goleiro Diego

fez o terceiro gol e garantiu a vitória do "Peixe da Amazônia".

Figura 10: Nota publicada no jornal A Gazeta, na edição de 23 de setembro.

Os itens relacionados às competições de MMA, sobretudo UFC, são retiradas do site que cobre o gênero esportivo, Combate.com. Na edição de 21 e 22 de setembro tiveram dois exemplos. Foram as notícias "Com bomba de direita, Mark Hunt quebra mito e nocauteia Roy Nelson" e "Wanderlei Silva anuncia aposentadoria e declara guerra ao Ultimate". Ambos tiveram a identificação da autoria.

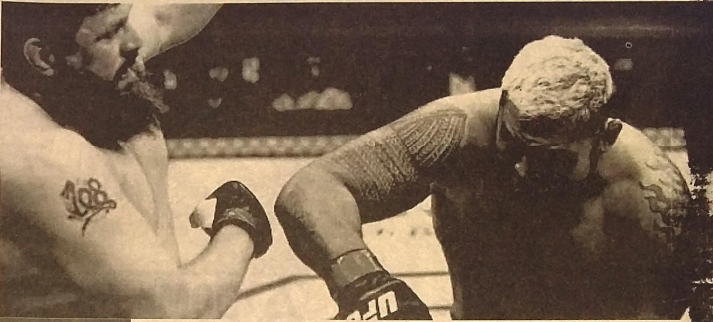
"GORDINHOS"

Com bomba de direita, Mark Hunt quebra mito e nocauteia Roy Nelson

Em duelo de "gordinhos" no UFC realizado em Tóquio, atleta neozelandês se torna o primeiro a bater o americano por nocaute dentro da organização

Caiu o mito de Roy Nelson nunca ter sido nocauteado no UFC. Quem conseguiu essa façanha foi Mark Hunt, na luta principal do card realizado em Tóquio, na madrugada deste sábado (tarde no Japão). No duelo de "gordinhos" da categoria peso-pesado (até 120kg), o neozelandês encaixou uma gancho fortíssimo de direita no queixo duro do americano e o levou à lona, totalmente desorientado, quando o relógio marcava exatos 3 minutos do segundo round. Nelson, que fez sua luta de número 13 no Ultimate, já havia sido nocauteado uma vez na carreira, mas foi no EliteXC, contra Andrei Arlovski, em 2008.

Hunt avançou primeiro e bateu na defesa de Nelson. O americano tentou botar para baixo e não conseguiu. Nelson fintou e encaixou um overhand na cabeça do oponente. Hunt contragolpeou e invadiu a guarda de Nelson com um direito. Os dois se esquivaram bem um do outro. Antes do fim do round, entraram mais dois cruzados de Nelson, que ainda variou e chutou baixo.



Mark Hunt acerta golpe de direita em Roy Nelson

Nelson encaixou bom cruzado no começo do segundo assalto, botou para baixo e pegou as costas, mas Hunt se levantou. O neozelandês jogou bom gancho e jabs na sequência. Hunt acertou mais

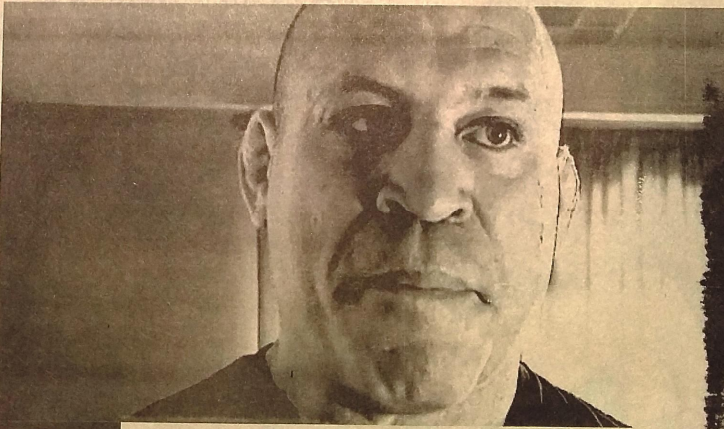
bons golpes, encurralou o adversário e jogou um gancho potente que o derrubou no ato, de cara no chão. O árbitro entrou no meio e, acertadamente, interrompeu o combate.

O cartel de Mark Hunt, de 40 anos, agora é de 10 vitórias, oito derrotas e um empate (5-2-1 no UFC). Já Roy Nelson, de 38 anos, tem 20 triunfos e 10 reverses até hoje (7-6 no UFC). (Combate.com)

Wanderlei Silva anuncia aposentadoria e declara guerra ao Ultimate

Wanderlei Silva anunciou na noite desta sexta-feira o fim da sua carreira como lutador. O ex-campeão do Pride detonou o Ultimate através de um vídeo divulgado em suas redes sociais, prometeu denunciar todas as atitudes erradas que souber sobre a organização e que ninguém irá lhe calar. Apesar de o vídeo começar com a mensagem: "Isto não é um adeus", o próprio Cachorro Louco afirmou que perdeu a vontade de entrar no octógono e que pretende ser um representante dos atletas que, segundo ele, recebem apenas migalhas do UFC.

Vocês não respeitam a gente como lutador, como nada. Jogam o público contra a gente. A única coisa que temos, que nos levanta, que nos sustenta, é o público. E acaba que vocês, com suas declarações infames ao nosso respeito, jogam o público contra nós. O que nos sobra? Acabar a carreira, tomar um chute na bunda, ser escrachado pela mídia e ter os fãs contra. Vou viver do que? É por isso, com muito pesar no meu coração, que hoje é um dia triste para mim. Por que? Porque infelizmente essa organização me tirou a vontade de lutar. Não consigo mais fazer isso, ser tratado dessa maneira por vocês. E hoje, com muito pesar, vim aqui decretar minha retirada dos ringues. A partir de hoje, Wanderlei Silva não luta mais. Porque não tenho um palco digno, onde o atleta seja respeitado. Em virtude disso, para mim deu. Começaram a jogar



Wanderlei Silva anunciou sua aposentadoria em vídeo

meus fãs contra mim, que me acompanham há 20 anos, muito antes desse evento existir, quando eu lutava na mão seca no Brasil. Ajudei a fazer esse esporte. Com meu sangue, com meu suor. Agora vem um bando de almo-fadinhas querer dizer o que a gente é

ou não é? Estão muito enganados. Agora estou aqui, vou mostrar tudo que fazem de errado com nosso esporte. Carregamos esse evento nas costas, entramos lá, tomamos soco na cara. O mínimo que vocês têm que fazer é nos respeitar. O Silva está se

levantando agora! Eu estava triste, chateado com tudo isso, mas os lutadores precisam de voz, de alguém que fale a verdade e eu estou aqui para falar a verdade. O que fizeram de errado eu vou falar e vocês não vão me calar. (Combate.com)

Figura 11: Notícias publicadas no jornal A Gazeta, na edição de 21 e 22 de setembro de 2015.

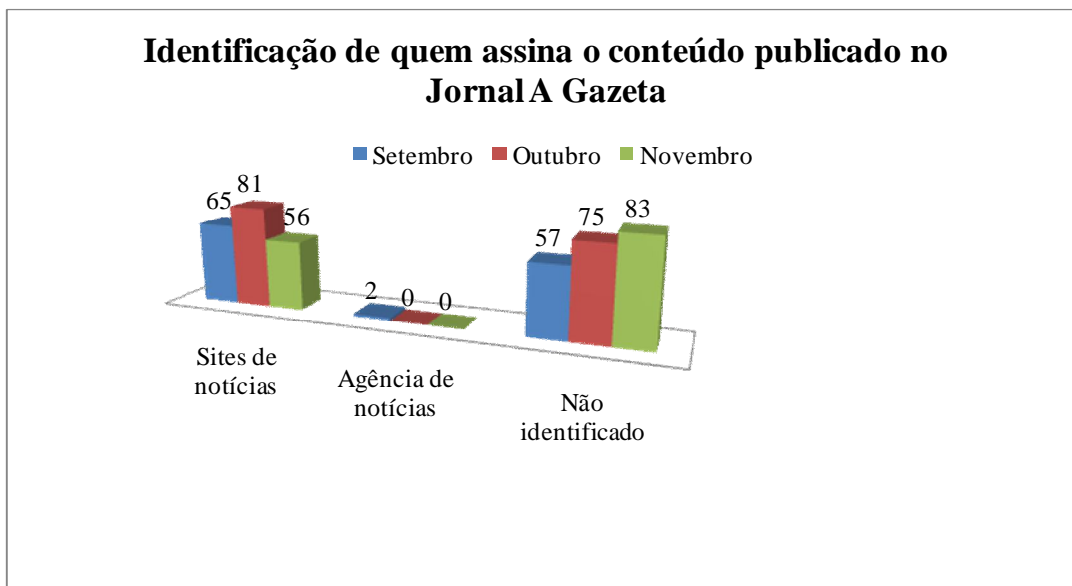


Gráfico 5: Identificação da autoria dos itens noticiosos no jornal A Gazeta. Fonte: A autora (2015).

3.2.1.5 Esportes abordados

Outra categoria explorada pelo estudo de conteúdo diz respeito aos esportes retratados nos dois jornais. Na observação foi possível perceber que a predominância na cobertura de dois esportes apenas não revela a diversidade esportiva e nem a demanda sobre as questões estruturais envolvendo o esporte no Estado. Enquanto algumas modalidades esportivas apareceram uma ou duas vezes nas publicações do jornal A Gazeta, outras, como futebol e lutas – sobretudo MMA, surgem diariamente, em gêneros jornalísticos diferentes. Por ser diversas modalidades, mas com número reduzido de ocorrências, inferior a 10 vezes, optou-se por apresentar os dados apenas dos esportes que foram encontrados em número superior a essa marca. São dados que mostram o futebol com 151 ocorrências no jornal A Gazeta; e lutas como MMA, jiu-jitsu, *Taekwondo*, judô, entre outras, com 173 casos, ao longo do trimestre (gráfico 6).

Exemplo da polarização dividida entre as duas práticas esportivas é a edição, já mencionada antes, de 21 e 22 de setembro. Nela, foram três itens tendo o futebol como pano de fundo da notícia, e dois que versaram sobre lutas. Sobre o primeiro a abordagem consistiu em retratar a chegada de técnico a um clube, dar destaque a um atleta e noticiar o resultado de uma partida. A respeito do segundo foi um item relacionado ao resultado de uma luta e outro sobre um atleta que anunciou aposentadoria.

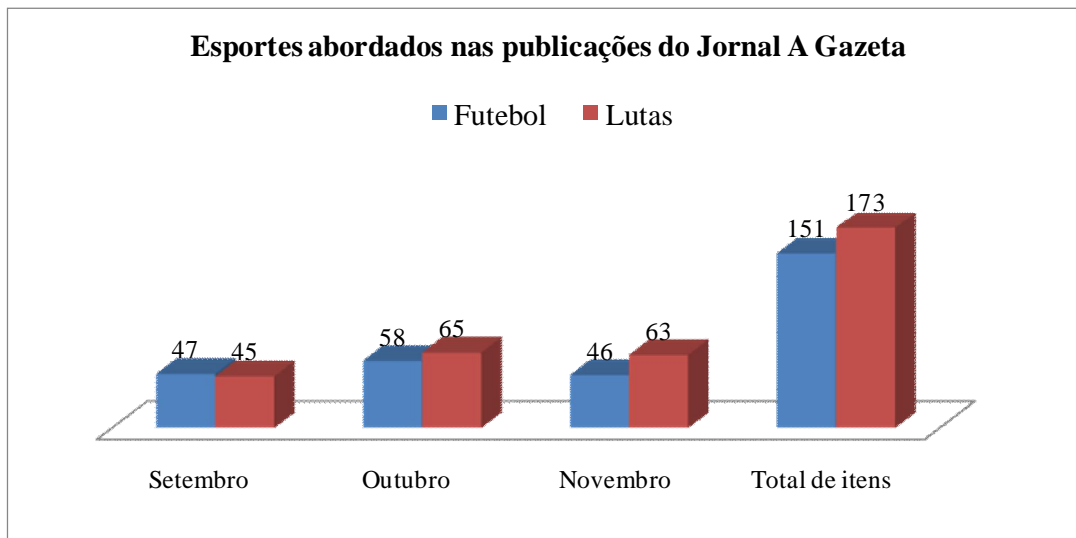


Gráfico 6: Esportes abordados nas edições dos três meses analisados do jornal A Gazeta. Fonte: a autora (2015).

3.2.1.6 Fontes

A partir da observação do *corpus* foi possível constatar que o jornal A Gazeta faz constante uso de fontes oficiais para embasar as notas, notícias e reportagens publicadas, ainda que se tenha encontrado exemplos de uso de fontes oficiosas, informais, e documentais. Sousa (2004 apud Correia, 2007, p. 106) mostra preocupação quando situações como essa são verificadas, pois,

... proliferam nos meios de comunicação as posições das fontes “oficiais”, em detrimento das perspectivas de outras fontes. Alguns autores falam [...] na existência de uma hegemonia, uma espécie de unicidade de pontos de vista e valores sobre o mundo, transmitida pelos meios de comunicação, que favorece o consenso e o consentimento.

A predominância de fontes oficiais no jornalismo, em se tratando de promoção do debate plural, significa a não abertura para visões diferentes e, ao mesmo tempo, pode representar perigo para o veículo de comunicação, porque a fonte passa a agir como detentora da verdade e do espaço também. Nisso, os leitores, telespectadores, ouvintes, etc. podem entender que aquele veículo é “patrocinado” pela fonte e o debate sai da esfera jornalística para ir para o debate ético, que, se confundido, ofusca a notícia e não cumpre o papel de informar.

Este cenário foi percebido nas edições de setembro a novembro dos jornais investigados. Os itens com discurso oficial se sobressaem diante dos oficiosos e informais, por exemplo. Para esta análise estabeleceu-se que, quando atletas, dirigentes de clubes e de entidades esportivas; autoridades ligadas aos esportes, como ministro, secretários, diretores de órgãos públicos; médicos, fisioterapeutas, pesquisadores em esporte, entre outros profissionais da área, foram mencionados como fonte, por falar em nome de uma instituição, julgou-se como fonte oficial. Mas quando um deles falou de forma “independente”, ou não ligada a uma instituição, considerou-se oficioso. Quando torcedores e pessoas sem função direta dentro dos ramos esportivos foram citados, entendeu-se como fontes informais.

Como se pode verificar nos gráficos que seguem, as fontes oficiais estão em primeiro lugar nos três meses observados do jornal A Gazeta. Isso permite inferir que as informações fornecidas pelo conteúdo jornalístico deste jornal privilegiam um discurso em detrimento de outro, o que significa dizer que, o jornal se preocupa em passar a ideia das instituições ligadas ao esporte e deixa em segundo plano o discurso que não se enquadra como oficial.

Para exemplificar o uso de fontes pode-se analisar a nota publicada em 27 de novembro: “Definidos os vencedores do tiro prático dos Jogos Internos da Polícia Militar”. O material foi retirado do site Globo Esporte. O texto foi construído a partir da apresentação dos três vencedores da competição de tiro e nele há a menção apenas de uma fonte, a coordenadora dos jogos na modalidade de tiro prático.



Figura 12: Nota publicada no jornal A Gazeta, na edição de 27 de novembro de 2014.

De igual modo, o modo de uso de fonte oficial é percebido na nota publicada na edição de 7 de outubro “Calendário da Federação de Ciclismo entra na reta final e promete disputas acirradas”. O texto também só utiliza uma fonte para abordar a temática principal: o encerramento do circuito de provas de ciclismo do ano de 2014. Para isso, usou-se dois trechos de entrevista do presidente da Federação Amapaense de Ciclismo, Antônio Carlos.



Figura 13: Nota publicada no jornal A Gazeta, na edição de 7 de outubro de 2014.

Como já destacado, a utilização deste recurso é percebida em grande parte das edições analisadas do jornal A Gazeta. Trata-se de uma prática que demonstra que o material publicado está envolto do discurso apenas das instituições ligadas aos esportes ou da organização de eventos, como nos exemplos citados. O fato de se perceber isto em notas, na maioria das vezes, permite analisar que o conteúdo tende a ser oriundo de sugestão de pauta de assessoria de comunicação ligada às fontes. Desta forma, o que se publica no jornal nada mais é do que o aproveitamento de material encaminhado às redações. Daí frisar somente no que uma pessoa “fala”.

Para fazer o diagnóstico apresentado acima levou-se em consideração os apontamentos de Sousa (2001) ao preconizar que as fontes utilizadas pelos jornalistas podem ser classificadas de acordo com o seu estatuto. Desta forma, podem ser oficiais estatais, oficiais

não estatais (partidos políticos, sindicatos, associações, etc.), oficiosas (um assessor de um ministro que dá a sua versão dos fatos, etc.), informais (a testemunha de um crime, o polícia de giro, etc.). O autor chama a atenção para a importância das fontes de informação. Para ele, são consideradas “capital imprescindível do jornalismo e dos jornalistas”. Por isso, Sousa frisa: “Não existiria investigação jornalística sem fontes de informação. Mais: grande parte da informação jornalística não existiria sem fontes de informação” (SOUSA, 2001, p. 63).

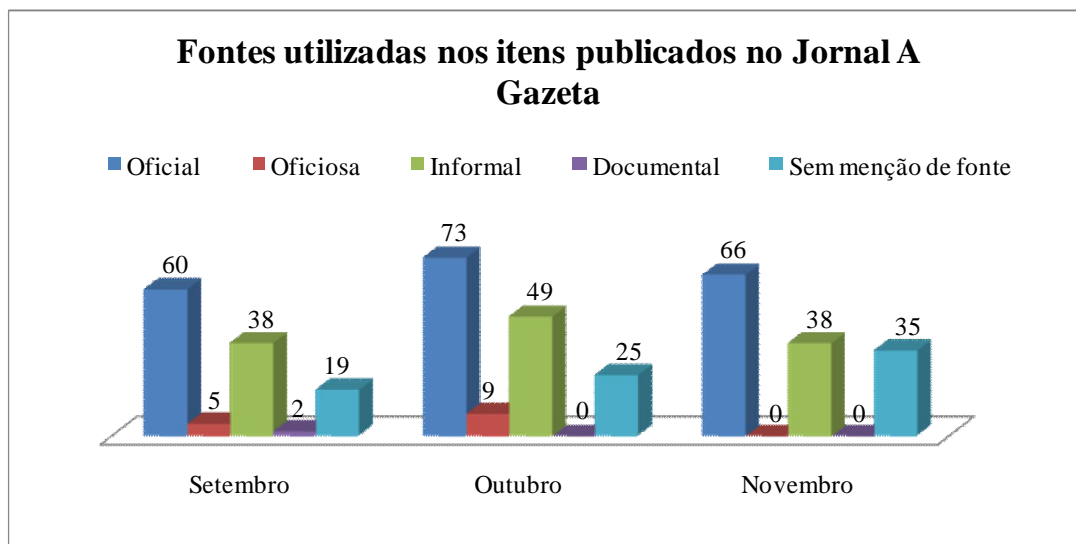


Gráfico 7: Tipos de fontes utilizadas pelo jornal A Gazeta nas publicações de setembro a dezembro. Fonte: a autora (2015).

3.2.1.7 Critérios de noticiabilidade

Por fim, a pesquisa fez levantamento dos critérios de noticiabilidade usados na editoria de esportes do jornal A Gazeta. Tais critérios foram tomados como unidade de análise importante para pensar o jornalismo especializado no sentido proposto por Tavares. Ou seja, um jornalismo que tenha como propósito problematizar assuntos e possibilitar construção de conhecimento. Desta forma, buscou-se compreender se esses preceitos podem ser vistos como metodologia do trabalho jornalístico, capaz de propiciar novos produtos (notícias e textos), como apresenta o autor; ou, se, pelo contrário, tornam-se apenas maneiras de prender o jornalismo a modelos pré-estabelecidos.

Para a análise deste tópico os critérios já apresentados em capítulo anterior serviram como norteadores, a saber: Proximidade, Consonância, Momento do acontecimento, Imprevisibilidade, Proeminência social dos sujeitos envolvidos e Significância. Além destes,

outros quatro foram mencionados anteriormente, porém somente estes seis foram detectados nos itens analisados.

No Jornal A Gazeta o critério que se destaca como base do conteúdo noticioso publicado é Momento do acontecimento. Deduz-se que isso aconteça porque está ancorado no fato de que tal critério foi adotado em itens relacionados aos conteúdos nacionais e internacionais. Daí, entendeu-se que todas as vezes (169 ao longo de três meses) em que se publicou notas, notícias ou reportagens em que o conteúdo nacional ou internacional estava em destaque, a escolha pela presença do item foi motivada pelo fato de a informação ser de interesse do veículo que produziu a notícia – uma vez que o jornal A Gazeta utiliza, destacadamente, material jornalístico de outros meios. O fundamento para o destaque dado a esse critério de noticiabilidade parte da ideia do factual, daquilo que está acontecendo, e que provoca interesse por ser atual e, na maioria dos casos, ser assunto em destaque em outros meios de comunicação.

Da mesma forma, as 124 vezes em que o critério Proximidade esteve presente, entendeu-se que a opção embasou-se no fato de ser informação de caráter local. Esses casos foram encontrados nos itens que trataram o conteúdo esportivo produzido no estado do Amapá.

As ocorrências em que se adotou o critério Proeminência social dos sujeitos envolvidos foi vista como escolha pautada do grau de reconhecimento que o personagem principal da informação tem diante das demais pessoas. E por esse motivo, o critério foi encontrado nos itens que versam sobre conteúdo nacional e internacional. Sabe-se que o meio esportivo, assim como outros que têm na imprensa e nos meios de comunicação grande influência, constrói um cenário de fascínio e, assim, tratar das pessoas que estão nesse meio mostra-se interessante e pertinente na concepção jornalística.

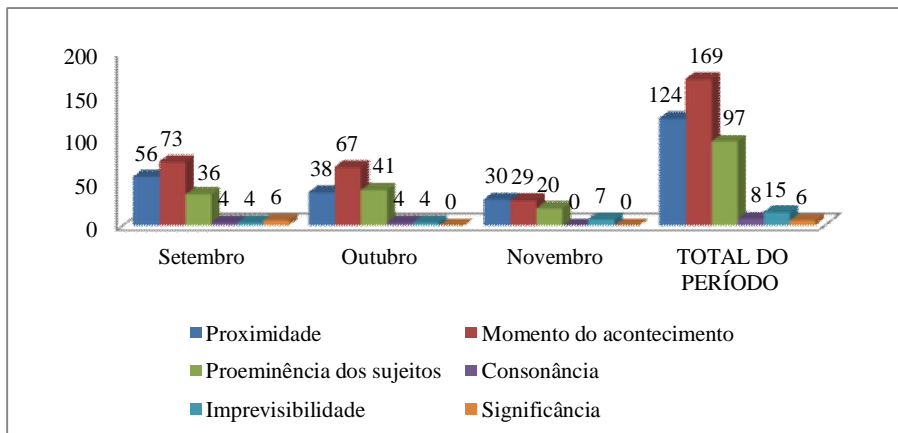


Gráfico 8: Critérios de noticiabilidade adotados nas edições do jornal A Gazeta. Fonte: a autora (2015).

Do quantitativo diagnosticado a respeito do uso dos critérios de noticiabilidade encontrou-se casos em que consonância, imprevisibilidade e significância foram tomados como fator de escolha para produção do material. Tais exemplos foram percebidos em itens de cunho nacional e internacional, também. Vale dizer que o critério significância diz respeito a acontecimento tratado como mais relevante por envolver muitas pessoas, ou ter grande dimensão. Como foi o caso da notícia, publicada na mesma na edição de 27 de novembro, “‘Roda de capoeira’ recebe título de Patrimônio Imaterial da Humanidade”. Já consonância leva em consideração a vocação do acontecimento ser agendável e corresponder às expectativas. Exemplo disso é a notícia de 21 e 22 de setembro, “Wanderlei Silva anuncia aposentadoria e declara guerra ao Ultimate”, em que se entende que o fato de um atleta conhecido internacionalmente anunciar aposentadoria já o torna qualificada a se tornar notícia.

O critério da imprevisibilidade, como o nome sugere, serve para selecionar acontecimento inesperado, e de certa forma, não comum. A notícia publicada em 7 de outubro, “John Macapá embarca para os EUA, onde encara Scott Cliver pelo Bellator”, tem essa característica não pelo fato de tratar de mais uma luta, mas sim por ter um lutador amapaense como personagem. A competição internacional ganha caráter de inesperado porque não é comum a participação de atletas do Amapá.



Figura 14: Notícia publicada no jornal A Gazeta, na edição de 7 de outubro de 2014.

Diante de tais dados é possível inferir que a predominância no uso do critério de momento do acontecimento, de notas e notícias, fontes oficiais, e a ausência de pluralidade de abordagens sobre as modalidades esportivas, revelam a distância que há na cobertura esportiva realizada pelo jornal A Gazeta em relação ao que se espera de uma abordagem especializada da editoria.

Como já antecipado ao apresentar o contexto em que o jornalismo especializado está inserido, no que diz respeito à sua conceituação, o jornal tende para uma especialização de temas, ou seja, fundada apenas na divisão de cadernos/editorias (Tavares, 2009). Isso significa que o jornalismo praticado por ele não cumpre o propósito de problematizar e intermediar saberes especializados, de maneira que se possa construir um discurso noticioso, ou informacional, que desconstrua a visão fragmentada do assunto.

3.2.2 Jornal Do Dia

3.2.2.1 Gêneros jornalísticos e recursos visuais

De maneira geral, o Jornal do Dia apresenta tendência de cobertura muito parecida com a encontrada no jornal A Gazeta, por esse motivo, na análise das categorias do primeiro

jornal referido optou-se por pontuar principalmente o que se mostra dessemelhante do que foi encontrado neste para não incorrer em redundância. Mas isso não significa que nos momentos em que se perceba a necessidade de traçar os comparativos entre os dois impressos, as informações sejam ignoradas. O Jornal do Dia alterna quanto ao uso de notas e notícias e, por sua vez, não apresenta ocorrência do gênero reportagem. Acredita-se que a opção pelos dois gêneros deva-se ao fato de o diário dar destaque a informações conhecidas no meio jornalístico como “pautas quentes”, produzidas com mais rapidez do que para uma reportagem, por exemplo.

Da amostra coletada (gráfico 9) foi possível constatar que o gênero notícia foi o mais encontrado ao longo do período. Ressalta-se que para a análise a classificação dos gêneros jornalísticos foi tomada o que propõe Melo (1994). E, ainda em relação às características dos gêneros, Sousa (2001, p. 232), ao dizer que “o tamanho da peça também não funciona como um elemento distintivo válido”. Por isso, é importante frisar que o tamanho do texto não foi considerado no momento de categorizar os gêneros, mas sim a forma como foi abordado o conteúdo.

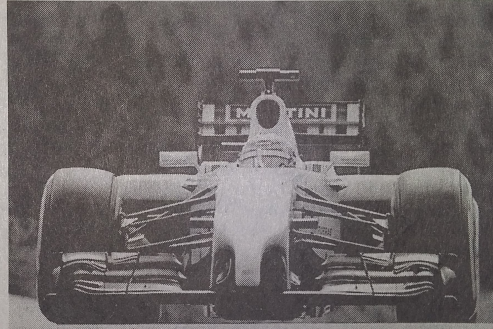
A título de exemplificação do gênero nota cita-se a publicada na edição de 20 de setembro, “Massa diz que traseira do carro apresentou problemas em Cingapura”. O texto serviu ao propósito de informar sobre o treino da véspera da corrida de Fórmula 1 que aconteceria em Cingapura, mais especificamente, o desempenho do piloto da equipe Williams, o brasileiro Felipe Massa. Ao final da nota menciona o que o atleta falou a respeito de treino e as expectativas para a corrida.

Massa diz que traseira do carro apresentou problemas em Cingapura

■ F1

A Williams esperava ter dificuldades no GP de Cingapura por conta das dificuldades da pista de Marina Bay, porém, em nenhum dos dois treinos o time de Grove conseguiu se colocar entre os dez primeiros.

Felipe Massa foi 13º na primeira sessão e 17º e ele disse que teve problemas com a parte traseira de seu modelo FW36, que não se entendeu por completo com as ruas da cidade asiática. “Foi muito pior do que esperávamos. Sofremos bastante para acertar o carro, pois há um problema muito grande na parte traseira



FELIPE MASSA foi 13º na primeira sessão e 17º e ele disse que teve problemas com a parte traseira de seu modelo FW36

do carro”, disse.

“Será uma noite bem longa para tentar acertar o carro. Se conseguirmos, vamos andar mais para fren-

te, mas talvez não tão na frente quanto nas outras corridas. Espero que a gente consiga estar entre os 10 primeiros”, comentou.

Figura 15: Nota publicada no Jornal do Dia, na edição de 20 de setembro de 2014.

Do gênero notícia tem-se o exemplo da edição de 09 e 10 de novembro, “Shogun estreava há 12 anos. Hoje, luta por fim dos altos e baixos no UFC”. O texto apresenta um breve retrospecto da carreira do lutador Maurício Shogun para tratar do atual momento em que ele vive e dos problemas enfrentados na carreira. Trata-se de um comparativo entre o início da carreira de lutador de MMA e o consequente sucesso, e as derrotas recentes que fizeram com que o potencial nas lutas passasse a ser questionado. O relato é sucinto e tem o fragmento de uma entrevista de Shogun no encerramento.



Figura 16: Notícia publicada no Jornal do Dia, na edição de 09 e 10 de novembro de 2014.

O Jornal do Dia demonstra, a partir da escolha dos gêneros, que é um informativo pouco preocupado com discussões mais aprofundadas sobre esporte. O conteúdo, ainda que verse sobre temas variados, tem forte tendência para o factual, seja na forma de abordagem como na escolha do assunto. Ou seja, trabalha-se com aquilo que está em destaque em outros meios.

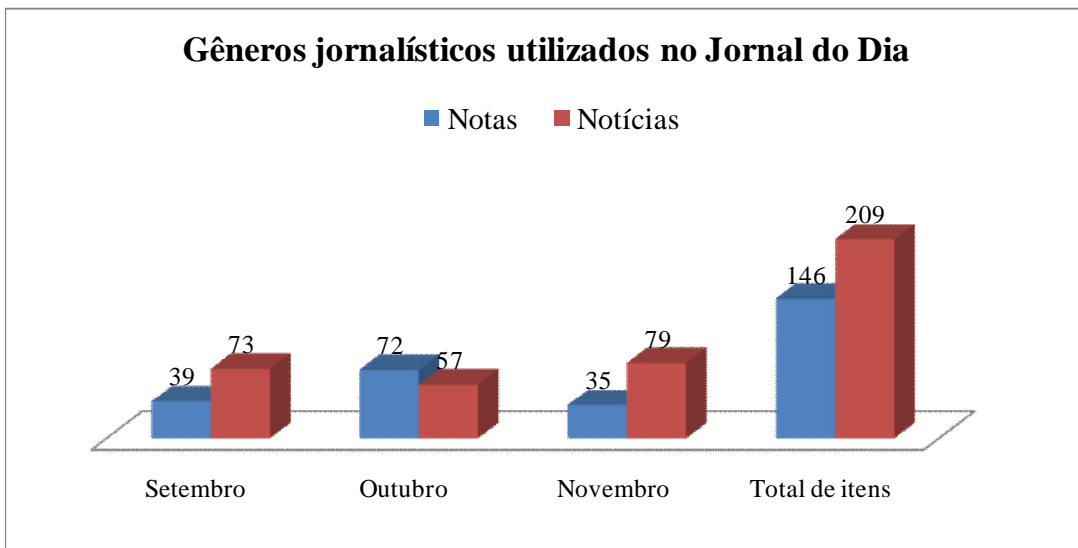


Gráfico 9: Gêneros jornalísticos encontrados no Jornal do Dia. Fonte: A autora (2015).

Da mesma forma que A Gazeta, o Jornal do Dia tem tendência voltada para o uso dos recursos visuais. Daí ter, para a maioria dos itens, uma fotografia ou imagem ilustrando o texto,

ou ainda, box e desenho. No entanto, percebeu-se a ausência de recursos com fins pedagógicos, como infográficos, por exemplo, que auxiliam na ilustração, organização e explicação do conteúdo jornalístico. Assim como no primeiro jornal apresentado, pode-se concluir que o uso de tais recursos revela a importância dada à estética como forma de colaborar para a ênfase de aspectos relacionados ao conteúdo das notícias. Dessa forma, do mesmo modo que se considerou para o jornal A Gazeta, o uso desses recursos cumpre a função de dar um viés interpretativo/aprofundando, exigidos na reportagem, para o conteúdo apresentado no Jornal do Dia. No entanto, similar ao que acontece naquele, o jornal do Dia não faz a seleção das imagens que ilustram o material jornalístico publicado, uma vez que, se trata de notas e notícias retiradas de outras mídias e que, conseqüentemente, são as responsáveis pela escolha dos recursos visuais utilizados.

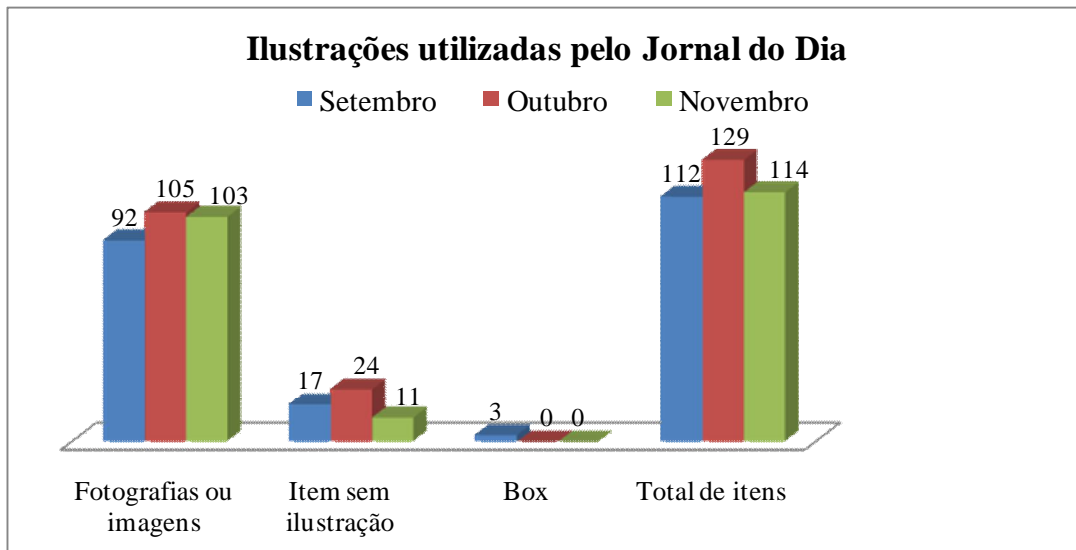


Gráfico 10: Uso de recursos visuais no Jornal do Dia. Fonte: A autora (2015).

3.2.2.2 Distribuição dos itens sobre esportes ao longo do jornal

Em se tratando do espaço ocupado pelos itens sobre esporte, o Jornal do Dia pode ser considerado mais rígido do que o jornal A Gazeta. Isso porque nos três meses investigados não foi possível detectar nenhuma ocorrência de material sobre esporte em outros cadernos. Todos os casos de informações relacionadas ao item esporte foram publicados no caderno específico. Vale dizer que a editoria ocupa uma página do jornal (Caderno C2).

3.2.2.3 Abrangência da notícia

No caso do Jornal do Dia, a opção por conteúdo nacional é mais nítida, porém, nele se percebe abertura de espaço para itens regionais, ao contrário do que acontece no jornal A Gazeta. Lembra-se que, quando se fala da categoria regional considera as notícias oriundas dos outros estados da Região Norte, mas que, no diário trata-se de notícias dos times paraenses Paysandu e Clube do Remo, destacadamente. Exemplo do enfoque dado aos clubes paraenses, cita-se a nota “Atacante Ruan comemora boa fase no Paysandu”, de 6 de novembro, com assinatura da Agência Amapá



Figura 17: Nota publicada no Jornal do Dia, na edição de 6 de novembro de 2014.

Ainda se falando da origem geográfica, um item chama a atenção. No Jornal do Dia alguns clubes de futebol têm mais espaços que outros, e essa conclusão leva em consideração os estados de onde são tais equipes. Do Amapá, o Santos-AP figura mais vezes nas páginas do jornal. Foram 11 vezes ao longo dos três meses. Regionalmente, o clube Paysandu tem mais destaque. Figurou 21 vezes nos três meses. E nacionalmente, o Clube de Regatas Flamengo, com 39 ocorrências. Apesar de poder parecer números não tão significativos, chama a atenção pelo fato de outros clubes não terem sido objeto de produções jornalísticas, ou ainda, figurarem em números não superiores a três.

A razão pela escolha em dar destaque a tais equipes não está clara, mas algumas deduções podem ser feitas. No caso do clube amapaense, justifica-se pelo fato de ele ser o representante do estado na Série D do Campeonato Brasileiro, à época da coleta. Em relação ao Paysandu o motivo que é mais aparente é o fato do clube se encontrar em mais evidência do que o adversário local (Clube do Remo) e, assim como o Santos-AP, o fator participação em competição ser preponderante para ter mais visibilidade também no jornal. À época, o clube paraense disputava a Série C do Campeonato Brasileiro. Quanto ao Flamengo, o que parece mais justificável é o fato do clube ser considerado o que tem mais torcida no Brasil, e por essa razão, entende-se que muitas pessoas estão interessadas em receber informações relacionadas ao time.

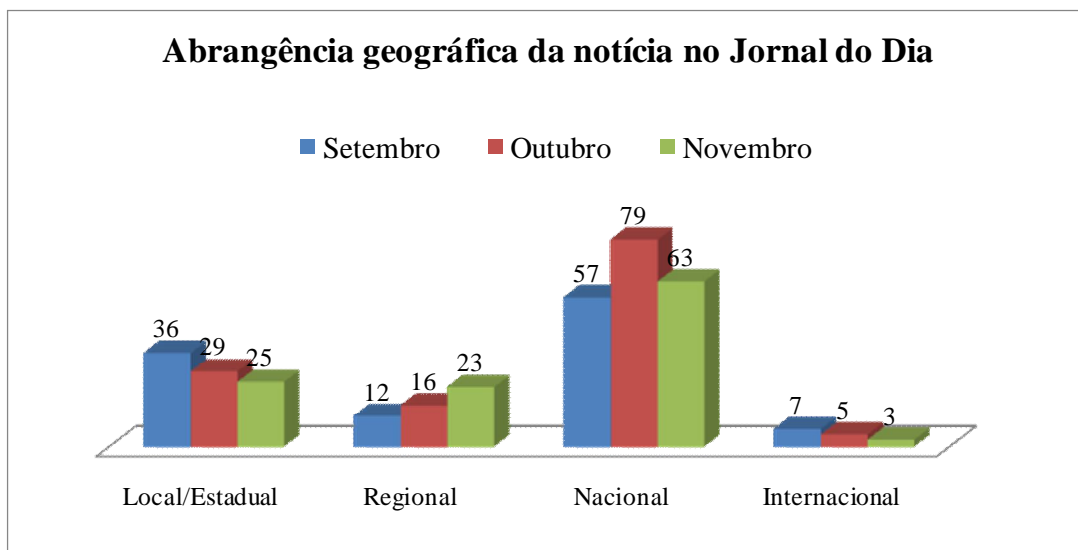


Gráfico 11: Origem geográfica do conteúdo do Jornal do Dia. Fonte: A autora (2015).

3.2.2.4 Autoria dos itens noticiosos

No Jornal do Dia, dos itens clipados em setembro foram publicadas 34 notas ou notícias produzidas por repórteres do jornal, 3 de agências e 75 não foram identificadas. Em outubro foram 36 itens da reportagem local, 2 de agências de notícias, e 91 não identificadas. Em novembro, 25 foram assinadas pela reportagem do jornal; 80 estavam sem identificação; 6 foram retiradas de sites de notícias: 5 do site Uol Esporte e 1 do site do Jornal Folha de São Paulo/Esporte; e 3 de agências de notícias.

Como se percebe, diferentemente do que se observou no jornal A Gazeta, o Jornal do Dia tem casos de material assinado por reportagem local. Deste material, o conteúdo retratado

nas notas e notícias é local. São textos que versam sobre práticas esportivas e competições que acontecem no Amapá, ou de equipes e atletas que participam de competições dentro e fora do estado.

A nota publicada em 20 de setembro, “Equipes disputam finais do Campeonato Municipal de Futebol de Ferreira Gomes” (figura 17); a notícia, de 18 de setembro, “Nadadores amapaenses participam da Copa Brasil Masters de Natação em Foz do Iguaçu”; e a nota “1ª Copa segurança cidadã de Submission reúne mais de 200 atletas”, publicada em 19 e 20 de outubro, são exemplos de materiais assinados pela reportagem do Jornal do Dia.



Figura 18: Nota publicada no Jornal do Dia, na edição de 20 de setembro de 2014.

Também a título de exemplificação cita-se as notas “Equipe de natação do CBM-AP é destaque em competição”, de 4 de novembro (figura 17), e “Atacante Ruan comemora boa fase no Paysandu”, de 6 de novembro, com assinatura da Agência Amapá. Além desses casos, “Números dos finalistas da Copa do Brasil conspiram contra o Cruzeiro”, de 14 de novembro; “Seleção é outra, mas Dunga atual ainda é bem parecido com o de 2010”, de 20 e 21 de novembro, são exemplos retirados do UOL/Esporte. E, ainda, a notícia “Brasil tem mais indicados que a Alemanha na lista de melhores defensores”, publicada na edição de 27 de novembro, do Jornal Folha/editoria Esporte.

Equipe de natação do CBM-AP é destaque em competição

Agência Amapá

Na tarde de sábado, 1º, seis atletas do Corpo de Bombeiros Militar do Amapá (CBM-AP) bateram recordes nas provas individuais nos quatro estilos de nado durante o 1º Torneio Velocidade Poroca Master de Natação 2014, que aconteceu na Piscina Olímpica. Além disso, os militares também conquistaram o recorde da equipe e o segundo lugar geral da competição.

A equipe do CBM-AP, formada pelo tenente Álvaro, sargento Danilo Costa, cabo Anderson e os soldados Vieira, Israel e Aluisio, deu um show de técnica e velocidade, animando quem assistia a disputa. Os bombeiros saíram da competição cheios de medalhas. Foram 11 no total, dez medalhas individuais e uma da equipe;



OS BOMBEIROS saíram da competição cheios de medalhas

dessas, oito de ouro, três de prata e uma de bronze. O tenente Álvaro, do quadro de saúde, destacou a importância da prática esportiva para manter a

qualidade de vida e convidou os militares para fortalecerem o grupo. “Os treinos acontecem à noite, na Piscina Olímpica, e quem tiver interesse em

participar pode entrar em contato comigo ou com o sargento Danilo. O nosso treinamento é acompanhado pelo instrutor Nádilson Costa”, informou.

Figura 19: Nota publica no Jornal do Dia, na edição de 4 de novembro de 2014.

As notas indicadas acima são casos em que o jornal fez menção à autoria, mesmo que não fosse conteúdo próprio. Porém, o que se encontrou – como se verifica no gráfico abaixo –, com grande número de ocorrência, foram as situações em que se ignorou o autor do texto jornalístico, mas, ainda assim, publicou-se no jornal.

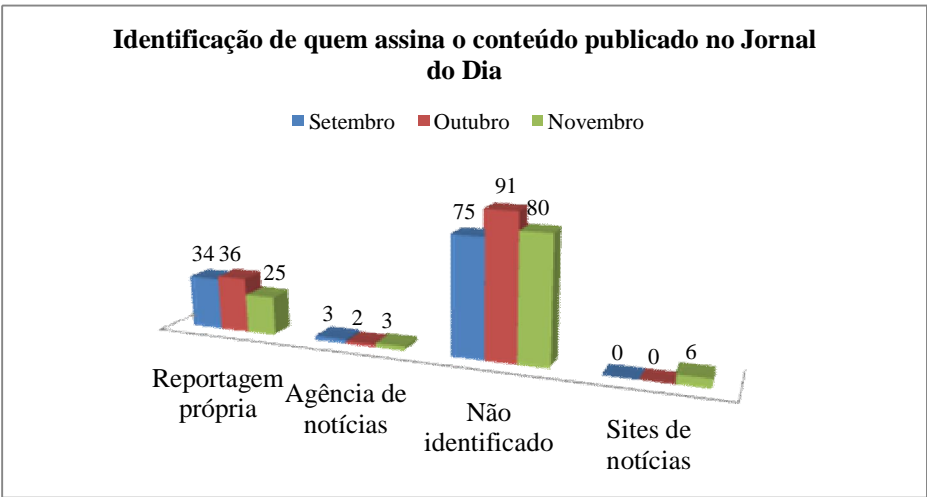


Gráfico 12: Identificação da autoria dos itens noticiosos no Jornal do Dia. Fonte: A autora (2015).

3.2.2.5 Esportes abordados

A contagem mostra 192 casos de itens sobre futebol, no Jornal do Dia, somado ao longo dos três meses; e lutas como MMA, jiu-jitsu, *Taekwondo*, judô, entre outras, tiveram 90 ocorrências ao longo do mesmo período. Isso mostra que tais esportes ganham notoriedade nos diários amapaenses por serem modalidades destacadas nas mídias nacionais. Pode-se deduzir que o jornal também sofre essa influência e, por isso, é pautado e/ou reproduz aquilo que está em destaque além da fronteira do Estado. Assim como na observação do jornal A Gazeta, foi possível perceber que a predominância na cobertura de dois esportes apenas não revela a diversidade esportiva e nem a demanda sobre as questões estruturais envolvendo o esporte no Estado.

Exemplo do destaque dado a esses dois esportes pode ser observado na edição do jornal de 14 de novembro. Nessa publicação encontra-se quatro itens noticiosos. Dois são sobre futebol, mais especificamente de clubes de outros estados – Atlético Mineiro e Corinthians (São Paulo) – e outros dois versam sobre lutas. Uma trata de uma competição de jiu-jitsu que ia acontecer em Macapá, à época, e outra faz um comparativo entre dois atletas de MMA que iriam lutar. A notícia sobre o time mineiro foi retirada do site UOL/Esporte, e os outros três não apresentam assinatura do responsável pelo texto.

Números dos finalistas da Copa do Brasil conspiram contra o Cruzeiro

A façanha é complicada, sobretudo pelos números que ambas as equipes obtiveram recentemente

■ UOL Esporte

Derrotado por 2 a 0, no Estádio Independência, na noite desta quarta-feira, o Cruzeiro precisa vencer o Atlético-MG por, no mínimo, três gols de vantagem para conquistar o título da Copa do Brasil, no Mineirão, no dia 26. A façanha é complicada, sobretudo pelos números que ambas as equipes obtiveram recentemente.

Desde a chegada de Levir Culpi à Cidade do Galo, no final de abril, o time alvinegro ainda não perdeu por três ou mais gols de diferença. As maiores derrotas foram por 2 a 0, ambas na Copa do Brasil. Caso seja derrotado por este marcador, o jogo será decidido nos pênaltis. O time alvinegro ainda perdeu por 3 a 1



LUAN CELEBRA O 1º gol do Galo sobre o Cruzeiro na final da Copa do Brasil e o argentino Diófilo, marcou o 2º gol contra a rapososa

para o Cricúma, resultado que lhe dá o título. O Cruzeiro, por outro lado, venceu o arquirival por um placar que pode lhe render o título em apenas uma oportunidade desde que Marcelo Oliveira assumiu o comando da equipe. Em julho do ano passado, Cuca ainda estava à frente do time alvinegro, quando os cruzetenses venceram por 4 a 1. A escalação contou somente

com Marcos Rocha de titular. O lateral foi improvisado no meio de campo. Nos últimos dois anos, os rivais mineiros se enfrentaram em onze oportunidades. O time celeste obteve apenas um placar que poderia lhe dar a condição de campeão da Copa do Brasil. Apesar de os números jogarem contra o Cruzeiro, o volante Henrique ainda confia na conquista. Ele atribuiu o revés dessa

quarta ao desgaste físico. "Fomos mal. Numa decisão, claro que você se doa ao máximo, no final sempre conquistamos o apêndice. Mas a gente tem confiança, confiança no nosso trabalho", para reverter essa situação", afirmou Henrique.

As viradas obtidas pelo arquirival em um passado recente podem servir de inspiração para o time de Marcelo Oliveira. Após sofrer derrotas idênticas, o Atlético venceu Newell's Old Boys (ARG) e Olimpia (PAR), na Libertadores do ano passado, e Corinthians e Flamengo na atual edição da Copa do Brasil. Embora o adversário da decisão tenha trilhado um caminho que se faz necessário, o treinador do Cruzeiro descarta que utilizará esta situação como um fator de motivação.

"Não nos motivamos ba-

seados em ninguém. Nós nos motivamos baseados na nossa união, na nossa condição, no nosso trabalho. E isso que nos motiva. Temos um grupo de jogadores não só com qualidade técnica, mas muito profissionais e com caráter pessoal. Vamos criar uma estratégia para jogar melhor e apertar o adversário para fazer os gols necessários", afirmou Marcelo Oliveira.

I Copa Iron Man de Jiu-Jitsu reúne os melhores neste sábado e domingo



AS INSCRIÇÕES para o evento serão realizadas até hoje

A I copa Iron Man de jiu-jitsu será realizada nos dias 15 e 16 de novembro, no Ginásio Avertino Ramos. Estima-se que mais de 300 atletas participem da competição que será disputada nas categorias adulta e infantil.

De acordo com o organi-

zador do evento, Junior Magrião, a competição já foi realizada nas modalidades submission, MMA, K-1 e agora pela primeira vez será realizada no jiu-jitsu. "Devido à falta de campeonatos decidi junto com a Federação de jiu-jitsu do estado, realizar esse evento para

ajudar no crescimento do esporte local", garante. As inscrições para o evento serão realizadas até o dia 13 de novembro, os atletas da faixa branca a taxa pagaram R\$ 30,00 de taxa de inscrição, já para os competidores das faixas marrom e preta será de R\$ 50,00.

Mano escolhe Luciano para vaga de Guerrero e segue com problema na defesa

■ Flutador

Em treinamento de ontem, Mano Menezes indicou que Luciano e Bruno Henrique devem ser os escolhidos para a vaga de Guerrero no próximo domingo, em Salvador. O treinador não terá Paulo Guerrero, Nicolás Lodeiro e Angel Romero, a serviço de suas seleções, além de Elias, suspenso.

Na atividade desta tarde, Mano ainda não contou com Cássio e Anderson Martins, que realizam tratamentos específicos. O goleiro não é preocupação, mas Anderson pode ser desfalque na zaga pelo segundo jogo consecutivo. Ele sofre desconfortos musculares e não atuou no fim de semana contra o Santos. Caso não jogue, a



LUCIANO treinou em lugar de Guerrero no ataque corintiano

opção será por Felipe. Escolhido por Mano Menezes, Luciano terá mais uma oportunidade de se mostrar efetivo a partir da equipe titular. No Campeonato Brasileiro, ele marcou seis vezes, mas sempre a partir do banco de reservas. Sem Romero e Guerrero, Mano só terá o jovem Gustavo Tocantins, de 18 anos, como opção para enfrentar o Bahia.

As mudanças realizadas na equipe que venceu o Santos no último domingo devem ser apenas as necessárias em função dos desfalques de Elias e Guerrero. O provável Corinthians para atuar em Salvador é Cássio, Fagner, Felipe (Anderson Martins), Gil e Fábio Santos; Ralf e Bruno Henrique; Malcom; Renato Augusto e Petros; Luciano.

Gordinho mão de chumbo: os segredos de Hunt e as chaves para Werdum pará-lo

■ UFC

É fato que o caminho de Fabrício Werdum para conquistar seu primeiro cinturão do UFC foi facilitado, enormemente quando seu rival original, o campeão Cain Velásquez, deixou o card deste sábado, na Cidade do México, por lesão. Niko é que seu novo oponente, Mark Hunt, seja fraco, mas a realidade é que Velásquez está num nível acima dos demais entre os pesados. Mas isso não quer dizer que o resultado do UFC 180 seja barba de neozelandês tem suas cartas na manga, será perigoso, mas o brasileiro tem habilidade mais que suficiente para derrotá-lo e faturar o título interino.

As armas

Mark Hunt é um veterano de 40 anos, com passagem pelo Pride, Dream e uma longa carreira no K-1. Fica bem claro pelo histórico no kickboxing que seu negócio é nocautear. E ele só apurou sua técnica com o tempo. Depois de um período obscuro na carreira, quando perdeu seis combates seguidos entre 2006 e 2010, ele era considerado aposentado, até reagir no Ultimate e vencer cinco de seus últimos sete combates — só perdeu para Junior Cyano e empatou com Pezlo.

Ainda um brnço por natureza, a experiência e a evolução de seu jogo permitiram ao peso pesado aprender a escolher o conp golpe como uma de suas principais armas. O cruzado de es-

querda é seu gênio-piloto. Foi com ele que nocautou Stefan Struve, e é também um golpe que permite que o neozelandês dispare outros em combinação, principalmente se seu mal for parar na grade. Além disso, seus chutes baixos são potentes, e incomodam bastante quem é alvo deles.

Os problemas

Chamado às pressas para o card na Cidade do México, Hunt tem duas questões a tratar. A primeira é sua perda de peso. Os pesos pesados do UFC tem como limite 120 kg na pesagem, e ele deixou sua casa em direção ao México com 137 kg. A segunda é o gás. Já desgastado pelo corte de peso, Hunt ainda precisa se adaptar à altitude elevada da capital mexicana para suportar cinco rounds contra um Werdum que está na ponta dos cascos e que passou dois meses na cidade.

As armas

Se Hunt é um nocauteador, Werdum poderia simplesmente fugir da troca e usar seu jiu-jitsu de altíssimo nível para finalizar o neozelandês. É uma opção, mas deve ser um plano B ou C para o gaúcho. Desde que sua luta em pé evoluiu, o brasileiro conta com suas combinações para minar os adversários. São jabs, chutes no corpo, chutes altos, joelhadas... Travis Browne sofreu muito com a imprevisibilidade dos golpes de Werdum, que não foram fortes para nocautear-lo, mas fizeram o norte-

americano perder o ritmo de casa.

Como parar Hunt

Dois fatores têm de ser usados por Werdum. O primeiro é controlar a distância. Se deixar o neozelandês se aproximar, o risco de tomar um cruzado ou um upper, como o que nocautou Nelson, cresce. Como o parceiro Jorge Correia já observou, Werdum deve usar a tática de sua luta contra Roy Nelson, em que só lutou em pé e usou muitos chutes frontais no norte-americano para marcar território e atacar com mais tranquilidade. O outro, como ele próprio apontou nesta semana de luta, é cansar Hunt. Werdum é paciente e conseguir controlar o impeto de Hunt nos rounds iniciais é jogar no fôlego para construir a vitória.

Os problemas

Werdum está superconfiante. Um novo lutador desde que trocou seu jogo exclusivamente de chão por um bem mais completo, o gaúcho cresceu exponencialmente e ganhou respeito. Mesmo ao enfrentar um nome jovem e forte como Travis Browne, não tremeu. Mas que isso tirou onda para vencer pontos, com direito a graças. É aí que mora o perigo. Se subir no salto, Werdum pode perder o foco e não ver o punho pesado de Hunt se aproximar. Se controlar este fator, tem meio caminho andado para se juntar a José Aldo no rol dos campees do Ultimate. Uti-

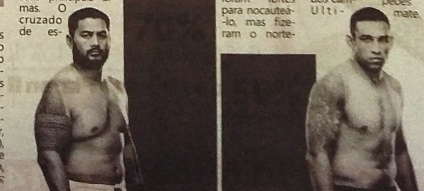


Figura 20: Página da editoria de Esporte do Jornal do Dia, na edição de 14 de novembro de 2014.

Na edição de 20 e 21 do mesmo mês, apenas o futebol ganhou espaço. Foram três itens sobre o esporte. O primeiro, que ocupou mais da metade da página do jornal, trata da Seleção Brasileira, ou melhor, sobre o time preparado pelo técnico Dunga. Essa notícia foi retirada do site UOL/Esporte. Na publicação também tem uma nota sobre o clube carioca Fluminense, e uma notícia sobre o Paysandu (Pará). Ambas não têm assinatura da origem do conteúdo.

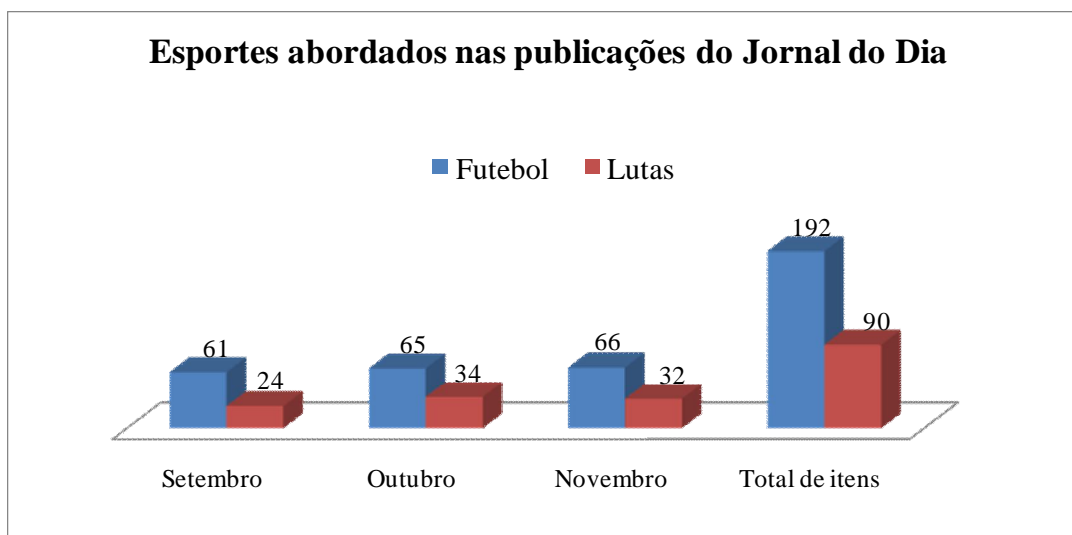


Gráfico 13: Esportes abordados nas edições dos três meses analisados do Jornal do Dia. Fonte: A autora (2015).

3.2.2.6 Fontes

O Jornal do Dia (gráfico 13) revela tendência semelhante ao jornal A Gazeta. Também faz uso de maneira destacada das fontes do tipo oficial, e em segundo lugar, das informais. De igual modo, publica informações sem menção de fontes em algumas edições. O expediente do qual os jornais fazem uso, quanto ao tipo de fonte, revela que a prática é verificada em publicações de fora do estado do Amapá, uma vez que, grande parte do conteúdo publicado nos diários locais é replicado de outros veículos de comunicação, que na maioria das vezes são de outros lugares do Brasil. Isso pode ser observado, também, nos exemplos citados acima, quando se tratou dos esportes abordados no jornal. Tal constatação, longe de ser uma defesa a prática de utilização de conteúdo externo, é frisada aqui com o intuito de ampliar a visão e pensar também no que se produz em outros lugares.

Mais uma vez se destaca que essa predominância de fontes oficiais no jornalismo, e especificamente nos casos analisados na pesquisa, em se tratando de promoção do debate plural, aponta para uma tendência prejudicial à atividade profissional, pois a não abertura para

visões diferentes pode representar perigo para o veículo de comunicação, porque a fonte passa a figurar como detentora da verdade e do espaço também. Nisso, os leitores, telespectadores, ouvintes, etc. podem entender que aquele veículo é “patrocinado” pela fonte e o debate sai da esfera jornalística para ir para o debate ético, que, se confundido, ofusca a notícia e não cumpre o papel de informar.

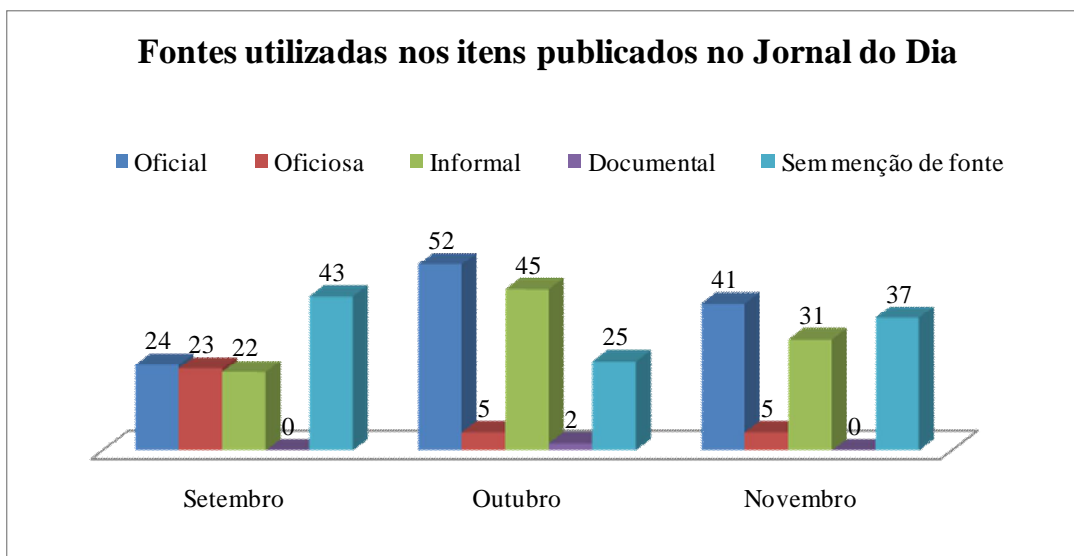


Gráfico 14: Tipos de fontes utilizadas pelo Jornal do Dia nas publicações de setembro a novembro.
Fonte: A autora (2015).

3.2.2.7 Critérios de noticiabilidade

Como aconteceu com o jornal A Gazeta, a pesquisa fez levantamento dos critérios de noticiabilidade usados na editoria de esportes do Jornal do Dia. Por isso, da mesma forma que os critérios foram tomados como unidade de análise importante para pensar o jornalismo especializado no sentido proposto por Tavares, em relação ao primeiro jornal, também se fundamenta quanto ao Jornal do Dia. Ou seja, um jornalismo que tenha como propósito problematizar assuntos e possibilitar construção de conhecimento. Desta forma, buscou-se compreender se esses preceitos podem ser vistos como metodologia do trabalho jornalístico, capaz de propiciar novos produtos (notícias e textos), como apresenta o autor; ou, se, pelo contrário, tornam-se apenas maneiras de prender o jornalismo a modelos pré-estabelecidos.

No Jornal do Dia o critério mais utilizado ao longo do período observado foi o Momento do acontecimento. De igual modo como analisou-se as ocorrências desse critério no jornal A Gazeta, entende-se que as razões por tal escolha perpassa pela lógica do factual, ou seja, da atualidade do assunto no meio da sociedade. Acredita-se que a tendência de interesse

das pessoas em geral, e principalmente do público consumidor de notícias, sempre está inclinada para aquilo que é novo, ou melhor, que é novidade. O que não se confunde com o pouco explorado, já que no caso dos dois jornais amapaenses, o ineditismo é raridade, e o recorrente é preponderante. Daí o baixo número de ocorrências do critério de Imprevisibilidade.

Vê-se também a inclinação em explorar conteúdo pautado na Proeminência social dos sujeitos envolvidos. Mais uma vez se diz, retratar quem ou o que está em voga e é reconhecido no meio social norteia a decisão do que publicar em um jornal. E no caso do Jornal do Dia isso é percebido pelos números: 119 vezes em que o critério foi adotado.

Diferentemente do jornal citado primeiro, este utilizou o critério da Proximidade em menor escala. Mas ainda se considera como algo notável, afinal, foram 95 ocorrências em três meses de pesquisa. Concluiu-se que, todas as vezes em que se publicou um item local, sobre algo ligado diretamente ao estado do Amapá, levou-se em consideração tal método.

Em ambos os jornais encontrou-se conteúdo baseado nos critérios de Consonância, Imprevisibilidade e Significância, porém, foi em número reduzido. Por esse motivo, não dispensou-se muita atenção para analisar tais dados e fixou-se atenção para aqueles que tiverem destaque.

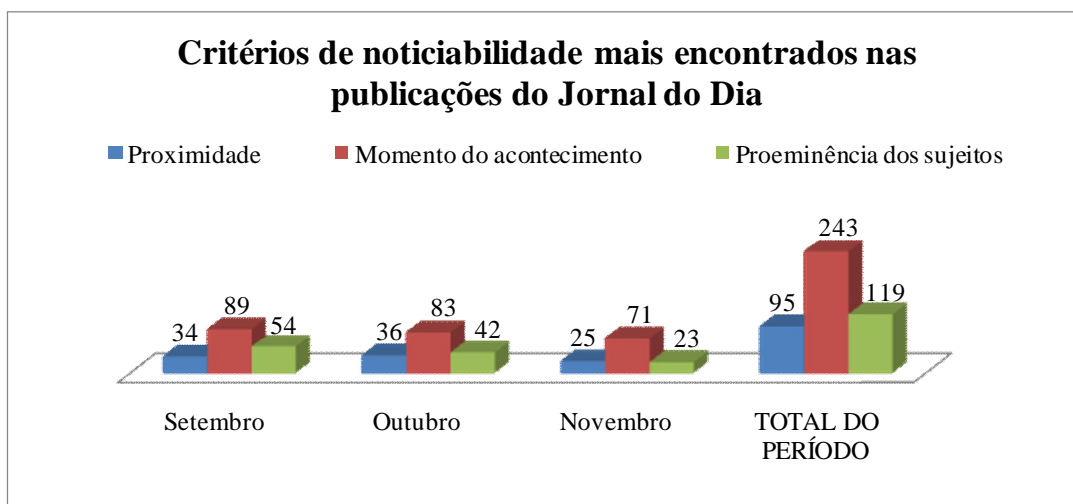


Gráfico 15: Critérios de noticiabilidade adotados nas edições do Jornal do Dia Fonte: A autora (2015).

Da mesma forma que ocorreu na análise d'A Gazeta, no jornal do Dia, os dados demonstram que a predominância no uso do critério de momento do acontecimento, de nota e notícias e inexistência de reportagem, fontes oficiais, e a ausência de pluralidade de abordagens sobre as modalidades esportivas – por conta do foco em dois esportes –, revelam a

distância que há na cobertura esportiva realizada pelo jornal em relação ao que se espera de uma abordagem especializada da editoria.

O jornal tende, de igual modo, para uma especialização de temas, ou seja, fundada apenas na divisão de cadernos/editorias (Tavares, 2009). Isso significa que o jornalismo praticado por ele não cumpre o propósito de problematizar e intermediar saberes especializados, de maneira que se possa construir um discurso noticioso, ou informacional, que desconstrua a visão fragmentada do assunto. Trata-se de um tratamento jornalístico superficial do esporte, com enfoque em questões mais atuais, retratadas em gêneros que não permitem maior profundidade na abordagem, ignorando modalidades esportivas e debates de fontes.

3.2.3 Síntese

A análise feita dos dados ora apresentados permite retomar aquilo que foi abordado no início do trabalho, quando falou-se das teorias do jornalismo que tentam explicar, ou ao menos justificar, a razão das notícias se apresentarem de determinada forma, ou ainda, por alguns assuntos tornarem-se notícias, enquanto outros não atingem tal condição. Como apresentado, o Paradigma Construcionista é aquele que pretende explicar as notícias como um somatório de várias influências e fatores, que resulta das interações e estruturas sociais, em construção permanentemente.

Nesse sentido apoiamo-nos no trabalho de Sousa, ao submeter a Teoria Multifatorial centrada na notícia, para explicar como esta surge e se difunde segundo seis forças: pessoal, social, ideológica, cultural, histórica e do meio físico e tecnológico; e os efeitos fisiológicos, afetivos, cognitivos, e comportamentais gerados. O modelo de Sousa usou da matemática para explicar o que o construcionismo já vinha abordando. Isso significa que a perspectiva Construcionista – Interacionista e Estruturalista – tratada por Traquina já havia percebido a notícia inserida em um meio muito mais amplo e menos isolada do que o apresentado pelas Teorias do espelho, da ação pessoal, organizacional e da ação política.

Quando o autor determina que as notícias estão ligadas às pessoas e às suas intenções, ou seja, resultam da capacidade pessoal dos seus autores e dos atores que nela e sobre ela intervêm, e que a força social pode referir-se aos constrangimentos decorrentes das organizações noticiosas e a todos os constrangimentos que influenciam o jornalismo a partir do exterior, pode-se citar a ocorrência de materiais jornalísticos sem autoria, tanto no jornal A Gazeta quanto no Jornal do Dia, pois, o fato de haver redações sem profissionais contratados

pelo veículo revela uma possível decisão organizacional em preencher conteúdo esportivo de outros meios e, conseqüentemente, ignorar a força pessoal do jornalista/repórter. Assim, o profissional nem sempre vai ter autonomia para ser visto como *gatekeeper*, uma vez que não é ele o responsável pela decisão do que publicar.

Além disso, Sousa entende que a notícia também sofre constrangimentos ideológicos, representados pelas ideologias profissionais da objetividade e do profissionalismo. Ao se analisar o conteúdo dos dois jornais amapaenses vê-se que a opção por republicar notas e notícias de outras mídias revela o nível de profissionalização da própria imprensa local, pautado por relações atreladas a grupos políticos e pouco afeita à lógica empresarial competitiva. A ausência de profissionais nas redações com autonomia e condições institucionais para definir e produzir a notícia esportiva abre espaço para importação pouco criteriosa de conteúdos de outros veículos.

As notícias também variam em função do sistema cultural em que são produzidas. As perspectivas que se têm do mundo e a significação que se atribui a esse mundo são condicionadas por esses sistemas. Ou seja, levam-se em consideração os “enquadramentos” em que foram produzidas e os códigos (simbólicos e culturais) usados para a produção das notícias. A predominância do futebol e das competições de lutas como MMA, jiu-jitsu, *Taekwondo*, judô, etc. como modalidades destacadas no meio esportivo incorpora o que se valoriza no mercado esportivo ou na cultura do esporte reproduzida pela imprensa.

Para Sousa (2002), as notícias dependem, ainda, do meio físico e dos dispositivos tecnológicos sobre o trabalho jornalístico. Ele esclarece que não existem muitos estudos sobre o assunto, mas não por isso pode-se deixar de mencionar que o local apropriado para o trabalho do jornalista e o ambiente que o cerca contribui para a qualidade do que produz, assim como a ação dos dispositivos tecnológicos. Neste aspecto ressalta-se que, apesar de não ser tema da presente investigação, é sabido que o grau de profissionalização da imprensa local estabelece relação direta com a estrutura de que dispõem os jornais impressos amapaenses. Essas condições materiais podem influenciar no modo como é praticado o jornalismo esportivo, que deixa de mostrar o local, próximo, para trazer o que é retratado pela mídia nacional e internacional.

Na força histórica o autor traz à tona os formatos ancestrais de narração, o conceito de atualidade, bem como a evolução histórica da tecnologia que proporcionou ao jornalismo novas tecnologias para a produção e difusão de notícias. Sobre isso pode-se lembrar da influência dos recursos da internet sobre o conteúdo publicado no jornais do Amapá, pois eles se valem do fato de se encontrar conteúdo facilmente acessível na rede mundial de

computadores, visto e propagado com mais facilidade, para encontrar os itens que integram a grande maioria de suas publicações.

Na análise percebeu-se que o jornal A Gazeta bem como o Jornal do Dia são publicações que não fogem daquilo que muito se vê e por vezes se critica em relação à abordagem que se dá ao conteúdo esportivo. Os dois jornais simplesmente tematizam o conteúdo, ou seja, utilizam o critério de dividir em cadernos as editorias e como tendência geral, a cobertura apresentada por eles está pautada na republicação de material de outros meios, com foco para aquilo que a imprensa nacional publica. E neste aspecto, o modelo adotado se afasta da proposta de especialização na notícia por não oferecer tratamento qualificado ao conteúdo apresentado, pois não problematiza nem age como intermediador do saber que envolve o campo esportivo local, que poderia contribuir para a não fragmentação dos assuntos e permitir que os jornais amapaenses não falassem “genericamente de coisas específicas” (TAVARES, 2009).

São notas e notícias ainda atreladas à ideia de factualidade da informação e do sujeito dela, que não se preocupa com a apuração de forma mais detida, e mais, que não se dedica a produção própria. Tal crítica se dirige, sobretudo, ao jornal A Gazeta, pois este, como visto acima, não produz material próprio na categoria de esporte e está sustentado na reprodução de textos de outros veículos, locais e nacionais. O Jornal do Dia, por sua vez, apresenta produções da reportagem local – 95 itens do total de 355 diagnosticados –, mas quando recorre a conteúdo de outros meios, nem sempre faz a devida menção à autoria. Importante dizer que, essa abordagem não consegue colaborar para o debate sobre os assuntos relacionados ao esporte local, que poderiam agendar a imprensa amapaense, mas que, encontram-se reprimidos. Portanto, ao deixar de suscitar debates sobre questões que reflitam a realidade do Estado, os jornais deixam de cumprir o que se espera do jornalismo, enquanto espaço divulgador de informações relevantes e de interesse público.

Também analisou-se o uso de fontes quanto à diversidade de opções usadas nos textos. Pelo que se pode verificar na tabela abaixo, o número que se destaca é do uso de uma fonte apenas para cada texto. Em ordem decrescente tem-se os exemplos, já tratados, em que não aparece fonte citada, além das ocorrências de uso de duas fontes diferentes. A exceção está nesses casos, e que, apesar do número, não significa pluralidade de enfoques, pois há fontes que divergem e outras que apenas reforçam uma única perspectiva.

A observação desses números mostra que na maioria dos textos jornalísticos publicados nos dois jornais o discurso de uma pessoa é tomado como verdade única. Não há contraposições de ideias, apenas o uso de aspas para corroborar com aquilo que já está sendo

dito pelo repórter/jornalista. Isso influencia na pluralidade de informações conferidas pelas fontes, pois esse quantitativo revela que, se uma única fonte “fala” na notícia veiculada, essa pessoa tende a repassar informação não muito diversa. Desse dado também é possível depreender que a fonte diz aquilo que é de seu interesse e da instituição que representa. Logo, se não há contraposição de outras pessoas, o discurso soa como verdadeiro e incontestável.

JORNAIS	A GAZETA			JORNAL DO DIA		
Meses	Setembro	Outubro	Novembro	Setembro	Outubro	Novembro
Uma fonte	79	90	74	64	68	46
Duas fontes	21	36	23	13	29	26
Mais de duas fontes	5	5	7	0	7	5
Sem menção de fonte	19	25	35	35	25	37
TOTAL DE ITENS	124	156	139	112	129	114

Tabela 1: Quantitativo de fontes utilizadas no jornal A Gazeta e no Jornal do Dia. Fonte: A autora (2015).

O conteúdo encontrado nos jornais A Gazeta e Jornal do Dia mostra-se fechado à propositura de debates e reflexões em relação ao meio que circunda a editoria de esportes. Isso é verificado no alto índice de notas e notícias de cunho exclusivamente esportivo, que têm como foco, normalmente, atletas, competições, clubes, equipes, torcida, eventos esportivos. A crítica que se faz apoia-se naquilo que propõe Cremilda Medina, como já citado anteriormente, quando apresenta o debate relacionado às práticas narrativas que levam à “fragmentação das ideias, a dispersão interpretativa dos acontecimentos, a incapacidade de articulação dos nexos de sentido” (MEDINA, 2008, p. 78). No caso dos jornais, o teor das informações passa na maioria das vezes pela ideia de falar de competições que vão acontecer, estão acontecendo ou que já encerraram; do rendimento de atletas; do resultado de jogos. Itens com temas que fogem dessa ideia são raros. Para Bueno (2005, p. 2), “a cobertura esportiva (mas também a econômica e a política, para só citar outros dois casos) se ressentir desta fragmentação, que fundamenta e legitima equívocos lamentáveis”.

O autor enumera alguns desses equívocos. Em primeiro lugar, cita a preocupação quase exclusiva com o futebol, que, muitas vezes, desconsidera a existência de outros esportes. Em segundo lugar, “a cobertura esportiva limita-se a um espaço de atuação limitada, que se confunde, quase sempre, com o antes, durante e depois dos jogos e competições” (Bueno, 2005, p. 6).

Em terceiro lugar, trata do, segundo ele, preconceito que a imprensa esportiva (veículos e profissionais) tem em relação aos clubes e esportes de menor expressão, dando ênfase apenas ao que acontece nos grandes centros. Em quarto, menciona a figura do jornalista-torcedor, que demonstra favorecimento às equipes de maior torcida ou que são de

sua preferência. Em quinto, destaca a má qualidade da informação jornalística associada à cobertura esportiva no País, no que diz respeito a pouca apuração. E por último, o jornalismo esportivo, diante da grande preocupação com a audiência, ultrapassa o limite ético ao desrespeitar a vida privada das pessoas envolvidas com esporte, sustentado na ideia de que, por serem pessoas reconhecidas pelo público, não têm privacidade.

Ainda sobre definição de jornalismo esportivo, Gurgel pontua:

É uma atividade especializada de Jornalismo na qual são transmitidas informações, opiniões (interpretações e críticas) e análises do esporte em qualquer aspecto de sua abrangência sociocultural. O jornalismo esportivo é exercido por jornalistas com conhecimento em esportes em geral ou em aspectos esportivo. (...) A cobertura jornalística esportiva, na sua maioria, é setORIZADA, podendo incidir sobre clubes, modalidades, entidades dirigentes ou outros aspectos esportivos importantes (GURGEL, 2009, p. 719).

O autor considera a conceituação bastante “tradicional e até utópica”, no que diz respeito ao que se entende como jornalismo esportivo e sobre a prática da profissão. Por isso, Gurgel (2009, p. 195) defende a necessidade em se buscar literatura mais recente sobre o assunto, com o objetivo de fazer abordagem mais ampla, que “traz uma ruptura e uma atualização do entendimento sobre o ‘fazer jornalismo esportivo’”.

Também para o autor, o fato de o jornalismo esportivo não se dar conta da “sua real dimensão” na sociedade atual colabora para que aspectos ligados ao esporte de alto rendimento se sobressaiam na agenda jornalística. Isso faz com que haja pouco debate sobre questões ligadas a esporte amador, políticas públicas e privadas no âmbito esportivo, promoção do esporte como fator de qualidade de vida, do impacto cultural do esporte na sociedade, entre outros fatores, que poderiam estar na cobertura jornalística diária do esporte amapaense, mas são ofuscadas pelos assuntos da mídia nacional (GURGEL, 2009).

As conclusões a que chega o autor corrobora com o que se observou na análise do conteúdo publicado, ao longo do trimestre (setembro, outubro e novembro), nos jornais A Gazeta e Jornal do Dia. Percebeu-se que a maneira com que os temas esportivos são retratados nos dois diários demonstra falha na busca por apresentar a editoria para além da cobertura factual e de temas recorrentes, em um rol quase que fechado de assuntos e formatos.

A pesquisa revela uma espécie de “engessamento” na abordagem dos assuntos. A escolha dos esportes que têm espaço nas publicações é influenciada pela mídia nacional, e mais, as equipes e os atletas retratados no material que se veicula na maioria das vezes são de uma realidade diferente da vivida no Amapá. Isso é constatado, ainda, no uso dos critérios de noticiabilidade e no recorte geográfico dado pelos jornais.

A análise em relação à assinatura dos itens também revela que o material usado nos jornais amapaenses é pautado por outros veículos, sejam os locais, sejam os de outros estados. Portanto, mais uma vez se observa que o que é produzido, e reproduzido, pela reportagem dos jornais recebe influência daquilo que já alcançou posto de noticiável por outros meios. O jornal não faz suas próprias escolhas, apenas se adapta a um modelo que julga conveniente.

A partir do momento que a imprensa esportiva do Amapá – jornais A Gazeta e Jornal do Dia – desconsidera os assuntos agendados localmente e optam por conteúdos originários de outras partes do Brasil, ela deixa de levar em consideração aquilo que o leitor poderia encontrar sentido por estar relacionado à sua realidade próxima.

Por outro lado, essa opção pode representar que os impressos preferem abordar o que circula na imprensa nacional porque são assuntos ditos de interesse da maioria das pessoas que buscam as notícias sobre esportes. Mas isso demonstra, no entanto, que ao procederem desta forma, os jornais corroboram para a polarização de temas e não conseguem especializar o conteúdo de forma que esses assuntos manifestem interesse no leitor de uma maneira geral, sem fragmentar as ideias e desarticular os nexos de sentido (MEDINA, 2008).

Na ótica da perspectiva estruturalista, reconhece-se a autonomia relativa dos jornalistas, para dizer que eles podem “escolher” o que vai ser noticiado, posto que, ela “defende a posição de que os valores-notícia dos jornalistas têm um papel central na reprodução da ideologia dominante” (VIZEU, 2003, p. 8).

Observando os valores notícias e a tendência de cobertura identificada no jornalismo impresso local, nota-se a inclinação em reproduzir o conteúdo esportivo, a partir dos critérios de outros jornais. Quando a cobertura volta-se para realidade local, o que se observa é a mesma perspectiva reprodutivista ao apresentar os fatos, a partir de um ponto de vista pouco plural e em consonância com o discurso da fonte notadamente oficial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A decisão em se investigar a cobertura jornalística na editoria de Esporte no jornalismo impresso do Amapá partiu de uma inquietação em saber que tipo de tratamento a notícia sobre o assunto recebe dos veículos amapaenses. O resultado da pesquisa, no entanto, revelou a fragilidade com que se desenvolve a atividade jornalística no Estado e em que ela se apóia, pois demonstrou que o conteúdo não é pensado sob a perspectiva de especialização enquanto construção de conhecimento, ou seja, com o objetivo de fazer o leitor pensar criticamente e de maneira ampla, mas aprofundada, sobre os assuntos que envolvem o esporte.

Além disso, a cobertura feita é muito mais voltada para acontecimentos corriqueiros, sem aparente interesse em explorar conteúdos que aproximam o esporte de outras áreas, como política, economia, educação. O que se constatou, a partir da análise de conteúdo dos critérios adotados, demonstra que a especialização é sinônimo de cadernização, pois está relacionada apenas ao espaço ocupado nos cadernos designados à editoria no jornal A Gazeta e Jornal do Dia.

Esse resultado é visto com preocupação no que se refere ao tipo de cobertura jornalística realizada, pois se entende que o jornalista deveria desenvolver suas atividades com foco na produção de conteúdo que ofereça saberes especializados, independente da editoria e/ou temática abordada. Por isso, acredita-se que este estudo, que apresentou uma abordagem exploratória sobre o tema, a partir da análise do conteúdo de dois jornais, contribui para as discussões que precisam ser feitas em relação à prática do jornalismo esportivo no Amapá como um todo, principalmente no que se refere à importação de modelos praticados em outros ambientes, que se distanciam da realidade do Estado e de suas necessidades.

Em ambos os jornais analisados, representação sobre a agenda esportiva é deficitária e pouco representativa das questões de interesse público que permeiam as políticas para o esporte regional. Em uma leitura sobre como as notícias se constroem, o que se pondera é que as decisões editoriais estão atreladas a um viés que concebe o jornal como espaço de difusão de conteúdos, sendo a editoria de esporte mais um espaço a ser preenchido de forma instrumental e burocrática para garantir o fechamento da edição, desconsiderando o processo produtivo que envolve debates e disputas por uma pauta interessada e estrategicamente orientada.

A evidência disso é a reprodução em grande escala de material retirado de outros veículos. E, ao fazerem isso, deixam de lado a própria linha editorial, para assumir o formato escolhido pelo outro, que na maioria das vezes, preocupa-se apenas em publicar conteúdo factual, motivado pela rapidez com que os fatos acontecem. Além disso, mesmo a reprodução de notícias e notas com base em critérios de noticiabilidade pautados em acontecimentos do momento produz conteúdos que se restringem a esses fatos – com o agravante de estar concentrado na abordagem nacional, e não local – não cumprindo nesse sentido a proposta de tratamento aprofundado da informação.

A implicação de tudo isso é uma prática jornalística sem identidade, porque não consegue implementar um modelo próprio de cobertura, capaz de enfatizar questões vivenciadas no próprio Estado em se tratando das demandas, cenários e desafios para o esporte local.

Ao desprezar a discussão dos problemas encontrados na própria gestão do esporte relacionadas às políticas públicas para a área, pode-se dizer que o jornalismo não cumpre como esfera pública a função de agendar com criticidade as questões de interesse público envolvendo o esporte. Pelo que se percebe, há conteúdo a ser retratado, mas que não ganha visibilidade nem é problematizado pela imprensa local pela excessiva reprodução de conteúdos pautados por veículos nacionais e/ou internacionais. Disso resulta a ausência de variedade de abordagens, com ofuscamento de muitas demandas que são de interesse público e que poderiam gerar notícia.

Assuntos, do esporte amapaense, como falta de patrocínio, precariedade de algumas modalidades esportivas, crises em federações, problemas na gestão do esporte, entre outros, poderiam ter mais visibilidade nos impressos – e nas outras mídias –, mas muitas vezes ficam de lado para dar espaço a notícias de outros estados ou países. E quando são colocadas no noticiário local, se perdem com muita rapidez, pois são tratados esporadicamente, sem oferecer conexão entre os fatos, sem esforço de contextualização para o para o leitor.

A perspectiva estruturalista da notícia fica evidente como consequência da manutenção de um modelo – que opta pelo factual, pelo reiterado uso de notas e notícias, que intensifica a cobertura de poucas modalidades esportivas, que favorece o discurso de poucas fontes – experimentado e utilizado em uma cobertura factual, com critérios de noticiabilidade próprios de outros veículos. O resultado é uma cobertura local que ignora o contexto maior, voltado para as questões políticas, econômicas, sociais, etc. que tangenciam o esporte amapaense.

Além disso, como outrora pontuado, o fato de as notícias serem reflexos construídos pela ideologia dominante do campo esportivo (evidente na predominância de fontes oficiais em toda a cobertura), atrelada à linha editorial dos veículos impressos locais e, portanto, a interesses comerciais dos donos dos meios de comunicação, contribuem para abrir pistas capazes de explicar os critérios de noticiabilidade e a manutenção do modelo reprodutivista do noticiário esportivo local, identificados pela presente pesquisa.

Na rede de interações que influenciam na construção noticiosa sobre o esporte, o desequilíbrio do discurso oficial, a abordagem factual e descontextualizada sobre a agenda esportiva, a cobertura distanciada da realidade esportiva local fazem da editoria de esporte um espaço a ser preenchido com conteúdo dessa área específica (a conferir pelo número excessivo de conteúdos sem assinatura de repórteres dos próprios jornais), revelando assim uma perspectiva editorial que pauta o agendamento pela necessidade do veículo em publicar e não do interesse público (e do público) que orienta o consumo da informação esportiva.

Essa relação estrategicamente desinteressada e pautada na visibilidade do fato e/ou personagens esportivos, quando locais, evidenciam como o esporte local quando inserido no espaço dos jornais impressos assumem contornos estratégicos que perpassam pela politização em alguns casos dessa agenda de cobertura pela própria relação que esporte e política assumem na tradicional cobertura editorializada que é característica dos jornais impressos locais. Esse tema se torna agenda de futuras investigações na área de jornalismo esportivo, que a presente pesquisa revela ser interessante para ampliar a compreensão em torno do campo.

REFERÊNCIAS

BUENO, Wilson da Costa. **Chutando pra fora: os equívocos do jornalismo esportivo brasileiro.** In: José Carlos Marques; Sérgio Carvalho; Vera Regina T. Camargo. (Org.). Comunicação e esporte-tendências. 1 ed. Santa Maria: Editora Pallotti, 2005, v. 1, p. 13-27. Disponível em: < <http://comtexto.com.br/criticom/textos/wilson-bueno/chutando-fora.pdf>>. Acesso em 7 ago. 2015.

CARRASCOZA, João Anzanello; FURTADO, Juliana de Assis. **O pensamento estruturalista e as teorias de comunicação.** In Comunicação, Mídia e Consumo, Vol. 6, N. 16, p. 173-183. São Paulo: jul. 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comunicacaomidiaeconsumo/article/viewFile/6853/6189>> Acesso em 23 maio 2015.

CARVALHO, Carmen. **Segmentação do jornal, a história do suplemento como estratégia de mercado.** In Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação: V Congresso Nacional de História da Mídia, p. 1-16. São Paulo: 31 maio-02 jun. 2007. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/5o-encontro-2007-1/Segmentacao%20do%20jornal-%20a%20historia%20do%20suplemento.pdf>> Acesso em 23 out. 2014.

CARVALHO, Virgínia Donizete de; BORGES, Livia de Oliveira; RÊGO, Denise Pereira do. **Interacionismo Simbólico: Origens, Pressupostos e Contribuições aos Estudos em Psicologia Social.** In Psicologia, Ciência e Profissão, n. 30 (1), p. 146-161, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v30n1/v30n1a11.pdf>>. Acesso em 23 maio 2015.

FARAGO, Cátia Cilene; FOFONCA, Eduardo. **A análise de conteúdo na perspectiva de Bardin: do rigor metodológico à descoberta de um caminho de significações.** Disponível em: <<http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao18/artigos/007.pdf>>. Acesso em 23 out. 2014.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa da. **Análise de conteúdo.** In DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Org.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2011.

GURGEL, Anderson. **Desafios do jornalismo na era dos megaeventos esportivos.** In Motrivivência, Ano XXI, Nº 32/33, p. 193-210. Jun-Dez./2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/viewFile/2175-8042.2009n32-33p193/14119>>. Acesso em 20 nov. 2014.

HERSCOVITZ, Heloiza. **Análise de conteúdo em jornalismo.** In BENETTI, Marcia; LAGO, Cláudia (Org.). Metodologia de Pesquisa em Jornalismo. 1ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

LEANDRO, Paulo Roberto. **Jornalismo esportivo como especialização capaz de ampliar a autonomia em relação a fontes interessadas em desenvolver carreira política.** Disponível em: <<http://revistas.faculdadesocial.edu.br/index.php/dialogospossiveis/article/view/111/75>>. Acesso em 23 out. 2014.

MEDINA, Cremilda. **Déficit de abrangência nas narrativas da contemporaneidade.** In Matrizes, Ano 2 – nº 1, 2008. Disponível em: <<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/viewFile/181/303>>. Acesso em 23 out. 2014.

ROCHA, Décio; DEUSDARÁ, Bruno. **Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações e afastamentos na (re) construção de uma trajetória.** Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/alea/v7n2/a10v7n2.pdf>>. Acesso em 11 nov. 2014.

ROCHA, Heitor Costa Lima da. **Habermas e a Teoria do Jornalismo: a manipulação ideológica no jornalismo como distorção sistemática da comunicação.** Disponível em: <http://www.ec.ubi.pt/ec/04/html/04-Heitor_Rocha-Habermas_e_a_Teoria_do_Jornalismo.html> Acesso em 21 maio 2015.

SALATIEL, José Renato. **Estruturalismo: quais as origens desse método de análise?** UOL Educação. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/filosofia/estruturalismo.jhtm>>. Acesso em 23 maio 2015.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/viewFile/2091/1830>>. Acesso em 23 maio 2015.

SILVA, Gislene; PONTES, Felipe Simão. **Teorias da Notícia: impasses para a Teoria do Jornalismo.** Disponível em: <http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/coordenada_11_gislenesilva.pdf>. Acesso em 3 ago. 2015.

SILVEIRA, Nathália Ely da. **Jornalismo esportivo: conceitos e práticas.** Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/22683/000740013.pdf>>. Acesso em 21 nov. 2014.

SOUSA, Jorge Pedro. **Construindo uma Teoria Multifactorial da Notícia como uma Teoria do Jornalismo.** Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-multifactorial-jornalismo.pdf>>. Acesso em 23 out. 2014.

_____. **Construindo uma teoria do jornalismo.** Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-construindo-teoria-jornalismo.pdf>>. Acesso em 23 out. 2014.

_____. **Elementos de jornalismo Impresso.** Porto, 2001. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf>>. Acesso em 23 out. 2014.

SOUSA LI-CHANG, Shuen Cristina Silva. **Cobertura esportiva na televisão: critérios de noticiabilidade na interface entre Jornalismo e Entretenimento.** Disponível em: <http://sbpjour.kamotini.ghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/ind_li_chang_sousa.pdf>. Acesso em 11 nov. 2014.

_____. **Noticiário esportivo no Brasil: uma resenha histórica.** Disponível em: <<http://jornalismo.ufma.br/licristina/files/2014/01/1%C3%A2mina.pdf>>. Acesso em 11 nov. 2014.

STRELOW, Aline. **Análise global de processos jornalísticos: uma proposta metodológica.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. Disponível em <<http://www.pucrs.br/edipucrs/analiseglobal.pdf>>. Acesso 26 nov. 2014.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. **O jornalismo especializado e a especialização periodística.** *In* Estudos em Comunicação, nº 5, p. 115-133, Maio de 2009. Disponível em: <<http://www.ec.ubi.pt/ec/05/pdf/06-tavares-acontecimento.pdf>>. Acesso em 11 nov. 2014.

_____. **Uma especialização que vem da especialidade: das aproximações entre revista e jornalismo especializado em Vida Simples.** *In* Brazilian Journalism Research - volume 7 - número LI, 2011. Disponível em: <bjr.sbp.org.br/bjr/article/view/344/317>. Acesso em 6 jun. 2015.

_____. **A especialização jornalística como teoria e objeto: contornos e limites.** *In* Revista Comunicação Midiática, v.7, n.1, p.96-116, jan./abr. 2012. Disponível em: <http://www.mundodigital.unesp.br/revista/index.php/comunicacaomidiatica/article/viewFile/160/104>. Acesso em 11 nov. 2014.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são.** 2 ed. Florianópolis: Insular, 2005.

VIZEU, Alfredo. **O Jornalismo e as “teorias intermediárias”:** cultura profissional, rotinas de trabalho, constrangimentos organizacionais e as perspectivas da Análise do discurso (AD). *In* Actas do XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação [CD-ROM], celebrado em Belo Horizonte. São Paulo: INTERCOM. 2003. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/vizeu-alfredo-jornalismo-teorias-intermediarias.pdf>>. Acesso em 7 ago 2015.